

Revista

— DE —

Ensino

Orgão Oficial

DO DEPARTAMENTO GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA DO ALAGOAS
E DA SECRETARIA ALAGOAS DE EDUCAÇÃO



ALAGOAS
Estado de Alagoas
BRASIL

BIBLIOTECA DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
4. 3. 1931

REVISTA DE ENSINO

Orgão Official

DO

Departamento Geral da Instrução Publica e da Sociedade Alagoana de Educação

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

N. 24--Fevereiro-Março--1931

Assignatura annual.	24\$
semestral.	12\$
Numero avulso.	4\$



Imprensa Official

REDACÇÃO :

RUA DA BOA VISTA N. 184, 1.

MACEIO'

REVISTA DE ENSINO

Órgão Oficial do Departamento Geral da Instrução Pública e da Sociedade Alagoana de Educação

ANNO V

Maceió, Fevereiro — Março de 1931

N. 24

CIRCULO DE COLLABORAÇÃO EDUCACIONAL

Auryno Maciel

(da Escola Normal de Alagoas)

Discurso por ocasião da "Festa do Livro" no Grupo Escolar "D. Pedro II" e da fundação da sociedade desta epigraphie em 22 de março corrente.

O milagre da civilização é, sem duvida, a solidariedade, a collabora-
ção, a harmonia.

Esta casa, ou melhor, para falar a linguagem dos pobres de espirito,
este templo, não podia ser construido com a simples vontade das pedras.

E' verdade que as historias antigas contam de um musico e poeta —
até o nome d'elle era Amphião — que cantava e tocava tao bem que con-
struiu os baluartes de Cadmêa, fazendo com que, ao som de sua voz e de
sua lyra, as pedras fossem por si mesmas collocando-se umas sobre as
outras.

Pôs em verso essa leada pittoresca um dos maiores nomes que já tive-
ram as boas letras de França, Boileau:

*Aux accords d'Amphion les pierres se mouvaient
Et sur les murs thébains en ordre s'élevaient.
L'harmonie en naissant produisit ces miracles.*

Conta ainda a historia sagrada que a cidade de Jericó se pervertera
e, por isso, caíra das graças do Senhor que mandou castigá-la: e ao som
das trombetas dos anjos, as suas muralhas de pedra, tementes, com cer-
teza, da colera divina, desabaram com fragor, para humilhação e escar-
mento dos peccadores obstinados.

Não estranheis, portanto, que vos fale na vontade das pedras.

Assim tambem a vontade dos homens acode ao toque de rebate do al-
truismo para edificar as obras espantosas do bem commum.

Nesta festa fazem-se duas grandiosas consagrações: a consagração do
livro e a consagração da solidariedade.

Falando do livro, vêm-nos logo á lembrança os versos hyperbolicos do
poeta:

O livro caindo nalma
E' germe que faz a palma,
E' chuva que faz o mar.

Mas, pensando bem, num pais em que os tributos sobre a industria do
livro impresso são verdadeiramente prohibitivos, uma festa do livro é
quase perversa.

A situação do nosso livro, em face da legislação aduaneira, é simples-

mente calamitosa. Os livros estrangeiros pagam no Brasil imposto de entrada.

Só os livros portuguezes não pagam cousa alguma.

Essa excepção, entretanto, que á primeira vista pode parecer honrosa, intelligente e benemerita, é nimiamente humilhante, estúpida e detrimetosa do livro brasileiro e da cultura nacional.

Portugal é o unico pais do mundo que fala o nosso idioma. Pois só a Portugal, exclusivo concorrente do nosso livro, se dispensa o imposto cobrado sobre o livro de todos os povos!

E' uma vergonha que em 100 brasileiros apenas 14 saibam ler. Mas os legisladores da Republica Velha, perseguindo com imposto a entrada do livro estrangeiro e, para proteger os fabricantes nacionaes de papel, tributando em mais de 3.000 % o producto advena, tiraram-nos duas armas poderosissimas para o combate aos 86 % dos analphabetos brasileiros: as nossas *elites* não podem, folgadoamente, fazer o intercambio espirital com o mundo nem alargar a area de expansão das nossas boas letras.

Não deixam, todavia, de ser nobres e admiraveis os intuitos desta festa do Sr. Craveiro Costa, porque nella pelo menos os meninos recebem com o seu primeiro livro uma impressão que pode ficar-lhes indelevel, aprendendo a querer ao seu presente como a melhor fortuna que possam conquistar pela vida adiante.

Por outro lado, esta festa assignala nos fastos da nossa vida escolar uma victoria magnifica da Revolução Brasileira em materia de Instrução Publica nas terras de Alagoas.

A mim me é particularmente grato ser o arauto casual dessa victoria, porque, falando-vos como amigo da Instrução Popular, como professor, como pae, e sobretudo como membro da Sociedade Alagoana de Educação, trago no olhar scintillante de alegria o sentido todo desta solennidade, em que se reflecte um apice do pensamento dos espiritos bons, amigos do nosso Estado e do seu futuro, que levantaram a bandeira da S. A. E. em prol da Escola Nova.

Foi no seio da Sociedade Alagoana de Educação que primeiro se falou entre nós da "festa do livro". E justamente no dia em que se fundou essa já hoje benemerita instituição, o seu 2º Secretario, Sr. Prof. Luis Cerqueira, na conferencia com que marcámos essa brilhante ephemeride, contou como viu fazer-se em S. Paulo a solennidade que o Sr. Craveiro Costa acaba de reproduzir, encantadoramente, no seu Grupo Escolar.

Fundada a nossa Sociedade entre as mais prestigiosas sympathias officiaes, a meia duzia de confrades que saíram a campo, entre os quaes o Sr. Director do Grupo Escolar D. Pedro II é dos mais autorizados expoentes, mal havia recolhido os primeiros louros sentimentaes, se convencera de que o Estado Velho tinha de proposito as orclhas moucas para as nossas vozes clamantes e o nosso entusiasmo.

Encontrámos a resistencia da opinião fundada em mero senso commum, de que, sem dinheiro, não se podia ou não se devia tratar de Instrução.

Devia-se certamente esperar que, não sendo mais tempo de cair maná do céu, os pedregulhos das estradas florescessem e frutificassem...

O que é certo é que o caso de Alagoas é unico na politica educacional do Brasil.

Porque, na verdade, não tínhamos dinheiro, não devíamos pretender uma reforma integral, de cima para baixo, do nosso aparelho pedagogico.

Não podíamos gastar com a nossa Instrução nem o que gastava Pernambuco antes da benemerita reforma Escobar! E por isso só era consentaneo começar a reforma de baixo para cima: devia-se começar, como se co-

meçou, pela actualização dos programmaes primarios, uma vez que, na capital pelo menos, havia um professorado de *elite*, com capacidade sufficiente para executá-los no sentido da escola de transição.

Na Directoria da Instrução Publica viemos a ter outro aliado de esplendida bravura, que logo tomou a espada de commandante.

E antes da Revolução, eramos, nas conferencias e nos planos estrategicos registrados nas actas da nossa Sociedade, como dizia Santo Agostinho — os guerreiros da paz.

Dessa collaboração, dessa união de vontades, dessa unidade de vistas, nasceu o Curso de Aperfeiçoamento para Professores, o Curso de Conferencias Pedagogicas, a Cruzada Pedagogica de Alagoas, o Curso de Educação Sanitaria e os actos que o Governo do Estado tornou definitivos para que não nos envergonhassemos deante da obra pedagogica de S. Paulo, do Rio de Janeiro, do Espirito Santo, de Minas Geraes, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, da Bahia.

A Republica Nova encontrou a machina da administração publica montada. Faltava só gente direita que a fizesse andar pelos trilhos necessarios.

Ainda estou que onde os homens são máos todas as formas de governo são pessimas. Por mais sabias que sejam as leis que lhes sirvam.

E o veneroso patrono desta Casa dizia com profundo conhecimento de homem de Estado que isso de forma de governo era simples questão de esthetica.

O Erario precisava apenas de uma coragem intrepida de ser sovina, para fazer o dinheiro do povo esquentar o lugar que lhe competia no Thesouro, gastando só o imprescindivel, como quem roe as unhas, até poder atacar os compromissos não honrados.

A Justiça tinha os olhos vendados, e na mão a velha espada bigúmea: a mesma imagem formosa e intemerata que se contempla na estampa classica; e, se existisse alguma excepção deshonrosa, esta não estaria Deus louvado, no Tribunal, onde é fama publica que a menor virtude do direito é a honestidade.

O resto carecia apenas de boa vontade e pulso forte. Com especialidade quanto á Educação e ao Ensino, onde todos os elementos estavam, disciplinados e de pé, á espera do verbo magico.

O Sr. Craveiro Costa podia dizer que a sua festa era de largas alviças ao espirito novo do Brasil, endereçadas á Dictadura Esclarecida que deu á Educação Nacional o seu Ministerio.

Nós não ficámos diminuidos, deante do pensamento e da obra pedagogica da Revolução. Antes nos sentimos exalçados pela palavra dos proceres della, porque, com elles, e até antes delles, traçámos os caminhos certos e triumphaes por onde chegamos sem constrangimento, ufanos dos proprios actos commettidos, a esta hora de incomparavel esplendor.

Como ia dizendo, esta Casa, ou se quizerdes — este templo, é um dos poucos, mas admiraveis, testemunhos do quanto pode o espirito de collaboração.

Em 1879 governava o triangulo patricio o dr. Cincinato Pinto da Silva, a cuja memoria devemos render as mais fervorosas homenagens. Verificando que o governo não podia attender a todas as necessidades do ensino publico, resolveu appellar para a coadjuvação particular; e elle mesmo abriu uma subscrição que mandou correr entre seus amigos para a construcção do predio onde agora nos abrigamos e onde, neste momento, rendemos graça ao seu espirito preclaro e bom de amigo da nossa terra, quero dizer, do nosso povo e das nossas escolas.

Outro exemplo, mais antigo, do espirito de collaboração entre nós foi a fundação do Hospital de Caridade.

Lançou a sua idéa o Revdmo. José Barbosa Cordeiro, Vigario de Maceió, que, apesar da infatigavel prégação que desenvolveu sobre uma obra tão opportuna quanto benemerita, não conseguiu vê-la tomar vulto.

Soube do seu insuccesso o presidente da Provincia, dr. Manoel Sobral Pinto, que tomou a iniciativa de uma subscrição popular. E, quanto pode o poder! — num instante appareceu quem offerecesse 200 palmos de terra de frente com 300 de fundo: num abrir e fechar d'olhos um engenheiro traçou a planta do predio; surgiram, como desencantados, os primeiros materiaes offerecidos, e em 1851 o presidente lançava a primeira pedra da casa bem-aventurada da nossa pobreza e da nossa saude.

A explicação de semelhante desaso, diz o egregio Dias Cabral em quem encontrámos esse rapto de chronica, não a procuremos na dureza do coração, senão na preguiça de nossa actividade, sempre avessa ás empresas que exigem aturada paciencia e prolongado esforço.

“Queremos tudo de uma só vez; comprehendemos o alcance das tentativas; mas logo que crescem os instantes da execução, não venham pedir mais suor a quem se esgotou na azafama dos preparativos, e por isso é tão pobre a resenha dos milagres da vontade “articular”. (Dias Cabral — *Rev. do Inst. Arch. e Geog. Alagoano* — n. 13, p. 92).

As doações philanthropicas, em 1929, feitas por particulares nos Estados Unidos subiram a \$2.450.720.000,00 ou sejam na nossa moeda, ao cambio ante-revolucionario de 8\$000: — 196.057.600\$000, dos quaes..... 3.740.000\$000 foram destinados á educação propriamente dita e..... 1.200.000\$000 ao ensino especial de bellas-artes.

Nos mesmos Estados Unidos, em 1928, foram gastos com a educação publica a cifra fantastica, só pelo governo, de \$2.120.000,00 ou na nossa moeda: 169.600.000\$000.

E a Republica de S. Domingos, uma ilha de população menor que a nossa, perdida nas velhas Indias Occidentaes de Colombo, destinou em 1930 á instrucção publica apenas 16 % da sua dotação orçamentaria, isto é, acima de 8.200.000\$000, quase a receita total do nosso orçamento.

Não podemos ter a illusão de, nesse particular, imitar os Estados Unidos. Mas a nossa inferioridade á Republica Dominicana é sem duvida acabrunhadora. Porque seremos, ainda por muito tempo, um Estado pobre.

Nós produzimos insufficientemente para o nosso consumo e ainda exportamos.

Tiramos do que vendemos para adquirir o que vem a faltar-nos. Essa estranha politica economica não mudará sem que haja entre os nossas milhão duzentos e vinte mil alagoanos elementos capazes de, pela sua educação integral, fazer a sua e a nossa independencia.

O anno passado, conforme os indices classicos das estatisticas deveriamos ter 244.000 alagoanos em idade escolar; destes só 15.285 tiveram escolas, enquanto 228.715 ficaram ao Deus-dará, na vagabundagem, no ocio e no vicio, forças inteiramente perdidas para os impulsos da nossa supe-ração.

Há entre nós, infelizmente, grandes industriaes, fartos de viagens a Paris e Londres, que se queixam de que a industria assucareira irá sempre de mal a pior em Alagoas, porque o nosso caboclo está aprendendo a ler... E o caboclo que sabe ler, dizem elles, já não se sujeita ao salario de 1\$500.

Não se pode ser mais egoista nem mais atrasado.

E' dizer-se e não se acreditar. Só parece anecdotia. Só parece piada.

Se disesse alguém que Barbosa Lima foi para o nordeste um homem daninho, porque foi quem fundou em Pernambuco o primeiro engenho cen-

tral, a primeira usina, podia parecer idiota. Mas dizia uma verdade, porque as usinas restabeleceram entre nós o regime do latifúndio; estamos voltando com ellas ás sesmarias immensas de 1534, onde não medra o cereal, porque nas usinas a canna é a dona absoluta da terra.

Essa, entretanto, é a verdade superficial e falsa.

A verdade profunda e verdadeira é outra.

O que fez o prestigio das usinas foi a ignorancia.

O nosso senhor-de-engenho, em grande parte, tem mentalidade apenas para "lavrador". A culpa não é d'elle. Cain, por isso, na monocultura da canna, deixando o algodão e os cereaes para os rendeiros perdidos nas grotas e quebradas.

Ficou para o usineiro, como "fornecedor", na mesma dependencia que o "lavrador" para elle. Quando o assucar sobe, menos mal: salda as contas com a usina e abre com ella novo credito para criar nova safra. Se o assucar, por desgraça, desce, fica encalacrado, hypotheca o engenho e começa a agonia até o cirro da morte — que é a venda, por dignidade, para honrar a sua palavra de homem.

O nosso homem do campo, de hoje, na sua maior porção, deixou a escola no 2º ou 4º livro de Felisberto de Caryalho e tirando as 4 "peças" de conta.

Não pode ter capacidade para orientar o seu trabalho pelos caminhos que o levem a uma prosperidade ambiente.

E, tendo aprendido o b-a-bá, soletrando com o ponteiro, não pode compreender que se aprenda de outro modo nem que haja necessidade de outro methodo.

Não admira esse modo de ver de um ou de outro senhor-de-engenho.

Conheço um banqueiro illustre que pensa do mesmo modo: elle tambem diz que aprendeu com o ponteiro e não deixa de ser o que é; o mais é gasto de dinheiro; nós precisamos é de plantadores de canna; se elle fosse governador, fecharia todas as escolas e mandava as professoras apanhar fava e catar algodão, e os professores pegar no cabo da enxada; nós precisamos é de productos para exportar, e o mais é bobagem.

Só parecem idéas daquella mascara de Esopo e La Fontaine. Atrasadas de 500 annos, são aberração inqualificavel na hora presente.

A obra de resurreição economica de Alagoas, que os governos passados quizeram atacar fóra da solução pedagogica, é antes de tudo obra de educação. Solução lenta, mas segura. *Devagar, que tenho pressa.*

"Será trabalho para annos, mas que podemos começar já. Se é difficil fazer, mais uma razão para não perdermos tempo." (Lourenço Filho — *A Escola Nova* — S. Paulo, n. 1, p. 6).

Porque "uma democracia em que o merito, quero dizer a intelligencia e a energia, não forem os agentes preponderantes do progresso individual, está destinada ao fracasso, mais tarde ou mais cedo, á bancarrota". (Adolpho Ferrière — *Transformemos a Escola* — trad. de A. V. de Lemos e J. P. Costa — p. 236).

A França em 1900, alarmada com o declinio de sua industria e de seu commercio, e consequentemente com o decrescimo de seu poder economico, abriu um inquerito entre os seus industriaes, commerciantes, agricultores, escriptores, professores e artistas: e a opinião maior dos plebiscitarios foi que grande parte daquella depressão se devia a uma organização defeituosa do seu regime de educação.

Não ha ai vezania literaria nem mania de fazer paradoxo.

No seu inflammado elogio ao marquês de Pombal (*) escreveu Ruy

(*) Ruy Barbosa — *Orações do Apostolo* — p. 45.

Barbosa: "...nada o colloca mais indisputavelmente... entre os grandes reformadores sociaes, do que a sua reorganização do ensino, do que a lucidez com que comprehendeu que a instrucção popular e o derramamento da sciencia são a chave das finanças do Estado. A experiencia diariamente nos está mostrando, ainda um seculo depois de Pombal, quão difficil é de penetrar essa evidencia no espirito dos homens de governo."

E mais tarde, no seu celebre discurso do "Lyceu de Artes e Officios" do Rio de Janeiro, dizia o primeiro ministro da Fazenda da Republica Velha: "O Estado ainda não aprendeu outro meio de acudir ás crises e remover os "deficits" senão endividar-se e tributar. Solicita dinheiro para o ensino, e vereis apurarem-vos migalhas. Em palavras, todas as homenagens á instrucção popular, nos factos, uma avareza criminosa. Não é a terra, nem o numerario, o que constitue a riqueza das nações, mas a intelligencia do homem; eis a lei fundamental da verdadeira sciencia das finanças.

Aquí, porém, se a theoria admite, a pratica a rejeita. O orçamento do ensino cresce gota a gota: tem direito a milhares de contos, e recusam-lhe centenas de mil réis. Para tudo se contraem emprestimos e abrem operações de credito: para a educação do povo, nunca! Não se convencem de que a instrucção não tem preço. Os processos scientificos de Pasteur descobrem a origem da enfermidade que arruinava a sericultura, instituem os meios de preveni-la; e essa conquista immaterial sobre a ignorancia é apontada por Huxley como um dos recursos mais consideraveis de reparação para as brechas financeiras abertas á França pela guerra de 1870." (*Ob. cit.*—p. 95).

O barão Sekarz Senborn, antigo ministro da Austria, ouviu de um general a proposito da guerra:

— Para vencer-se ha myster tres cousas: primeira, dinheiro; segunda, mais dinheiro; terceira, ainda mais dinheiro.

Ao que lhe replicou o bem avisado estadista:

— A meu ver, cada mestre é um general, um combatente contra a ignorancia e a superficialidade. Para mim, tenho a falta de instrucção como a raiz de todos os males da terra; e não vejo outro meio de debellá-la, senão tres coisas: primeira, instrucção; segunda, instrucção; terceira, instrucção.

A educação é o meio. A prosperidade é o fim.

Ninguem praticará economia politica entre nós, que não comece pelos artifices tamanhinhos que trabalham "brincando" nos cursos pre-escolares.

A obra da verdadeira emancipação politica do nosso Estado, que para os espiritos a quem absorveu a idéa fixa de ser praticos é de base agricola, tem, na verdade os seus necessarios fundamentos, o seu imperativo absoluto nas escolas.

Nós somos, sem duvida, um Estado essencialmente agricola. Mas, se não sabemos plantar, se não sabemos colher e muito menos vender o que produzimos, como e quando deixaremos de ser jecas-tatús, pobres, fracos, verdadeira colonia no gremio dos outros Estados guieiros?

O nosso caboco não sabe ler.

E' a primeira razão da nossa pobreza e da nossa inferioridade.

Podem queixar-se os nossos industriaes do campo e os banqueiros da nossa agricultura contra a alphabetização dos nossos trabalhadores ruraes. Mas lembrem-se que pode queixar-se melhor quem se queixar por ultimo.

Não abram escolas para os filhos dos seus trabalhadores; não ensi-

nem a ler ou não eduquem os descendentes desses pobres diabos, em cujos hombros de Hercules repousa o mundo da sua prosperidade; não procurem incorporá-los, como proletarios, á sua sociedade industrial, pelos interesses mesmo mesquinhos e mediatos que possam vir a ter na divisão dos lucros para que contribuíram; não dêem a esses revoltados por natureza, humilhados pela tradição de miseria em que têm sempre vivido até perderem a consciencia de *ser*, intelligencia limpa e capaz de julgar a sociedade paradoxal dos sovietes; não dêem, pela educação, sentimento de dignidade a esses desgraçados párias da propria gleba onde nasceram e onde se acostumaram a trabalhar sem sentido: e vejam se os seus filhos ou netos não virão a cair nas mãos delles — broncos e irreconciliaveis communistas — como caiu Gabriel Luna, sentimental e apostolico comparado aos proceres da URSS, nas mãos dos socioltras obtusos d'A *Cathedral*; e vejam se haverá policia de baioneta e metralhadora que possa deter a molle das reivindicações.

O olho de Moscou espia de preferencia os nucleos de mais espessa ignorancia. As suas conquistas já dispensam o proselytismo intellectual das multidões, porque a sua theoria da sociedade nova tem a sua *élite* que já não disente: impõe as suas realidades concretas, como o imperialismo romano.

No principio deste seculo Julio Meline (*Le retour á la terre*) chamava a attenção dos grandes proprietarios agricolas de França para o perigo do "socialismo agrario" e da "democracia do campo".

Parece que as suas palavras, tão vivas e tão oportunas, nos chegaram agora pela mala do ultimo *latô*: "Ninguem duvida, com effeito, que se faz neste momento, á sombra do partido revolucionario (lembração de Luis Carlos Prestes!) um trabalho subterraneo que tende a subverter até o principio do direito de propriedade, e a encaminhar, insensivelmente, sem que ellas o percebam, as massas ruraes para a substituição da propriedade collectiva pela propriedade individual." (*Op. cit.* — p. 288).

Porém os nossos grandes industriaes e proprietarios do campo continuam a pensar que os direitos do caboclo são apenas cabo de enxada, cachaça e cadêa. Sua alma, sua palma.

"A Escola — recordemos Mercedes Dantas no apostolado forte e grandiloquo que a trouxe até nós — a Escola é uma comunidade.

A criança a ella serve, como a comunidade serve a criança... Na Fundação Horaciana de Barcelona, criação de Pablo Vila, os alumnos maiores confeccionavam o material escolar necessario aos menores: jogos educativos feitos com recortes, collecções, gravuras... Em Cempuis havia os pequeninos *papais* e *mamães*, verdadeiros protectores dos menores, refugio moral para as pequeninas dores e tristezas infantis..." (*A Escola Activa* — "Revista de Ensino", Macció, n. 20, p. 7).

Se são essas as inspirações do dever dos meninos na escola actual, maiores, incomparavelmente maiores devem ser, já não as inspirações, mas as exigencias, do dever dos paes em torno da escola, junto do professor e dos filhos.

Houve outr'ora um rei que teve a idéa de livrar da morte o genero humano, quando viesse outro diluvio como aquelle de que só Noé, com seus filhos e seus bichos familiares, se salvou na arca miraculosa. Esse rei, de imaginação tão rica, communicou aos outros reis seus vizinhos a sua idéa: todos a acharam luminosa e feliz, e até ficaram com pena, cada um por sua vez, de não ter tido a primeira inspiração daquella fantastica veneta. Todos aprestaram os seus trabalhadores e lá se começou a Torre de Babel.

Um só homem, mesmo que fosse rei, não seria capaz para construir aquella portentosa fabrica que chegou ás nuvens.

Mas um dia levantou-se entre os artifices a sisania. Os pedreiros pediam pedra, e os serventes levavam-lhes areia. Uns mandavam buscar argamassa e chegava-lhes tijolo. Mandavam pedir concreto e lá lhes chegava taboa ou calça.

A faina benemerita, que até então era serena e silenciosa, como todo trabalho fecundo, começou a fazer-se, daí por diante, com impaciencia e algazarra.

Era o verdadeiro pandemonio.

Ninguem se entendia.

Esmaccera entre os artesãos predestinados a preocupação do bem colectivo. E pela contrariedade nos propositos, pela displiscencia no dever — que requer das almas heroismo —, pela disparidade e pela anarchia, a construção da torre fantastica parou.

Desde o momento em que os operarios principiaram a desentender-se; desde que se quebrou entre elles a harmonia; desde que a vontade unanime fez pausa entre elles, os corações afrouxaram, e o monumento destinado a salvar o genero humano ruiu, só por desgraça da imprescindivel solidariedade que não deve nunca desertar as almas cheas da mesma fé.

Nós, paes e professores, que fomos hontem alumnos, e alumnos que podem ser amanhã paes e mestres, não devemos consentir que nesta Casa de D. Pedro II aconteça o que aconteceu com a Torre de Babel.

Isto afim de que não haja aqui mais de uma vontade para a disciplina da Escola; não falte um estimulo amigo ao professor, para que elle não perca o entusiasmo da sua profissão, e um applauso ao alumno, para dar-lhe coragem e confiança nos seus proprios esforços.

Essa é a obra serenissima, e mais bella não pode ser, dos paes, mestres e discipulos, para que seja, através do futuro, uma realidade sempre viva a paz e a prosperidade de Alagóas.



A ESCOLA ACTIVA**MANEIRAS DE APRENDER**

(Orientação dada pelo prof. **JOSÉ RIBEIRO ESCOBAR**)
(da Escola Normal de S. Paulo)

Devem-se combinar todas as maneiras de aprender, evitando-se um exclusivismo, que mutila.

Suggerem-se algumas dessas maneiras nesta synopse classificativa: aprender lendo, aprender ouvindo, aprender vendo, aprender fazendo, aprender investigando, aprender brincando, aprender vivendo, em summa.

APRENDER, LENDO

- a) etiquetas, ordens, avisos, annuncios.
- b) livros de classe: leitura silenciosa, comprehensiva; leitura oral, interpretativa; leitura expressiva; leitura supplementar, instructiva; leitura para visualizar; para dramatizar; para declamar; para desenhar; para modelar; para analysar; para fazer synopse; para decorar; leitura livre.
- c) textos que acompanham os discos, as projecções luminosas, os estereoscopios.
- d) manuaes com programmas divididos em "unidades de trabalho" (com exercicios de adextramento) agrupadas por "fins" (com seus testes de adextramento) e os testes de controle com exercicios correctivos.
- e) livros de consulta: na bibliotheca de classe; na bibliotheca de casa; na bibliotheca publica.
- f) jornaes e revistas; recortes de jornaes e revistas.
- g) annuncios, boletins, cartazes de hygiene ou de moral.
- h) os jornaes de classe, as ephemerides do quadro negro.
- i) lições mimeographadas; dactylographadas; manuscriptas.
- j) lições por correspondencia.
- k) cartas commerciaes; cartas da correspondencia escolar.
- l) synopse do quadro negro.
- m) estatisticas, tabellas, horarios.
- n) registros de gaz e electricidade; thermometros.
- o) mappas.

II**APRENDER, OUVINDO**

- a) as lições do professor, quando: só responde ás perguntas; explica; faz prelecções.
- b) as conferencias das crianças, no "auditorium".
- c) as narrações e contos das crianças, no recreio.
- d) as explicações das crianças que fazem parte do patronato escolar, das que fazem a honra das salas, dos "secretarios", dos prefeitos e sub-prefeitos escolares.
- e) as conferencias, os sermões, os recitae, os concertos, fora da escola.
- f) os discos de grammophone e os do linguaphone.
- g) o radio; o movietone domestico.

III

APRENDER, VENDENDO

a) seres naturais; objectos; modelos de massa; aparelhos; instrumentos; gravuras; desenhos; estereogrammas — em toda parte.

b) os mostruários completos das salas-ambiente: "sala do tempo", "sala do Espaço", "sala da Medida", "sala da Vida", etc., ou: "sala de mathematica", "sala de geographia", "sala de historia", "sala de physica e chimica", "sala de historia natural", etc., com bibliotecas especializadas.

c) mostruários do museu escolar: de museus publicos e particulares: museu historico, museu agricola, museu commercial, museu de hygiene, museu puericola, museu tecnico.

d) as plantações da chacara escolar: jardim, horta, pomar.

e) a criação escolar: terrarios, aquarios, insectarios, aviarios, apiarios, viveiros, colheiras, galinheiros, sirgos.

f) machinas e aparelhos dos technicos estranhos chamados á escola: photographo, relojoeiro, telegraphista, amador de radio, mecanographo, chauffeur, mecanico para machina de costura e grammophone, etc.

g) a pinacotheca escolar ou publica: galerias; exposições.

h) a estereotheca escolar ou publica.

i) a filmotheca escolar, o cinema publico.

j) as vistas de estereoscopia: os diapositivos e diafilmes dos diascopios, episcopios e epidiascopios.

k) as representações: as profissões.

l) nos passeios escolares urbanos: 1) fabricas e officinas: textis: couros, pelles, etc.; madeiras; metallurgia; ceramica; productos chimicos; alimentação; vestuario e toucador; mobiliario; edificação; aparelhos de transporte, produção e transmissão de forças physicas; industrias relativas as sciencias, letras e artes; industrias de luxo; 2) estabelecimentos publicos: conselho, prefeitura, camara e senado; forum, cartorios; corpo de bombeiros, quartéis, chefatura de policia, detenção; centros de saude, creches, hospitaes, repartição de estatistica, serviço do algodão, escolas, etc. 3) Commercio: bancos, lojas, armazens, livrarias, casas de calçado, pharmacias, hoteis, cafés, confeitarias, mercado, vendedores ambulantes, postos de jornaes. 4) transportes e communicações: estrada de ferro, navegação maritima e fluvial, omnibus, bondes; correio, correio aereo, telegrapho, telegrapho sem fio, radio.

m) passeios escolares campestres: 1) plantações: hortas, jardim, pomar, lavouras diversas; 2) chacaras, sitios, fazendas, usinas e engenhos banguês, colonias, moinhos, etc.; 3) estradas, pontes; 4) paisagens, rios, montes, valles, bosques, rochas, erosões.

IV

APRENDER, INVESTIGANDO

Actividade meditativa. A unidade reactiva: a impressão — pela presença da realidade; a elaboração — em communidade; a expressão — com espontaneidade. Aquisição de technicas mentaes e habitos geraes de trabalho, — eis a cultura mental.

a) pela observação reflexiva livre: no livro, na natureza, na sociedade; nas salas-ambiente.

b) pela observação reflexa dirigida: pelos questionarios investigativos: de Goué, para botanica e zoologia; de Cortelezzi, para botanica; de

Lepori e de Mercante, para a geometria; de Isnardi e de Heitor Lyra da Silva, para physica; de Eutímio d'Ovidio e de Barbosa de Oliveira, para chimica, etc.

c) pela observação, associação e expressão, em torno de centros de interesse: documentação e classificação, em envelopes, fichas e "cadernos de vida".

d) estudos feitos segundo uma folha ou cartaz que indica o trabalho pessoal individual para a quinzena, tendo o alumno direito de escolher a materia e a folha.

e) pela redescoberta, em aula ou fóra da escola, dirigida pelo professor ou pelo questionario: 1) observação ou experimentação sobre seres, factos ou phenomenos; comparação; generalização; indução de definição, regra ou lei; 2) deducção: exemplificação, comprovação, applicação da definição, regra ou lei.

f) nos passeios escolares: 1) pelos questionarios de observação e experiencia; 2) pelos questionarios de entrevista com os technicos: o pharoleiro, o jangadeiro, o machinista, o relojoeiro, o padeiro, o pharmaceutico, o jardineiro, o lavrador, etc.

g) pelo "methodo de problemas" ou pelo "methodo de projectos" de Dewey: acto problematico, levado a realização completa, no seu ambiente natural: brincar de familia, de tenda, de feira, de cidade; installar campanha, extinguir as moscas da cidade, as pragas da lavoura, etc.; ou pelo "methodo de complexos", russo: estudo de um "conjuncto concreto", durante 3 meses: dominio agricola, fabrica, etc.

h) por trabalhos de livre escolha, mas com a obrigação de escolher.

i) pelo trabalho livre: meditando, contando, imaginando, inventando, criando, executando.

V

APRENDER, FAZENDO

Actividade factiva.

1) Educar no trabalho para o trabalho, "fazer trabalhar": é a escola productiva dos sociologos da educação.

2) Educar por meio do trabalho, "Permittir trabalhar": é a escola educativa dos psycho-biologos da educação:

a) trabalhos completamente livres.

b) trabalhos feitos por suggestão do ambiente.

c) trabalhos de livre escolha, mas com a obrigação de escolher.

d) concursos e exposições de trabalhos.

3) Todo material didactico de cada disciplina construido pelos alumnos, que devem fazer as salas-ambiente: Trabalhos reaes para fins reaes.— Todas as materias aprendidas através dos musculos, principalmente dos trabalhos manuaes:

a) a arithmetica: *medindo, pesando, contando, redigindo documentos commerciaes, construindo as medidas antigas e modernas, fazendo tabelas, desenhando graphicos.*

b) a geometria: *medindo, traçando, desenhando, construindo e seccionando solidos e aparelhos; modelando-os.*

c) a mecanica: *montando e desmontando motores e machinas; fazendo-os funcionar.*

d) a astronomia: *construindo gnomos, relogios de sol, planetarios, lunarios, espheras celestes.*

desenhando os seres e scenas observados do natural, os trechos literarios visualizados, as coisas indicadas pelos substantivos tirados do dictionario; *fazendo* schemas, synopses e mappas literarios; *modelando* maquettes sobre scenas de poesias e romances; *gesticulando* nas declamações; *representando* as scenas lidas; *compondo* comedias, dialogos.

f) as sciencias physico-chimicas: *construindo* os apparatus de gabinete, e de laboratorio, *desenhando-os*, *fazendo* as experiencias, *fabricando* productos.

g) as sciencias naturaes: *buscando* colleções, *herborizando*, *fazendo* herbarios; *semcando*, *cultivando*, *ceifando*, *fiando*; *criando*, *dissecando*, *empalando*; *fazendo* auto-observações, observações e experiencias; *desenhando*, *modelando*, *organizando* museus.

h) a geographia e a historia: *desenhando* no papel, no quadro negro, no chão ou no muro do pateo — as cartas, os roteiros, as scenas; *modelando* mappas, scenas e personagens; *fazendo* maquettes; *folheando* archivos; *fazendo* synopses, albuns, cartazes; *excursionando* aos pontos historicos; *dramatizando* scenas.

i) a educação civica e moral: *fazendo* urnas, listas de votos, cartazes, programmas, *sendo* candidatos, *solicitando* votos, *elegendo*; *fazendo* archivos com documentos sobre eleições, casamentos, etc.

j) a educação moral: *fazendo* ascetismo diario, *dominando*, *vencendo* obstaculos, *resistindo* ao mal; *desempenhando* cargos de responsabilidade; auto-governo, vigilancia, administração, limpeza, sob os nomes de prefeitos e sub-prefeitos, capitães, etc.; *fazendo* acções boas diariamente: gentilezas, obsequios, visitas, esmolos, consolações, conselhos, exemplos.

k) a hygiene: *fazendo* experiencias, *fabricando* desinfectantes, *construindo* fossas septicas, *matando* insectos nocivos, *entupindo* charcos, *desinfectando*, *lavando*; *fazendo* tudo o que manda o pelotão de saude, *escrevendo* o diario de saude, *desenhando* cartazes, *agindo* na Cruz Vermelha Infantil.

l) a puericultura: *lavando* crianças ou bonecas, *vestindo-as*, *pesando-as*, *tratando-as*; *esterilizando* o leite, *aseptizando* as mamadeiras, *costurando* enxoval, *organizando* o museu puericola, *fazendo* diagrammas, horarios e tabellas, *desenhando* cartazes.

m) a economia domestica: *limpando*, *lavando*, *espanando* a escola; *varrendo* o pateo; *nivelando* o jardim e as areas de gymnastica; *consertando* as installações, moveis, portas, janellas; *encadernando* livros; *confeccionando* material de ensino; *bordando* cortinas para janellas; *plantando* legumes e *cozinhando* para a sopa escolar; *cultivando* flores para os vasos; *consertando* as ruas que vão á escola e *plantando-lhe* arvores; *pintando* os muros, *decorando* as paredes; *lavando* roupa, *tirando-lhes* manchas; *fabricando*: manteiga, vinagre, macarrão, conservas; tintas, lacre, vernizes, colla, pastas para dentes, desinfectantes, tinturas, xaropes; colmeias, pombaes, berços, brinquedos.

VI

APRENDER, BRINCANDO

Actividade ludica.

Todas as materias aprendidas pelos jogos educativos, *havendo*: espontaneidade; liberdade; prazer de algo que se faz por impulsos de actividades internas que querem ser satisfeitas.

1) *Na sala de aulas actividade auto-didactica pelo só estimulo dos ma-*

- a) Material Montessori para criancinhas; dons de Froebel.
- b) Material completo para o curso elementar: Montessori; Decroly — Descoeudres; Audemars — Lafendel; J. Pilsatnek (de Riga).
- c) Material para arithmetica: Alessandrini; Montessori; Gamescasse; Stanoievitch; Quinchon et Besville; Iotos Danieli; Mme. Landstad; Bogoeivitch.
- d) Material para leitura: Bardot; Iotos de Arnold and Sohn, Leeds; Decroly; Montessori; Madureira; typographia de Freynet; "Picture story reading lessons" de Detroit; "Winnetka individual reading material"; Bobbs Merrill.
- e) Material para leitura e calculo: Mackinder; miss Edith Luke; Cruikshank.
- f) Material para escripta e desenho: Herbinière — Lebert.
- g) Jogos da Escola Ferrière; jogos sensoriaes de Melle. Bardot; imagens, acompanhadas de notas para observação, de Mlle. Oberfeld; quadros chronopticos de Chatelain.
- h) Material variado, inventado pela professora ou feito pelos alumnos.
- 2) *Na sala de aula ou fora, lições motivadas por brinquedos:*
- a) A casa da boneca: decoração das paredes, confecção do mobiliario, direitos e deveres de familia.
- b) Papagaios de papel: geometria, cores.
- c) Aviarios ao ar livre, casas de passaros.
- d) Construcção de brinquedos:
- e) Mamulengos (João Minhoca); sombras chinas, quadros vivos; historia.
- f) Amarellinha, caracol: espiral.
- 3) *Na sala de aula ou fora, jogos de iniciação ás varias materias. — Jogos livres e dirigidos:*
- a) Jogos de hereditariedade: luta, escondidas, caça.
- b) Jogos imitativos: sociaes e familiares.
- c) Jogos de imaginação, animar tudo.
- d) Jogos motores: péla, corrida, salto, papagaio, gymnastica, dança, crócket, tennis, brinquedos scientificos.
- e) Jogos sensoriaes: pauzinhos; jogos de paciencia: pião; emboca-bola, volante, cabra-cega, caixa de musica, corneta, coloridos, péla.
- f) Jogos intellectuaes:
- comparação: loto, dominó.
- raciocínio: damas, xadrês.
- reflexão: enigmas, charadas, xadrês.
- imaginação criadora: historias, contos, desenhos.
- g) Jogos affectivos: boneca.
- h) Jogos da vontade: repressão do riso; não piscar; exercicios de immobillidade, jogo da estatua, quadros animados.
- i) Jogos artisticos:
- pictoricos: imagens.
- epicos: contos, aventuras.
- architectonicos: construcções de casas, de machinas, mecano.
- picturaes: colorir objectos.
- de imitação plastica: desenho e modelagem.
- dramaticos: jogos da visita, representações.
- 4) *Na "sala dos passatempos", dentro ou fora do horario:*
- a) Brinquedos scientificos: motor a vapor; grupo electrogeneo; motor electrico; trem electrico; usina completa, machina de costura, telegrapho, telephone, aeroplano, navio, etc., etc.
- b) Jogos de construcção: —de casas: "Architecturo" "Edifice" "Tiny-

Town", "Mobaco";—automovel; "Auto-constructor";—pontes: "Meccano";—varios: "Baukasten" e "Richters Anker"—Universal, etc.

c) Diversões: dama, xadrez, puzzle, Mah-Jong, jogo do pato, da pesca, das borboletas, do metrô, do blow—foot-ball, etc.

d) Jogos de destreza: das quilhas, das bilhas, da pulga, da fool-bille, de bilhar japonês e chinês, do ping-pong, etc.

e) Officina mecanica: typographia, serraria, fundição; laboratorio e gabinete: chimica, photographia, microscopio, pequeno telescopio; desenho, pintura, modelagem.

5) Na praça de brinquedos:

a) "play-lots", para crianças de idade pre-escolar: grandes caixas de areia para construções infantis com colheres, pás, enxadas; aros, bolas, petecas, patins, varas, cordas de tracção, escadas portateis, trampolins; balanços apropriados, á sombra: bancos para as mães; bangalós liliputianos para se brincar de comadre; plataforma para construções com cabos de madeira, etc.

b) "play-grounds", para crianças até 14 annos: balanços, gangorras, deslisadores e uma multidão de apparatus gymnasticos e de brinquedos: bateria de gangorras, deslisadores, carroussel; tanques de vadear, trapezios, barras, parallelas, cordas de subir, escadas horizontaes; no centro, jogos organizados—bola, papagaio, peteca, etc. Entre os campos — a piscina rasa ou mappa-mundi de terra cortado de mares e rios onde deslisem bateis. Uma séde para os directores de brinquedos ou "play-leaders"; copa, deposito, galpões para abrigo e descanso, saneamento. Theatro ao ar livre.

VII

APRENDER, VIVENDO

Aprender, sim, mas para a vida e pela vida. A vida em summa é a grande cousa: a vida da criança em seu tempo e para o seu tamanho.

Vivamos com as crianças! Identifiquemo-nos com as suas necessidades e seus instinctos reaes.

Permitta-se ao instincto de criança construir-se á parte do mundo organizado pela civilização dos adultos, onde é mortificado — um mundo que lhe seja proprio e onde possa desenvolver-se livremente.

Ensine-se a criança a viver, deixando-a viver:

1 — Dê-se-lhe um ambiente natural, amplo e excitador de exercicios variados, onde a criança viva sua vida primitiva e exerça suas actividades selvagens.

2 — Cultive-se, na ordem do apparecimento, sem retardá-los ou apresá-los, os interesses que vêm surgindo: — Estadio de aquisição e de experimentação: interesses perceptivos, no 1º. anno de vida; interesse glossico, 2º. e 3º. annos; interesses geraes, despertar intellectual, perguntas, dos 3 aos 7 annos; interesses especiaes e objectivos, dos 7 aos 12 annos. — Estadio de organização, de avaliação; interesses sentimentaes, ethicos e sociaes, especializados, dos 12 aos 18 annos. — Estadio de produção: trabalho, interesses subordinados a um ideal e a conservação pessoal, idade adulta.

3 — Filie-se a escola á vida: á natureza, á familia, á cidade, á cooperativa, ao syndicato, representando a vida presente tão real e vital para a criança, como a que vive em sua casa, na rua ou no campo de jogo. Os alumnos tomem parte em trabalhos de caracter social:

a) dêem a instrução hygienica á população atrasada.

- c) nas férias, cooperem na luta contra o analfabetismo.
- d) no campo instalem jardins de infancia e façam sementeiras.
- e) protejam as crianças asociaes: socorram os collegas necessitados.
- f) mantenham a ordem e a disciplina na escola; augmentem a matricula e a frequencia, etc.

4 — Seja a escola uma communitade de vida e de trabalho, uma sociedade embryonaria, uma forma de vida em commum, onde haja actividade pessoal, auto-governo, cooperação — porque a educação é um processo social.

a) A classe gosa de autonomia: faça seu código de conducta: controle a disciplina por monitores que eleja.

b) Sejam as carteiras dispostas de modo que os alumnos se vejam uns aos outros

c) Agrupem-se os alumnos de accordo com suas preferencias e sympathias, sendo os trabalhos feitos por equipes.

d) Estabeleça-se o auxilio mutuo dentro e fora da classe: os alumnos de todos os annos tenham contacto pessoal uns com os outros: a vida de cada alumno seja partilhada por todos: os erros emendados pelos alumnos sejam a titulo de cooperação nunca de correccão.

e) Discuta-se antecipadamente o plano de estudos, e no fim da semana a classe apure o que foi adquirido de novo e interessante.

5 — A socialização da escola se faz tambem pelas actividades extra-programmas, respondendo a:

—necessidades sociaes: preparo para a democracia, como: sentimentos de lei e de ordem, qualidades de cidadão, iniciativa e qualidades de chefia; instinto de associação, cooperação; respeito pela personalidade;

— necessidade psychologica: estabilidade emotiva, dominio de si mesmo; preconceito de sexo; lealdade, curiosidade, imitação, sympathia.

—necessidades moraes: sãs attitudes, elevados ideaes da vida.

a) Assembléa: conselhos de estudantes; republica escolar; familia escolar; debates para discussão de these e disputa de premios; jornalismo; banco escolar, finanças da escola; relações sociaes, recepções e visitas de cortesia.

b) Clubes de produção de cultura: Clube do milho, Clube do milho kafir, Clube do milho de Milo, Clube do algodão, Clube de grãos meudos, Clube de batatas, Clube de rotação de culturas, etc.

c) Clube de produção de animaes: de criação de porcos; de bezerros, de carneiros, de aves de abelha, do bicho da seda, etc.

d) Clubes de economia domestica: Clube de hortas, de cozinha, de costura, de bordados, de melhoramentos do lar, etc.

e) Clubes diversos: de saude; de sciencia, de sciencias naturaes, de mineralogia, de botanica, de arvores, de flores; de geographia, de historia; musical, de canto, de poesia, de pintura; de leitura, de contadores de historia; de pedreiros, de carpinteiros, de modeladores; de beneficencia; de ordem; de assumptos correntes; de previsão social; de esportes em geral, de tennis, de peteca, de excursões; escotismo, Cruz Vermelha Juvenil, etc.

f) Cooperativa escolar: venda com abatimento, pelos alumnos aos alumnos, de material didactico, lanche, doces, refrescos, etc., feitos pelos proprios alumnos.

6 — Fazer surgir o ensino de "situações vitaes". Assim, para a arithmetica:

a) anniversarios natalicios: calendario.

b) compras reaes para a casa; abatimentos nos leilões, estradas de ferro, liquidações, compras á vista, cooperativas.

- d) numero dos telephones, das casas, dos automoveis.
e) concertos de casa, de moveis, etc.
f) registro de gaz e electricidade.
g) horta escolar, sopa escolar, leite escolar.
h) loja escolar, caixa economica escolar, banco escolar.
i) collecta de classe, esportes, clubes varios.
j) testes escolares: de Thorndike, para o desenho; de Ayres, para calligraphia; de Courtis, para arithmetica; de Cross, para leitura; de Ruch-Popenoe, para sciencias physicas; de Russ-Cossmann para biologia; de Godsey e White para latim; de Wilkins para linguas novi-latinas; escala de Binet-Simon para a intelligencia em geral; de Termann, de Ballard, etc.



A Escola e seu governo

Prof. JULIA ALVES

do Grupo Escolar "D. Pedro II"

Todo trabalho escolar deve visar unicamente tornar o individuo capaz de governar-se.

Para tal fim é preciso instruir educando harmonicamente o ser todo, dando-lhe aptidão e valor para lutar, trabalhar, combater e vencer: pois a educação vale pelos habitos adquiridos e por sua organização systematica e nunca pelos conhecimentos.

"O que nos melhora na vida social não é o que sabemos nem sentimos — é o que fazemos."

Mas para isso empregar é necessario, antes que tudo, a bôa orientação do mestre, no sentido de governar o alumno.

Se antes da cultura necessaria ao raciocinio, a criança se governa ou, em outros termos, governa aos paes e mesmo ao professor, fracassará todo o trabalho pedagogico no ideal de tornar o homem independente.

Surgem ahi os importantissimos factores: a educação adquirida pelo menino no seio da familia e a escola ou continuação da familia com as qualidades pedagogicas exigidas para o mestre. Admittamos que a criança tenha adquirido o habito de governar aos paes — habito inveterado, consequencia da repetição de concessões feitas pelos mesmos.

Deve desanimar o professor e, atirar a responsabilidade sobre a familia? E' natural que não.

Fazem-se precisos dominio e coragem e, em primeiro lugar, enthusiasmo pela sua nobre função.

E se não houver este, que nos movam as contas a dar ao porvir!

A nacionalidade de amanhã depende dos homens que, crianças hoje, povoam as escolas, e dos quaes a educação nos é confiada.

E o povo, então, não nos perdoará a diminuta expansão de suas acções, mercê do máo encaminhamento que lhes dermos.

Que fazer? "Ensinar-lhes a agir, agindo." "A criança dá melhor atenção ao que o mestre faz do que ao que o mestre diz." Devemos abandonar a vaidade absurda de armazenar a intelligencia da criança com regras e theorias que, com usurpar o tempo precioso do aprendizado primario, a torna inimiga da escola e incapaz de produzir qualquer trabalho.

E devemos iniciar um trabalho mental harmonioso que leve a criança a amar o trabalho escolar, sem ser preciso nem premio nem castigo. Mostrando-lhe a grande mestra a natureza, abrindo-lhe os olhos da intelligencia para a grande obra da criação e ser o seu guia nessa jornada, é o que se exige do mestre moderno.

"Os mestres devem encurtar o caminho e reduzir obstaculos, nunca, porém, devem tomar-lhe a deanteira."

Devemos conseguir que o menino despenda a sua atenção de todos os objectos e a concentre no objecto estudado, fazendo surgir uma attracção, uma seducção interior para o objecto, porque ahi está a atenção do espirito-real e não do corpo-apparente.

A vontade do professor nunca poderá forçar o desenvolvimento harmonico do ser da criança que deve ser espontaneo e alegre. Torna-se indispensavel o ensino natural—objectivo—do trabalho. "O ensino para criança que não for objectivo é perdido".

O methodo mais apropriado a habituar o menino ao trabalho é o bair-

quedo. Dahi, o exito do jardim da infancia, onde se applicam os verdadeiros principios de ensino, acompanhados de uma liberdade methodizada, fazendo dessa forma germinar uma educação nova que trará a consequencia inilludível de uma vida moderna, criada sobre uma adaptação natural.

A pratica do apparelho montessoriano desenvolve a attenção de um modo especial, adaptando a criança á escola desde os primeiros dias, iniciando assim, voluntariamente, a disciplina.

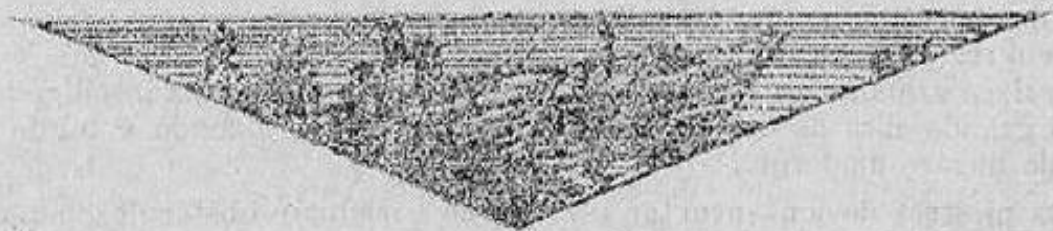
Considerando a indole das crianças em geral e, de cada um de nossos alumnos em particular, devemos ser o amigo, o irmão mais velho; mostrar o nosso amor, demonstrar a nossa pericia na technica do ensino, fazendo tambem reconhecer a alegria e a satisfação que experimentamos em estar entre elles; não nos mostremos irritados, impacientes, atormentados; então o nosso exito será completo.

Offertemos ás crianças occupações deliciosas, tornando attrahentes todas as disciplinas e, depois, governaremos sem obstaculos a nossa classe que, nao achando em nós nenhum ponto fraco, não nos atormentará e perderá, vendo a nossa vontade indomavel, o desejo de governar-nos.

A verdadeira educação deve visar a aquisição de conhecimentos e habilidades tornadas automaticas, aproveitando-se tanto quanto possivel as tendencias da criança. "Devem as acções ser automatizadas quanto mais cedo possivel".

Por tal caminho chegaremos á escola do trabalho, provavelmente da disciplina.

Ensinando a amar o trabalho, pelo trabalho, na escola do trabalho, alcançaremos successo no ensino, teremos segura a disciplina de nossa classe, governaremos bem a nossos alumnos, que felizes se acharão sob o nosso governo, até que com o desenvolvimento gradual do raciocinio se possam governar. Serão homens capazes, terão coragem para agir, trabalharão com satisfação, pois a isto os induzirá a escola em que se vão educando, amando a natureza e o seu Autor.



TREZE DE MAIO

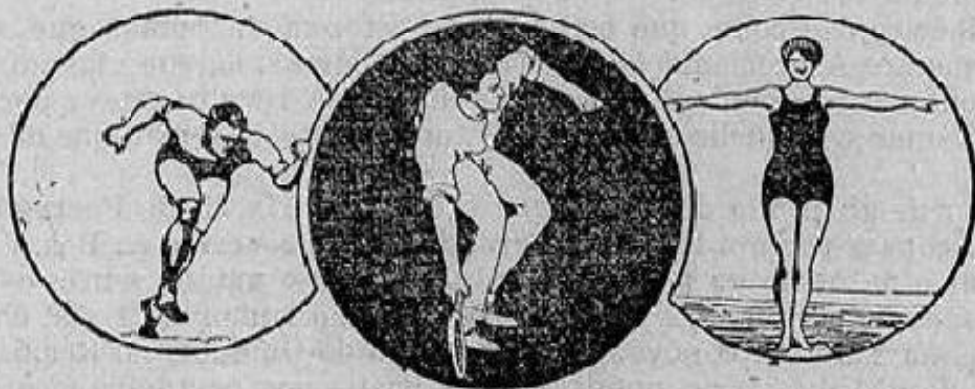
Desfallecido, errante, forasteiro,
Já das sombras da morte circundado,
Subito ouvi: "Resurge! que estirpado
Foi no Brasil p'ra sempre o captivo!"

Presto a fugir, o alento derradeiro
Volveu-me ao coração quase parado:
"Grande povo!" exclamei, "povo adorado!
Entre os demais da terra és o primeiro!"

Traguei, depois, meu calix d'amargura,
Mas da verdade a lei não ha quem mude:
Grande povo! eu dissera entre torturas.

Grande povo no brio e na virtude!
Sê feliz, gosa em paz as mil venturas
Que deparar-te quis e que não pude!

D. PEDRO II.



HISTORIA

NOITE HISTORICA

O que ia lá fora era tremendo. A cidade estava num furor de tempestade. As ruas ferviam tumultuosamente. No Campo de Sant'Anna, mais de 3.000 homens amotinados, exigiam a reintegração do ministerio demittido. O commercio fechara ás ameaças da multidão armada. A população portugueza recolhera-se assustada, receando vingança daquella onde enfurecida de brasileiros.

Era a 6 de abril de 1831, no paco da quinta de S. Christovam. Era a mais negra noite daquella casa imperial. Nos salões, nas salas, nos corredores havia o fremito de um susto.

Noticias que chegavam de instante a instante aterravam os corações. O povo enfrentava a policia com galhofas e vaia; o exercito havia confraternizado com o povo. No largo do Rocio um grupo de portuguezes fora espancado pela multidão. Um outro bando de revoltosos tenta incendiar as casas commerciaes dos portuguezes da rua do Cano. Gritava-se por toda parte: *abaixo o ministerio!*

Até o grito de "abaixo o imperador!" já tinha sido ouvido no meio da turba. A revolução era completa.

Pedro I, nervoso, pallido, passeava agitadamente pelos salões da Quinta, os braços cruzados, silencioso, a chegar de quando em quando á varanda, perscrutando a escuridão da noite.

Nunca se vira tão calado e tão pallido! O que ia lá fora era a consequencia natural dos seus erros e desvarios. Era a onda popular, durante tantos annos humilde e indifferente, agora a explodir como numa consciencia de direitos.

De muito tempo que vinha, no povo, aquelle rumor de revolta que agora estalava. Isso desde que o imperador, chefe de uma nação brasileira, se collocava ostensivamente ao lado dos portuguezes, diminuindo e perseguindo os filhos da terra. Isso desde que o joven monarcha, soberano constitucional pela sua propria vontade, pisara com as suas loucuras a Constituição que elle proprio fizera. Tudo aquillo era uma consequencia natural dos grandes erros de nove annos tumultuosos.

Elle proprio como que accendora o estopim da bomba que estourava no momento. A proclamação que fizera em Minas, na sua viagem, acirrara tremendamente a poulação brasileira do Rio. A revolta esteve por um triz. A 25 de março daquelle anno de 1831, novamente se sentiu que ella ia estalar.

A 4 de abril, dia de anniversario de D. Maria II, de Portugal, estiveram as cousas por um fio. Havia grande baile e concerto na Boa Vista para festejar o natalicio da pequenina rainha. Todo o mundo sentia os horizontes pesados e negros. A's 11 horas da noite, no rumor da festa, chega uma noticia alarmadora. O povo, agitado na rua do Ouvidor, no Rocio, no Campo de Sant'Anna, fazia manifestações hostis aos portuguezes e ao imperador. Já tinha havido dezenas de espancamentos e assassinatos. Corria tambem que a tropa se collocara ao lado da onda revoltosa.

D. Pedro, no meio do salão festivo leu em voz alta a communicação que o chefe de policia lhe mandava da cidade. Foi uma scena chocante. O ministerio que, por vontade do povo, o imperador nomeara dias atraz, estava todo no salão. O monarcha, depois de ler a communicação volta-se para os ministros franzindo os sobr'olhos: — *Os senhores não me disseram que estava tudo em paz?* Houve um ministro que quis falar para diminuir a

importancia do motim da cidade. Mas D. Pedro estrondou num daquelles accessos violentos de destemperos que eram muito seus: — *Os senhores estão a trair-me, alliados á canalha, contra mim.* A festa não pôde continuar: aquella scena tinha esfriado todas as alegrias. No dia seguinte o ministerio em peso fora demittido.

Era isso que agora convulsionava a cidade. O povo exigia armado, feroz, em plena revolução, que reintegrassem os ministros exonerados.

D. Pedro I chegou mais uma vez á varanda. — *Nunca!* disse nervosamente, agitando-se pelo salão. O mordomo do Paço vem avisar que uma commissão de juizes de paz queria falar a Sua Majestade.

— *Faca-a entrar.*

A commissão entrou. Estava reunido o ministerio novo: O marquês de Inhambupe, ministro do Imperio; Aracaty, do Extranjeiro; o resolutivo Paranaguá, da Marinha; Alcantara, da Justiça, e Lages, da Guerra.

— *Que querem de mim?* Interrogou o monarcha asperamente. Um dos juizes de paz contou tudo: A população brasileira, amotinada nas ruas e mais de 3.000 homens em armas no Campo de Sant'Anna exigiam a re-condução do ministerio demittido na vespera.

D. Pedro ergueu-se subitamente da alta cadeira: — *Pois digam a esse povo e a esses revolucionarios que eu procedi constitucionalmente, porque a Constituição me dá o direito de nomear e demittir livremente os meus ministros. E com larga passada violenta: — Hci de defender os meus direitos garantidos pela Constituição, mesmo á custa de meus bens, mesmo com o sacrificio da minha pessoa! E apanhando um volume da Constituição ao alcance da mão, abriu-o, lendo em voz alta o artigo que lhe permittia livremente a escolha do ministerio. Os juizes de paz ergueram-se. Era aquella resposta que deviam levar ao povo? — Sim, repetiu tres vezes o imperador. — A unica coisa que poderei fazer é nomear um novo ministerio; reintegrar o outro, nunca!*

Os juizes curvaram-se e sahiram. Sua Majestade de braços cruzados continuou a passear nervosamente pelo salão.

O mordomo tornou a apparecer, avisando que o brigadeiro Francisco Lima e Silva desejava falar ao imperador. O militar foi introduzido. D. Pedro encarou-o, affectando calma: — *Como vão as coisas, general?*

— *Mal.* O povo exige melhores garantias para a Constituição e um ministerio que não opprima os pensamentos liberaes.

O joven monarcha teve um estremeção, fitando o general de alto abaixo. Depois interrogou, já em tom de irritação na voz: — *E o que o general pensa de tudo isso?* Lima e Silva ergueu a fronte serenamente: — *Eu sou da opinião do povo. Em caso de necessidade a minha espada está ao lado da causa popular.*

Uma onda de sangue cobriu o rosto do monarcha. Quis falar e não pôde: apenas um gesto lhe sahiu, um largo gesto de braço, apontando a porta. O brigadeiro curvou a cabeça e sumiu-se silenciosamente.

Durante uns segundos ninguem se arriscou a dizer palavra. Aquillo era a maior complicação do momento.

O general Lima e Silva, commandante das armas, dizia-se, á bocca pequena, ser o chefe do movimento revolucionario.

Nas salas e nos corredores havia uma impressão muito mais esmagadora.

A imperatriz D. Amelia, assustada nos seus 19 annos, em periodo agudo de gravidez, chorava e tremia no receio de uma complicação maior.

Entravam os diplomatas estrangeiros que o imperador mandara chamar. Eram mais de 11 horas da noite. Uma noticia chegou aos salões, in-

quietando os espiritos. O brigadeiro Lima e Silva ao retirar-se, acenara ao batalhão que guardava a Quinta e o batalhão o seguira para unir-se aos revoltosos.

A agitação de D. Pedro crecera. Agora falava sozinho, phrases curtas, as passadas mais fortes, mais rapidas, de quando em quando a aproximar-se da janella, como se esperasse a multidão revoltada romper entre os arvoredos.

Passava um criado pela sala. O Imperador o deteve. — *Então não ha mais soldados no paco, não é verdade?*

— Ha poucos, majestade, mas bons e fieis.

— *Não são como muitos que enchi de favores e agora se voltam contra mim.*

Parou, chamando o desembargador Lopes Gama. Que lhe fosse procurar o senador Vergueiro, para organizar o novo gabinete.

Era mais de meia noite, quando entrou no paco o Major Frias, Vinha como emissario do brigadeiro Lima e Silva e do povo, reiterar o pedido de recondução do ministerio.

D. Pedro não lhe deu palavra. Parecia que, naquelle momento, não havia ninguem no salão. Silencioso, profundamente calado, visivelmente abatido, passeava a largos passos, e passeava sempre, de cabeça baixa, como se uma revolução completa estivesse a operar no seu espirito. O estado de nervos da imperatriz crescia.

Frias esperou alguns minutos, em pé, perfilado e mudo. Depois falou: — *Majestade, eu sou um emissario; preciso de uma resposta.*

Pedro I levantou a cabeça, como se só naquelle momento o tivesse ouvido: — *Não! Nunca! O mesmo ministerio — nem que me matem!*

O militar fez curvatura de despedida. D. Pedro deteve-o: — *Não saia agora. Espere mais algum tempo.*

Os minutos e as horas foram passando. Eram já duas horas da madrugada, quando Lopes da Gama voltou a presença do monarcha. Não havia encontrado o senador Vergueiro em parte alguma.

Pedro I meditou por alguns minutos, profundamente, depois, dirigindo-se aos ministros e aos diplomatas estrangeiros, disse-lhes com mais doce tranquillidade: — *Poderao fazer-me o favor de acompanhar-me ao gabinete?*

Todos se ergueram. A imperatriz ergueu-se tambem. Foi D. Pedro quem fechou a porta do gabinete. E deante da esposa, dos ministros, dos diplomatas, Sua Majestade, com uma calma que ninguem lhe conhecia, falou:

— *Já todos conhecem as exigencias do povo. Não me sujeito a ellas. Prefiro descer do throno a governar peado. E depois de uma ligeira pausa: — Vou abdicar!*

Foi como o estouro de uma bomba o som daquellas palavras. Abdicar?! Então um soberano abdicava apenas porque o povo fervia nas ruas a exigir a recondução de um ministerio?

A imperatriz levantou-se; levantaram-se os ministros.

— Não! Não!

D. Pedro fê-los calar com um gesto: — *Não nos iludamos. O que lá fóra está é uma revolução nacional. Todos os brasileiros estão no Campo de Sant'Anna, contra mim. Não me querem, porque sou português. Meu filho tem uma vantagem sobre mim: é brasileiro, e os brasileiros gostam d'elle. Abdico em meu filho.*

Ninguem o conteve mais: nem os ministros, nem os conselheiros, nem a propria esposa. Elle sempre fóra o homem das resoluções imprevistas.

Aquillo se tinha passado em dez minutos. A porta do gabinete abriu-se e D. Pedro I appareceu com os olhos vermelhos, estendendo ao major Frias uma larga folha de papel a dizer com voz entrecortada de soluços:

— *Entregue isto ao povo e ao exercito! Sejam felizes!*

Era a abdicção do throno na pessoa de D. Pedro de Alcantara.

O militar desceu apressadamente as escadas.

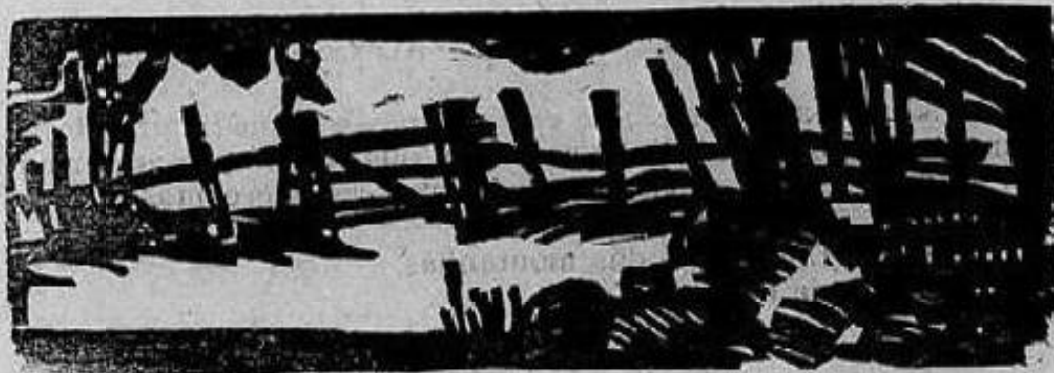
Um silencio esmagador pesou nos salões. Havia o tom solenne de um momento fúnebre.

A imperatriz surgiu á porta do gabinete com os olhos ensopados de lagrimas. D. Pedro caminhou ao seu encontro, apertou-a ao peito e chorou com ella abraçado.

Depois, seguiram o rumo do corredor, na direcção dos aposentos dos principes. Iam dar-lhes o beijo da despedida.

No céu a noite morria. Raiavam as primeiras linhas risonhas da madrugada historica de 7 de abril.

A. G. S. D.



PHILOLOGIA

APOSTILLAS AO ESTUDO DAS APPOSIÇÕES

PSEUDO ANACOLUTHIAS

Em grammatica, nada mais elementar que a analyse das apposições. Qualquer estudante de linguas sabe que se denomina apposição a um substantivo ou expressão substantiva que se accrescenta a um nome com o intuito de melhor especificá-lo. A palavra assim explanada recebe a denominação de termo fundamental.

Exemplos:

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel, serrana bella:
 mas não servia ao pae, servia a ella,
 que a ella só por premio pretendia.

CAMÕES.

Eu e tu, casta deidade,
 padecemos igual dôr:
 temos a mesma saudade,
 sentimos o mesmo amor.

JOÃO DE LEMOS.

Agora nenhum rei está aqui, mas sim o *Mestre* d'Aviz, vosso antigo
capitão, nobre cavalleiro de Aljubarrota.

ALEXANDRE HERCULANO.

Nem sempre a apposição se realiza após e immediatamente ao termo fundamental. Não são raros os casos em que se antepõe ao termo fundamental ou delle se acha separada por expressões interceptas.

Exemplos:

—Livre *filho* das montanhas,
 eu ia bem satisfeito...

CASIMIRO DE ABREU.

—E se de grandes reinos poderosos
 o teu Rei tem a regia majestade,
 que *presentes* me trazes valerosos,
signaes de tua incognita verdade?

CAMÕES. Lusiadas, VIII-62.

Acontece, muitas vezes, que o termo fundamental é constituído por uma variação pronominal:

— Não nos ponhamos a macaqueá-los, sem discernimento nem vergonha, *fazendo-nos, nós* que temos o direito de ser um astro soberano, satelite da republica enorme.

JOSÉ VERISSIMO.

Essa espécie de apposição a um pronome complemento recorda bem a índole da lingua latina, d'onde se originou a nossa.

A analyse superficial do exemplo anterior revela que o apposto *nós* corresponderia ao nominativo latino, enquanto que o termo fundamental *nos* se acharia em accusativo.

Em latim, principalmente nos casos em que o apposto era seguido de uma clausula adjectiva, a construcção apresentava duas modalidades:

a) — ou a apposição se collocava no mesmo caso do substantivo ou pronome a que vinha explanar;

b) — ou se sujeitava ao nominativo, caso do relativo *qui*, de que o apposto era antecedente.

A evolução da lingua portuguesa fixou de preferencia a segunda fórma, embora não fosse a syntaxe regular do idioma latino.

Desconhecendo talvez esse facto, grande numero dos nossos melhores grammaticos não hesita em classificar como anacoluthias phrases em que ha mera apposição a pronomes complementos.

No presente trabalho, estudarei algumas sentenças que por ahi correm impressas como anacoluthias e que, de facto, á primeira vista, poderiam receber tal classificação.

Sentir-me-ei bastante recompensado do tempo e do esforço mental que despendi para a elaboração deste artigo, se as considerações que apresento, após lidas e meditadas, merecerem a annuencia dos que cultivam e ensinam a lingua vernacula.

II

A anacoluthia representa a interrupção da logica grammatical do texto, de modo que palavras e expressões apparecem syntacticamente como que soltas na phrase, sem desempenhar função apparente.

Psychologicamente, os anacoluthos são bastante explicaveis pelas leis de associação de idéas. Embora haja seissão na contextura grammatical, as idéas todavia continuam intimamente relacionadas.

A quebra da unidade phraseologica não affecta a cohesão do pensamento.

E' o que se póde verificar nos exemplos seguintes:

—Esta é a ditosa patria minha amada,
a qual se o Céu me dá que eu sem perigo
torne, com esta empresa já acabada,
*acabe-se esta luz alli commigo.

CAMÕES. Lusiadas, III 21.

—Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
*mais póde enfim que a ira a piedade.

CAMÕES. Lusiadas, III-40.

As sentenças que estudarei a seguir têm sido analysadas como anacoluthias pelos nossos grammaticos. Talvez o sejam na apparencia, mas não na realidade.

Preferiria classificá-las como pseudo-anacoluthias.

Seja o exemplo:

— Manoel de Sousa de Sepulveda, vendo sua amada esposa naquelle estado e os filhinhos no chão chorando, *parece que a magua e a dôr lhe resuscitou o entendimento.

DIOGO DO COUTO.

A ordem grammatical, perfeitamente uma sob o ponto de vista analytico, é: Parece que a magua e a dôr resuscitou o entendimento *a elle* (=lhe), Manoel de Sousa de Sepulveda, vendo (=videns, que via) sua amada esposa naquelle estado e os filhinhos no chão chorando (=plorantes, que choravam).

Da mesma maneira, este outro exemplo:

— Veiu ocasião em que o bom soldado, invejoso e animado do que ouvia ler, *lhe* pareceu ensejo de mostrar o seu valor. (Francisco Manoel de Mello).

A analyse deve entender: Veiu ocasião em que *a elle* (=lhe), o bom soldado invejoso e animado do que ouvia ler, pareceu ensejo de mostrar o seu valor.

Identicamente devem ser interpretados os exemplos:

— E de então *todos os* que por fio de geração não succederam, *as armas lhes* deram titulo, coroa, sceptro e senhorio. (Francisco Manoel de Mello).

— *Tua mãe* não ha idade nem desgraça que *lhe* amolgue a indole rancorosa. (Camillo Castello Branco).

— *Os leprosos cae-lhe* o cabello, porque o humor excrementoso *lhe* roe as raizes. (Manoel Bernardes).

O proprio Camões usou desta maneira elegante de construcção, "no proposito firme, como disse um grammatico, de obter um effeito intencional".

Sómente este effeito intencional era conseguido por coordenação bastante logica e não por anacoluthia.

— *Este* depois que contra os descendentes da escrava Agar victorias grande teve, ganhando muitas terras adjacentes, fazendo o que a seu peito justo deve, em premio destes feitos excellentes, deu-*lhe* o supremo Deus, em tempo breve, um filho que illustrasse o nome ufano do bellicoso reino lusitano.

Lusiadas, III-26.

— *Este povo*, que é meu, por quem derramo as lagrimas que em vão cahidas vejo, que assaz de mal *lhe* quero, pois que o amo, sendo tu tanto contra o meu desejo.

Lusiadas, II-40.

Mas a mesma apposição no nominativo que se realizava com o pronome complemento correspondente á terceira pessoa se reproduzia com as outras.

Os exemplos não faltam:

— *Eu* que não perdia com os olhos um só movimento dos que os seus faziam, *me* pareceu o que tinha visto sombra de graça e brandura.

Diogo do Couto.

— *Eu* que cahir pude neste engano (que é grande dos amantes a cegueira)

encheram-me, com grandes abundanças,
o peito de desejos e esperanças.

CAMÕES. *Lusiadas*, V-51.

Em muitos casos, porém, a apposição, realizando-se a um pronome pessoal do caso recto, já era objecção latente contra a classificação da anacoluthia.

Exemplos:

— *Os brincos, os jogos, os passatempos*, trás que aquella idade corre sem peso, e ainda sem malicia, parecia que a natureza o criara isento da inclinação *delles*. (Frei Luiz de Souza).

— *Os bens* deste mundo, como são corruptiveis, ainda que não haja quem os furte, *ellos mesmos* se nos roubam. (Antonio Vieira).

— Vereis *este*, que agora pressuroso
por tantos medos o Indo vae buscando,
tremar *delle* Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.

CAMÕES. *Lusiadas*, II-17.

Mas, não são só os pronomes pessoais e suas variações que admittem phrases appositivas. Os proprios adjectivos possessivos gosam dessa propriedade.

Aliás, é bastante conhecida a relação dos adjectivos possessivos e os pronomes complementos, principalmente do dativo. Não ha grammatico que não tenha dito algo sobre o assumpto.

Seja o exemplo:

— O rendeiro da Alfandega, que, no cabo do seu arrendamento, ficou devendo dez mil cruzados, *são seus fiadores levados pelos ares. (Diogo no Couto).

Não ha nenhuma interrupção no sentido. A analyse bem dirigida revelaria: São levados pelos ares os fiadores *delle* (—seus), o rendeiro da Alfandega, que, no cabo do seu arrendamento, ficou devendo dez mil cruzados.

Identicamente o exemplo:

— Filho do marquez de Marialva e discipulo querido de seu pae, do melhor cavalleiro de Portugal, e talvez da Europa, *a cavallo a nobreza e a naturalidade do seu porte enlevavam os olhos. (Rebello da Silva).

A analyse deve entender: A cavallo enlevavam os olhos a nobreza e a naturalidade do porte *delle* (—seu), filho do marquez de Mirialva e discipulo de seu pae, do melhor cavalleiro de Portugal, e talvez da Europa.

Sejam ainda o exemplo:

— Assim o povo que tem melhor gosto e mais puro do que essa escuma descorada que anda ao de cima das populações e que se chama a si mesma Sociedade, *os seus passeios favoritos são a Madre de Deus, e o Beato e Xabregas e Marvillas e as hortas do Chellas. (Almeida Garrett).

O sentido é sempre logico: Assim a Madre de Deus e o Beato e Xabregas e Marvillas e as hortas do Chellas são os passeios favoritos *delle* (—seus), e povo que tem sempre melhor gosto. . . . etc.

Após as considerações anteriores creio poder concluir que todas as sentenças citadas e outras analogas não constituem anacoluthias, embora se

a) — como “uma figura de syntaxe em que um termo se acha como que solto na phrase, sem se ligar syntacticamente a outro”; ou

b) — como “uma interrupção e mudança de construcção já começada por outra de nexos differente”; ou

c) — como “o desprezo das regras da syntaxe, não guardando as palavras entre si a devida coherencia”; ou

d) — como apenas “a suppressão dos correlativos”.

O que houve foi mera transposição do apposto para o inicio da sentença, ou para se evitar confusão do sentido ou por mera elegancia da phrase.

De quanto escrevi no presente artigo, resultam as seguintes *apostillas ao estudo das apposições*:

I — Identicamente ao que acontecia em latim, a apposição em portugês apresenta duas modalidades de construcção:

1) ou submeter-se á mesma regencia do nome explanado:

— Discipulo querido *de seu pae, do melhor cavalleiro de Portugal*. (Rebello da Silva).

— Nunca tão mergulhado estivestes *no mundo espirital, no mundo invisivel* que envolve, enche, vivifica e rege este orbe de terra e morte, onde trazemos os pés. (A. F. de Castilho).

—Oh! que saudades que tenho
da *aurora* da minha vida,
da *minha infancia* querida,
que os annos não trazem mais!

CASIMIRO DE ABREU.

2) ou, o que é regra geral, recusa a regencia do termo fundamental e se conserva numa forma que equivaleria ao nominativo latino:

Vés, já a villa de Alcacere se humilha,
sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
a *Dom Matheus, o bispo* de Lisboa
que a coroa de palma alli coroa.

CAMÕES. Lusiadas.

Vé Cathigão, cidade das melhores
de *Bengala, provincia* que se presa.

CAMÕES. Lusiadas.

II — As sentenças appositivas constituem pseudo-anacoluthias sempre que:

1) o termo fundamental se apresenta sob o aspecto de uma variação pronominal ou de um adjectivo possessivo; e

2) o apposto, bastante longo devido a phrases incidentes, for deslocado para o inicio do periodo, afim de se evitar confusão no entendimento da sentença.

Exemplos:

— *Manoel de Souza de Spulveda*, vendo sua amada esposa naquelle estado e os filhinhos no chão chorando, parece que a magua e a dor *lhe* resuscitou o entendimento. (Diogo do Couto).

— *O resdeiro da Alfandega*, que, no cabo do seu arrendamento, ficou devendo dez mil cruzados, são seus fiadores levados pelos ares. (Diogo do

III — Para compreensão das pseudo-anacoluthias, os pronomes complementos e os adjectivos possessivos devem ser transformados analyticamente nos pronomes correspondentes do caso recto, acompanhados da preposição regencial exigida: a preposição *a* para os pronomes complementos; *de*, para os adjectivos possessivos.

IV — As pseudo-anacoluthias grammaticalmente constituem casos de sentenças pleonasticas. Os pronomes complementos e os adjectivos possessivos podem ser eliminados do periodo, desde que o apposto seja regido da preposição adequada.

Os exemplos anteriores poderiam ser expressos:

— Parece que a magua e a dor resuscitou o entendimento a Manoel de Sousa de Sepulveda, vendo sua amada esposa naquelle estado e os filhinhos no chão chorando.

— São levados pelos ares os fiadores do rendeiro da Alfandega que, no cabo do seu arrendamento, ficou devendo dez mil cruzados.

V — As pseudo-anacoluthias constituem uma das mais bellas maneiras de construcção em lingua vernacula: não só conservam a integridade vital do pensamento e não offendem a logica syntactica do periodo, como também tornam ao discurso mais gracioso, mais elegante, mais emphatico, de uma tonalidade desconhecida da ordem normal das construcções.

J. L. DE CAMPOS



METHODOLOGIA

Lições do Professor Arnaldo Carneiro Leão

(Orthographia do autor)

CORPOS SOLÚVEIS E CORPOS INSOLÚVEIS

I—MATERIAL

6 tubos de ensaios, estante para os mesmos, água, açúcar, clorêto de sodio, (sal de cozinha), banha, flôr do enxôfre, benzina, sulfurêto de carbôno, farinha, sabão, cânfora.

II — EXPERIENCIAS

Primeira — Ponham água nos quatro primeiros tubos colocados na estante (a altura da água poderá regular 1/3 da altura do tubo). Em seguida, dei em no primeiro tubo um pouquinho de açúcar; no segundo, um pouquinho de clorêto de sódio; no terceiro, um pouquinho de banha e no quarto, um pouquinho de flôr de enxôfre.

Tirem, um a um, os tubos da estante, fechem o orificio com o polegar e os agitem bem. Ao cabo de alguns segundos observem que a água dissolveu o açúcar e o sal, não fazendo, entretanto, o mesmo com a banha nem com o enxôfre.

Conclusão — Ha corpos solúveis e corpos insolúveis.

Segunda — Na estante ficaram ainda dois tubos limpos. Pois bem.

Em um dêles ponham, de nôvo, um pouquinho de banha e no outro, um pouquinho de flôr de enxôfre.

No primeiro derramem um pouco de benzina e no segundo, um pouco de sulfurêto de carbôno.

Agitem demoradamente os dois tubos e observem, em seguida, que a benzina dissolveu a banha e que o sulfurêto de carbôno fez o mesmo com o enxôfre.

Conclue — Corpos insolúveis em um determinado liquido podem ser solúveis em outro qualquer. Assim, a banha e o enxofre são insolúveis na agua e solúveis respectivamente na benzina e no sulfureto de carbôno.

III — OBSERVAÇÕES

Primeira — Os saes que derivam de ácidos terminados em idrico têm a desinência — êto. Assim, das reacções dos acidos cloridrico, bromidrico, resultam, respectivamente, os saes clor-êto, brom-êto. Convém advertir, no entretanto, que devêmos dizer sulfurêto e não sulfêto em obediencia ao radical latino — súlfur.

Em conclusão, pois, clor-êto, brom-êto, iod-êto e SULFUR-êto.

Segunda — O sulfurêto de carbôno é um liquido de cheiro desagradável e MUITO INFLAMÁVEL. De sua inflamação resulta a formação de anidrido carbônico sulfurôso, dois corpos tóxicos. Atendendo ao que acaba de ser dito, não dêvem trabalhar com o sulfurêto de carbôno nas proximidades de qualquer chama.

Terceira — Dissolução é o fenómeno em virtude do qual um corpo qualquer em contacto com um liquido se mistura com ele formando um todo

homogêneo no qual, entretanto, cada um conserva as suas propriedades individuais.

O líquido que dissolve, denomina-se **dissolvente**; a propriedade que têm certos corpos de se deixarem dissolver, chama-se **solubilidade**; ao líquido que resulta da dissolução, dá-se o nome de **solúto** ou **solução**.

Quarta — Os dissolventes mais importantes, são: a água, o álcool, a benzina, o éter, o sulfureto de carbono, o clorofórmio. Dentre todos, a água é o que goza da propriedade de dissolver maior número de corpos. Por isso é a água considerada como o dissolvente mais importante.

Quinta — Toda vez que tiverem de fazer uso de tubos de ensaio, nos quaes devam introduzir substancias pulverizadas, é de toda conveniencia que os tubos estejam enxutos internamente. No caso de não atenderem a essa ligeira observação, ao derramarem o pó no interior do tubo, terão o desprazer de vê-lo aderir ás suas parêdes antes de alcançar o fundo do mesmo.

Sexta — Quando se tiverem esquecido dessa recomendação e, por consequência, tenham de trabalhar com um tubo molhado, façam um funil de papel pautado, colóquem-no no tubo de sorte que a extremidade se aproxime tanto quanto possível do fundo do tubo e, pelo funil, detem a substancia pulverizada.

PLANO DE AULA (INDUCTIVO-DEDUCTIVO)

I — PREPARAÇÃO MENTAL

- a) de cada aluno — 6 tubos de ensaios (podem ser substituídos por 6 tubos vazios de aspirina), estante para os mesmos, água, açúcar, sal de cozinha, um pouquinho de banha;
- b) de cada professor—flôr de enxôfre, sulfureto de carbono, benzina, farinha, sabão, cânfora.

I — PREPARAÇÃO MATERIAL

a) **historiêta** — Vou narrar-lhes uma interessante fábula:

Um pobre homem possuía 2 burrinhos que lhe prestavam bons serviços conduzindo as mercadorias que eram objecto de seu comércio. Certo dia, tendo comprado uma carga de sal de cozinha e outra de esponjas, o homem, como de costume, confiou aos dois burrinhos o transporte de suas mercadorias. Puseram-se a caminho, um burrinho com sal, outro com esponjas. Era grande a diferença de cargas. Enquanto o burrinho "das esponjas" caminhava ligeiro, como se nada carregasse ao dorso, o burrinho "do sal", marchava pesadamente. O dono, a pé, pacientemente, tangia-os. Não muito longe chegaram á margem de um rio que tinham de atravessar. Compreendendo que a carga do burrinho que conduzia o sal era muito mais pesada, o homem, receando que ele lutasse com dificuldade para atravessar o rio, tangeu-o na frente. O pobre burrinho, logo ao entrar n'água, tropeçou e caiu. Todo sal se molhou. Poucos minutos depois, o burrinho, sentiu que lhe haviam retirado a carga e, satisfeito, facilmente galgou á margem oposta do rio. O homem, então, montou no burrinho que conduzia esponjas e entrou n'água. Ao principio o burrinho ia vencendo a correnteza das águas. Mas, pouco a pouco, diminuía a marcha, como se a carga se tornasse mais pesada. Em breve, sem forças, cahiu e arrastado pelas águas, pereceu afogado.

Quem teria tirado a carga de sal que o burrinho carregava? Quem teria augmentado a carga do outro burrinho? Vocês querem saber?

Quem de vocês quer explicar a diferença que ha entre uma pessoa feliz e outra infeliz? Entre as palavras fiel e infiel? Entre mortal e imortal? Que significa, então prefixo IN? Uma cousa que não é solúvel que nome deverá ter então?

III — APRESENTAÇÃO

Além do material que vocês trouxeram, aqui estão mais 3 substancias: sulfureto de carbôno (móstro), benzina (móstro) e flôr de enxôfre (móstro). E' possível que já conheçam as duas últimas. Quanto ao sulfureto de carbono quero fazer-lhes uma recomendação importante. Em virtude de ser êste liquido facilmente inflamável, nunca o aproximem da châma. Quando tivermos ocasião de o empregar, notaremos que seu cheiro é bem desagradável, lembrando o cheiro de ovos pôdres.

IV — INICIAÇÃO

Deitem água nos quatro primeiros tubos de ensáio, até um terço de cada tubo. No 1º tubo, joguem um pouquinho de açúcar; no 2º, um pouquinho de sal de cozinha; no 3º, um pouquinho de banha; e no 4º, um pouquinho de flôr de enxôfre que sua coleguinha F. vai distribuir (mando distribuir a flôr de enxôfre).

V — INDUÇÃO

a) Observação — Retirem o 1º tubo da estante, fechem-no com o dêdo polegar e o agitem. Que notam? (O açúcar se "derreteu"). Façam o mesmo com o 2º tubo. Que observam? (o mesmo, o sal tambem se "derreteu").

Dentro da água vocês podem distinguir as "pedrinhas" de sal ou de açúcar? Observem. Que me dizem? (Não, não se distingue mais nem o açúcar nem o sal). Experimentem se a água do 1º tubo ficou com o sabôr do açúcar e se a do 2º, ficou com o sabôr do sal? (Ficou).

Quando acontece a um corpo pôsto num liquido o mesmo que aconteceu agóra, como vocês viram, ao açúcar e ao sal pôstos n'água, isto é, quando um corpo pôsto num liquido se mistura com êle a ponto de não se poder mais distinguir um do outro, conservando, porém, cada um suas propriedades, diz-se que êsse corpo é solúvel nêsse liquido.

Ao liquido que tem a faculdade de dissolver outro, chama-se dissolvente. Um liquido que contém um corpo qualquer dissolvido em sua massa, constitue uma solução dêsse corpo.

Vamos agóra fazer o mesmo com os dois outros tubos que encerram a banha e o enxôfre. Agitem-nos. Observem. Que notam? (Nem um dos dois corpos se "derreteu". Então a banha é solúvel n'água? (Não). O enxôfre é solúvel n'água? (Não).

Que nome, então, poderemos dar a esses corpos que não são solúveis? (Insolúveis).

b) Mais observações — Quantos tubos restam limpos na estante? (Dois).

Ponham num dêles um pouquinho de banha e no outro, um pouquinho de flôr de enxôfre. Cada um venha á minha mesa e deite no tubo que contém a banha um pouco de benzina e no outro, um pouquinho de sulfureto de carbôno. Aproveitem a ocasião para que fiquem reconhecendo o sulfureto de carbôno pelo cheiro.

Agitem bem os dois tubos e passem a observá-los. A banha é solúvel na benzina? (E'). E o enxôfre é solúvel no sulfureto de carbôno? (E'). Recordem o que observaram, faz pouco, quando a banha e o enxôfre fo-

ram postos n'água. Que concluem daí? Um corpo insolúvel num liquido é insolúvel em tôdos os liquidos? (Não).

c) Generalização — Quando é que um corpo é solúvel? E quando é insolúvel? Um corpo insolúvel num determinado liquido, poderá ser solúvel noutro liquido diferente?

VI — RETENÇÃO

Os alunos da primeira fileira repitam, um a um, o que é corpo solúvel; os da segunda digam o que é corpo insolúvel. E, ~~vão escrever~~ no quadro-negro tudo quanto os colegas disséram. Copiem tôdos, em seus caderninhos, o que está escripto no quadro-negro.

VII — DEDUÇÃO

Os alunos da primeira fileira vão verificar se o sabão é solúvel n'água; os da segunda, vão fazer o mesmo com a farinha; os da terceira vão verificar se a cânfora é solúvel ou insolúvel na benzina; e os da quarta darão exemplos de corpos solúveis e de corpos insolúveis n'água ou em outro qualquer liquido.

Obsérvem, recórdem o que aprendéram e conclúam.

VIII — APLICAÇÕES

a) educativas — LINGUAGEM — Na proxima aula de linguagem escripta apresentem uma composição relativa ao assumpto de nossa lição de hõje.

b) higiênicas — Em vista do seu grande poder dissolvente, a água é extremamente usada em higiene para aseio do nosso corpo, de nossas roupas, etc.

c) médicas — A água é o dissolvente, de preferéncia, empregado na Medicina como veiculo de várias substancias medicamentosas. Visitem uma Farmácia e obsérvem qual é o dissolvente que o farmaceutico emprega mais frequentemente ao aviar as receitas médicas.

d) agricolas — Arranjem 2 latas, encham uma com terra completamente sêca e outra com terra húmida. Plantem em cada uma das latas, a igual profundidade, grãos de feijão ou de milho.

Réguem todos os dias a lata que contém a terra húmida. Ao cabo de uns 8 dias, digam se a água é ou não útil á germinação.

e) domésticas — Aproveitem a faculdade de dissolvente que possui a benzina e com ela tirem manchas de gordura.

Tirem as manchas de verniz com um pano molhado em alcool.

Procurem tirar qualquer mancha produzida pela terebentina, esfregando-a com um pano molhado em alcool.

Tirem manchas de sangue com água.

Dissolvam 1 grama de iodo metálico em 10 grâmas de alcool; guardem a solução num frasco escuro e ponham o rótulo "Tintura de iodo."

USO EXTERNO.

Toda vez que sofrêrem ferimento, lavem a ferida com água e, em seguida, apliquem sobre ela a "Tintura de iodo".

Dissolvam 50 grâmas de gôma-laca em 500 grâmas de alcool ordinario. Ponham o distico "Verniz". Se quiserem que o verniz fique preto, façam um pouco de "pós pretos" (fuligem ou negro de fumo) e ajuntem ao verniz. Toda vez que quiserem usar o verniz, vascolem a garrafa.

água. Ponham em um frasco de boca larga. Cólem o distico "Gôma-arabica" ou "Goma de cajueiro".

IX — INVESTIGAÇÕES

a) Informem-se de onde vem a água que é distribuída em nossa cidade e como é conduzida de lá do manancial até o Recife. (*)

b) Informem-se da distância que existe entre Gurjuá e Recife. (**)

c) Verifiquem o meio de transporte mais utilizado entre as duas localidades.

d) Informem-se do preço do metro cúbico d'água.

e) Leiam hoje, o registro d'água (hidrômetro) e 10 dias depois, á mesma hora, torneem a lê-lo. Notem que volume d'água gastaram em 10 dias. Façam o cálculo de quantos metros cúbicos gastarão por mês e por ano. Informados do preço da unidade de volume (o metro cúbico) calculem quanto gastam, em dinheiro, com o consumo d'água, em um mês e em um ano.

A S S E M E N T E S

I — MATERIAL

Sementes e frutos diversos, entre os quaes frutos do pinheiro (na falta, uma estampa), de carrapateira (mamôna). Convém estudar, de preferência, a semente do feijão, já pela facilidade que seu estudo oferece, já pela facilidade de aquisição. Fita métrica e "agulhas montadas", isto é, agulhas comuns presas a êsses cabos de ôsso próprios para agulhas de "crochet"; lente de aumento.

II — EXPERIENCIAS

Primeira — Ponham grãos de feijão e de milho dentro de um copo com água e observem no dia seguinte como estão aumentados. Comparem-nos com grãos secos e nótem as diferenças que se observam no volume, na cor (às vezes), na consistência.

Conclusão — A água penetra no grão e provoca numerosas modificações: no volume, na cor, (às vezes), na consistência.

Segunda — Tomem alguns grãos de feijão entumecidos pela acção da água e levantem o tegumento (péle). Auxiliados pelos desenhos abaixo, observem suas diferentes partes.

Essas observações devem ser feitas com o auxilio de agulhas montadas e de uma lente.

Terceira — Jogueem alguns milhos e alguns grãos de feijão num copo com água. Nótem que alguns ficaram a fluctuar. E' o processo que os agricultores põem em pratica quando querem saber se uma semente é capaz de germinar. As sementes que fluctuam não prestam.

Façam a mesma experiência com sementes de carrapateira (mamôna). Notem que tódas as esementes ficam a fluctuar.

Notas da Redacção:

(*)—O professor de Maceió, envez de Recife, falará de Maceió, e fará os confrontos suggeridos pela lição. O professor do Grupo "Oliveira e Silva", envez de Maceió ou Recife, falará de Pilar, e assim os demais.

(**)—Envez de Gurjuá e Recife, entre nós será Bebedouro e Maceió. Em Pilar, envez de Gurjuá se falará em Mexicana.

Conclusão — Ha sementes mais densas e outras menos densas que a água.

Por isso o processo pôsto em prática pelos agricultôres sómente se aplica ás sementes que, normalmente, são mais densas que a água.

III — OBSERVAÇÕES

Primeira — Notem que cada grão de feijão ou mais simplesmente, cada feijão é verdadeiramente uma semente; cada grão de milho, porém, é um fruto. Dá-se também o nome de "milho" á espiga. Esta é porém, uma reunião de frutos prêsos a um eixo comum. Assim, pois, quando, dizemos, por exemplo, alguns milhos, não se deve entender — algumas espigas — e sim alguns frutos, isso é, alguns grãosinhos.

Segunda — Na germinação do feijão bem como na de muitas outras sementes nótam-se as cotilédones, que se expandem fóra da terra. Em outras sementes, entretanto, as cotilédones expandem-se debaixo da terra.

Plano de aula (Decolij)

I — PREPARAÇÃO MATERIAL

a) de cada aluno: lápis, caderno, obliteradôr, fita métrica, sementes e frutos diversos.

b) do prof.: milho, grãos de feijão (uns, sêcos; outros, entumecidos pela permanência nágua durante 24 horas), laranja, quiábo, tomate, vágem, fruto do pinheiro, lentes de augmento, fita métrica, canivete, agulhas montadas, pó de serra, 1 côpo, giz branco e de côres, frutos de carapateira.

II — PREPARAÇÃO MENTAL

a) charada novíssima. A igreja e a intelligencia quáse sempre estão dentro do fruto, 1-2.

b) adivinhação: Qual a palavra que termina em mente que não é adverbio de modo?

III — EXPLICAÇÃO PRÉVIA DE TERMOS

Que significam as palavras: MONOsilaba, MONOcôpo, MONOmio, MONOlogo?

Que quer dizer, então o prefixo MONO? Quem adivinha o que quer dizer MONOcotilédone?

Que significa o prefixo DI? Examinem as palavras: DISilaba,, DITon-go? Que querará dizer, então DICotilédone?

IV — APRESENTAÇÃO

Eis o material que eu trouxe para objecto de nossas observações de hoje. Distribúa, F., com seus colégas tódo o material.

V — OBSERVAÇÃO

Partam os frutos que têm. Que observam dentro do fruto? Eu vou fazer o mesmo com o fruto do... (mostro uma vágem de feijão). Então, as sementes se acham dentro dos...

Tomem os grãos de feijão e passem a examiná-los atentamente. (Este primeiro exame mando fazer sobre ou grãos secos).

Qual a forma? A cor? Têm cheiro? Mastiguem um grão: é duro? que sabor tem? Meçam com a fita um desses grãos em seus cadernos.

Examinem, agora, esses outros grãos que deixei ficar 24 horas n'água.

VI — COMPARAÇÃO

Comparem tudo quanto possam observar nesses grãos com os que examinaram há pouco.

Forma, tamanho, cor, consistência, etc. A que atribuem as modificações observadas. Então, a água em contacto com as sementes provoca...

Desenhem, ao lado do primeiro grão que vocês traçaram em seus cadernos, um desses outros grãos entumecidos.

VII — MAIS OBSERVAÇÕES

Tomem os grãos entumecidos pela água e os examinem cuidadosamente em todas as suas faces. Há alguma dessas faces que apresente algo de notável? É a face côncava ou a convéxa? (É a côncava).

Que há no centro dessa face côncava? (Um pontinho branco).

Vamos batizar esse pontinho branco? Ele chama-se "hilo".

É fácil descobrir o que significa esse pontinho branco. Eis aqui algumas vagens contendo feijões. Abram-na delicadamente e procurem descobrir que significação tem o pontinho branco ou o "hilo". (É o ponto por onde a semente se prende ao fruto).

Voltem a observar a face côncava do feijão. Abaixo e acima do "hilo" há ainda qualquer coisa a notar? (há: de um lado, um orifício como se fora feito pela ponta de um alfinete, e de outro, uma pequenina saliência, parecida com uma pequenina verruga).

Vamos desenhar o grãozinho de feijão tal como nós o temos deante dos nossos olhos. Cada um faça o seu desenho e, em seguida, completem-no com flechas, como eu vou fazer no quadro-negro, indicando o nome de cada ponto mais interessante.

Aquêle pequenino orifício que vocês notaram ao lado do "hilo", denomina-se "micropila". Quanto à verruguinha que vocês também descobriram, ficará, por enquanto sem nome.

Com a ponta de um canivete ou com a própria unha, procurem levantar a película que envolve o grão.

Foi fácil? Experimentem fazer o mesmo com um dos grãozinhos secos que têm sobre as mesas. Que diferença notam? Então, a que atribuirão isso?

Essa película que vocês destacaram chama-se "o tegumento da semente". A cor do tegumento de todos os grãos, que vocês têm é a mesma? Destacado o "tegumento", o que lhes resta ás mãos chama-se "amêndoa". Observem a amêndoa, externamente, e digam o que mais lhes atrair a atenção. (Um cordãozinho, fazendo saliência). A que ponto corresponde esse cordãozinho na semente olhada externamente? Ao lado em que fica a "micropila" ou ao lado da verruguinha? (Ao lado da micropila). Quanto à cor da "amêndoa" do feijão, que notam? (Varia, como a cor do "tegumento").

Desenhem a "amêndoa" deixando ver bem o detalhe que vocês observaram.

Experimentem abrir a "amêndoa". É fácil? Em quantas partes a dividiram? Cada uma dessas metades, denomina-se "cotilédone". Então, se o

feijoeiro tem frutos cujas sementes têm duas cotilédones, o feijoeiro é um vegetal...

Olhem, atentamente, as cotilédones, pela face interna. Que ha de notavel? (Numa não existe nada; na outra porém, ha umas folhinhas).

Observem se essas folhinhas têm alguma relação com o cordãozinho que vocês descobriram, ha pouco, na face interna da "amêndoa". Aqui estão algumas lentes para que melhor possam examinar.

Desenhem a amêndoa com cotilédones abertas deixando ver as folhinhas, tal como vocês as têm deante dos olhos. Agora, muito delicadamente, destaquem o que tanto lhes chamou atenção e desenhem tambem. Essa parte que vocês observaram dentro das cotilédones constituídas pelas folhinhas e pelo cordãozinho, denomina-se o "embrião" ou a "plântula". No desenho que eu fizer no quadro, porei flechas, indicando o nome de cada porção de "embrião". Quanto á finalidade de cada uma dessas partes veremos em outra oportunidade.

VII — ASSOCIAÇÃO

As sementes, como se sabe, plantam-se com o fim de reproduzir a espécie. Vou partir alguns frutos e vocês verão onde, de ordinario, se encontram as sementes. Parece talvez, a vocês, bem desnecessaria semelhante advertência. Não é assim. Aqui está um fruto (mostro o fruto do pinheiro) que tem as sementes colocadas por fóra.

Ha sementes férteis e sementes esteréis. As primeiras, plantadas germinam, isto é, reproduzem o vegetal de onde provieram; as segundas, ao contrário, não têm a faculdade germinativa; plantadas, morrem.

Os agricultores costumam verificar se uma semente é boa ou má, jogando o lote de semente que pretendem plantar dentro d'água. Vamos repetir aqui, essa experiencia. (Jogo um punhado de grãos de feijão e uns milhos dentro de um copo com água).

Vêem vocês que alguns milhos e alguns grãos de feijão vão ao fundo, enquanto outros ficam a fluctuar. Eis aí: aquêles que vão ao fundo são férteis, enquanto os outros, são esteréis.

Esse processo, entretanto, não se pode aplicar a todas as sementes. Assim, eu lhes vou mostrar sementes que sempre ficam a fluctuar. (Jogo um pouco de sementes de carrapateira). A razão de essas sementes ficarem sempre a fluctuar está no facto de encerrarem elas uma substancia oleaginosa, um óleo, substancia, como se sabe, menos densa que a água.

Os governos que se interessam pelo desenvolvimento da agricultura do seu País, ou Estado, mantêm serviços especiaes organizados com o fim de distribuir sementes seleccionadas, no louvavel intuito de intensificar e melhorar certas culturas próprias da região.

O nosso Estado, por exemplo, cuida com interêsse do desenvolvimento de varias lavouras, notadamente, da cana de açúcar, do algodão, do milho, do feijão, do café, da mandioca, etc.

As sementes são conservadas em logares especiaes denominados "silos".

Antigamente os silos eram subterrâneos; hõje, são simples caixas metalicas bem fechadas. As sementes aí se conservam por muito tempo.

Ha sementes que conservam o poder de germinar por pouco tempo: o amendoim, o café. Outras, porém, o conservam por um tempo bastante dilatado: o trigo guardado nas pirâmides do Egipto, havia séculos, conservou poder germinativo até nossos dias.

As sementes, ás vezes, são conduzidas a logares muito distantes por intermedio dos ventos, dos pássaros e dos insectos.

Desejo ainda dizer-lhes e mostrar-lhes uma coisa bem importante. Guardei estas sementes aqui (mostro o frasco) e desejo que um de vocês chêgue um fósforo acêso até o fundo do frasco.

Aqui está outro frasco semelhante e, para lhes mostrar que não ha nisso nem um mistério vou introduzir nêle um fósforo acêso. Viram? Façam o mesmo no frasco que encerra as sementes. Que notam? Isso significa que as sementes, como nós, exálam gás carbonico.

IX — EXPRESSÃO

Vocês farão, em seus cadernos, uma ligeira composição sobre as sementes, notadamente sobre a semente do feijão. E' excusado dizer que de-sejo toda a composição acompanhada de desenhos, todos tirados do natural.

Desejaria que vocês fizessem, em gesso, em plastilina ou em argila, em tamanho natural, e corados convenientemente, milhos e grãos de feijão ou de outro qualquer fruto.

X — APLICAÇÕES

Domésticas — Pelas substâncias que encerram, muitas sementes são excelente alimento para o homem. O feijão, a castanha do Pará, uma parte da semente do côco, o arroz.

Empregarem em sua alimentação o feijão, o arroz, o amendoim, a amêndoa da castanha do cajueiro, a amêndoa da castanha do Pará, a amêndoa do côco.

Com as sementes do caféiro, torradas e pisadas, façam a deliciosa infusão — o café.

Medicinaes — Pisem sementes de linhaça, e façam cataplasmas e apliquem em inflamações.

Das sementes de carrapateira ou mamona extráiam o óleo de recino.

Com as sementes de mostarda, façam sinapismos e os apliquem nas pernas, contra dôres, em geral.

Da semente do algodoeiro, extráiam o "óleo de carôco de algodão".

Côlham o pêlo que cobre as sementes do algodoeiro — o algodão e o apliquem em varios fins.

Higiênicas — Não durmam em salas que servem de deposito a sementes. Lembrem-se que as sementes, como os animaes, exálam gás carbonico.

Agricultura — Ponham sobre uma fôlha de papel mataborrão 100 grãos de feijão; molhem e dobrem as pontas do papel, e coloquem tudo sobre um prato, numa sala. Ao cabo de 8 a 10 dias, contem quantas sementes germinaram. O numero de sementes germinadas representa a percentagem do "poder germinativo" dessa semente.

Problêma — Em 50 milhos postos a germinar, ao cabo de 10 dias, havia 40 milhos germinados. Qual o poder germinativo dessa semente? Que acham da qualidade dessa semente?

XI — INVESTIGAÇÕES

No mercado, nas feiras, arranjem sementes diversas para a sala ambiente da escola.

Informem-se do preço do feijão, do milho, do arroz, do café.

Procurem saber quaes os Estados que produzem mais feijão, milho, café.

XII — SINOPSE

As sementes	{	Tegumênto	{	
		Amêndoa		radicula
		Embrião...		cauliculo
		férteis		caule
		estéreis		gémula
		faculdade germinativa		

CORPOS BONS CONDUCTORES E CORPOS MAUS CONDUCTORES DE CALOR

I — MATERIAL

Pedaços de arame de ferro, de arame de cobre; rólhas de cortiça, tiras de borracha, tubos de ensaio, lâmpadas a álcool, tela metálica.

II — EXPERIÊNCIAS

Primeira — Introduzam numa chama hastes de metais diversos, e notem que o calor se propaga mais depressa numa que noutras.

Conclusão — Ha corpos bons conductores e corpos maus conductores de calor. A estes ultimos dá-se também a denominação de "corpos isolantes".

Segunda — Arranjem 3 hastes de igual tamanho e igual diâmetro, uma de ferro (arame), outra de cobre (arame) e outra de madeira. Numa das extremidades de cada haste prendam uma bolinha de cera.

Aqueçam as três hastes (pelas extremidades que não têm as bolas). Notem que as 3 bolinhas de cera não se despegam das hastes ao mesmo tempo.

Conclusão — A mesma da experiencia antecedente.

Terceira — Acendam a lâmpada e sobre a sua chama coloquem a tela metálica, horizontalmente. Notem que a chama não atravessa a tela.

Conclusão — Os corpos bons conductores absorvem muito calor.

Nessa experiencia a tela metálica absorve tanto calor que impede que o gás se inflame além d'ela.

III — OBSERVAÇÕES

Primeira — As principaes fontes de calor são: O Sol, o atrito, a combustão, o choque, as reacções químicas, a electricidade, os animais.

Segunda — O calor propaga-se por conductibilidade, por irradiação e por correntes de convecção.

Terceira — A atmosphera que envolve a Terra, a protege contra o calor excessivo que irradia do Sol.

O calor solar é absorvido pela atmosphera que exerce desse modo, o papel de um manto protector.

Quando o Sol deixa o nosso hemisfério, é ainda a atmosphera que protege a Terra contra o rápido e completo resfriamento.

Representa, pois, a atmosphera um verdadeiro manto isolante que defende duplamente nosso Planeta contra o excesso do frio.

Quarta — Os alimentos que ingerimos são queimados em nosso organismo e dessa combustão resulta o calor necessario á nossa vida.

E' esse calor que se irradia de nosso corpo sob a denominação de calor animal. De todas as categorias de alimentos, são os gordurosos que produzem mais calor.

É esta a razão porque os indivíduos que habitam regiões quentes, não precisando augmentar o calor de seu corpo, evitam, instinctivamente, o uso de gorduras.

Quinta — Nas épocas de calor intenso, as roupas claras são preferíveis ás escuras, pois que ellas absorvem e emitem mais francamente o calor.

Assim, durante o dia, absorvem pouco calor solar; á noite, em virtude de seu fraco poder emissivo, desperdiçam pouco calor de nosso corpo.

As roupas escuras, ao contrario, absorvem muito facilmente o calor, e da mesma maneira o emitem. Dessa forma, aquecem-se depressa durante o dia, e esfriam-se, da mesma sorte, rapidamente, á noite, roubando, assim o calor de nosso corpo.

Sexta — A construcção da lampada de Davy ou lampada dos mineiros se baseia na propriedade das telas metálicas. A chama da lampada, não podendo atravessar a tela metálica que a envolve, clareia o interior das minas sem o perigo de inflamar gases que occorem nesses logares, entre os quaes se destaca o "grisú".

LEGENDA EXPLICATIVA

A madeira é applicada nos fósforos, nos cabos das cafeteiras e nas "asas" dos ferros a vapor, em virtude de ser um corpo má conductor de calor (isolador de calor).

Com a flanela se faz uma pequena almofada com que se pode pegar na "asa" de um ferro de engomar (tipo ordinario), em virtude de ser a flanela má conductor de calor. A tal almofadinha é conhecida sob a denominação de "mão de ferro".

O chapéu que usam os agrimensóres, os engenheiros, quando em trabalho no campo é forrado de cortiça substancia má conductora de calor.

A "garrafa térmica" onde um liquido qualquer conserva temperatura constante por um espaço de tempo bastante longo. O deposito onde se põe o liquido é constituido por duplas paredes metálicas entre as quaes ha o vazio que serve, então, de isolamento, mantendo constante a temperatura do liquido posto dentro do deposito.

O "milagroso" fogão que cozinha sem fogo, conhecido sob o nome de "marmitta norueguêsa". A comida é posta dentro de uma caçarolinha metálica que, por sua vez, se acha completamente envolvida por substancias isoladoras de calor, taes como pó de serra, fragmentos de pano, penas, papel. O todo é encerrado em uma caixa de madeira.

A seda ou outra fazenda qualquer é utilizada nos guarda-sóes que nos protege contra o calor que irradia do sol.

Habitantes das regiões frias: o homem se protege por intermedio das vestimentas feitas com peles de animaes; o cão possui pelos densos que o defendem igualmente contra o desperdicio do calor interno.

O vidro é tambem um corpo má conductor do calor.

Aplicações da madeira como isolantes de calor.

Os colchões são feitos de penas, de lã, de algodão, em virtude de serem taes corpos isoladores de calor. As vèzes, ainda, costumam forrar os colchões com papel, outro corpo má conductor

Um pedaço de gelo, envolvido em pó de serra é corpo má conductor de calor.

A lã é tambem má conductor de calor.

As hortaliças são protegidas contra o excesso de calor solar por meio de cobertas de palha.

A borracha é aproveitada na feitura de capas.

Quem já vestiu uma capa de borracha sabe o calor que se experimenta. A borracha, sendo um corpo mau conductor de calor, não permite que o calor do corpo se irradie facilmente.

Uma pinça improvisada para tubos de ensaio. É uma tira de papel— corpo mau conductor de calor.

O ar que envolve a Terra e que nos separa do Sol é também um mau conductor de calor, protegendo-nos, durante o dia contra o excesso de calor solar e, durante a noite, contra um resfriamento rápido.

Uma folha de zinco, um coradôiro onde as roupas secam depressa em virtude de ser o zinco um bom conductor de calor.

As caçarolas são feitas de substancias que conduzem bem o calor.

Um alambique assentado numa base de tijolo refractário. O alambique é em metal, quase sempre em cobre, corpo bom conductor; o tijolo é mau conductor.

A lampada de Davy. A tela metálica que envolve a chama, sendo um corpo bom conductor, absorve todo o calor, não permitindo que a chama a atravesse.

CORPOS BONS CONDUCTORES E MAUS CONDUCTORES DE CALOR

Plano de aula (Decroly)

I — PREPARAÇÃO MATERIAL

a) de cada aluno comum — Caderno, lápis, obliteratedor; especial — Arame de ferro (grossura média), pedaço de madeira, tiras de borracha, rólhas de cortiça, tubos de ensaio, lampada a alcool, fósforos.

b) do professor — Arame de cobre, alicâte cortante, tela metálica, lampada a alcool.

II — PREPARAÇÃO MENTAL

a) historieta — Marina e Célia combinaram dar um almoço ás suas amiguinhas em signal de regosijo pelo baptizado de sua boneca — a Lúcia — Mas resolveram não incomodar a mamãe. Assim combinaram: a Marina faria de cozinheira e a Célia de copeira.

Marina pôs-se imediatamente a trabalhar. Arranjou logo um fogareirinho a alcool, panelinhas, tudo enfim necessário ao preparo do cardápio, exactamente o mesmo material que existia na cozinha de sua casa.

Uma cousa, porém, ela resolveu modificar. Via, mas não gostava, a cozinheira utilizar-se de "colhéres de pau" para mexer as panelas.

Ciosa do que já sabia de Higiene, pensou: não quero "colhér de pau" mexerei as minhas panelinhas com colhéres de alumínio ou de outro qualquer metal. Pensou assim e assim fez. Ao preparar um pouco de doce para a sobre-mesa, começou a mexê-lo. Daí a minutos, a Marina não suportava mais o trabalho. A colhér de metal estava tão quente que a cozinheirinha largou o doce ao fogo e, temendo que ele se queimasse, correu a pedir o auxilio da cozinheira da casa.

Esta veio e com sua "colhér de pau" continuou a mexer o doce sem sentir cousa alguma.

A cozinheira teria dado, com isso, alguma lição de Fisica a Marina? Vamos ver.

b) Revisão — De onde vem o calor que nos aquece? Que outras fontes de calor vocês conhecem? Como se póde propagar o calor?

e) explicação prévia de termos — A parte da Terra em que pisamos, em que se acham nossas casas, os vegetaes, chama-se *crôsta da Terra*.

Térmo quer dizer calor. Térmico adjectivo derivado de térmo, quer dizer, então, relativo ao calor. Assim conductor térmico quer dizer que conduz calor.

Quem sabe o que significa a palavra "indolente"? Reparem a frase "Antonio é um menino indolente" (menino preguiçoso).

III — INICIAÇÃO

Tome F., distribua esse arame de cobre pelos seus colégas. A cada um dê dois pedacinhos de uns 10 centímetros cada um.

Acendam suas lâmpadas. Atenção!

IV — OBSERVAÇÃO

a) Cada um tome um pedaço de madeira e um pedacinho de arame de ferro.

Segurando a madeira numa mão e o arame de ferro na outra, introduzam ambos os corpos na châma (à mesma altura da châma). Que notam?

(O arame está ficando quente). E a madeira? (Não). Que significa isso, então? O calor da châma se propagou ao través da madeira com a mesma velocidade com que o fez ao través do ferro? (Não).

Qual desses dois corpos melhor conduz o calor? Que nome devemos dar ao corpo que conduz bem o calor? (Bom conductor). E ao que conduz mal? (Mau conductor de calor).

Então, a madeira é um corpo... e o ferro é...

b) Tomem um dos pedacinhos de arame de cobre enfiem uma extremidade numa rôlha de cortiça. Segurem-no pela cortiça e introduzam a outra extremidade na châma. Ao mesmo tempo, com a outra mão, segurem outro pedacinho do mesmo arame e o aqueçam também na mesma châma (à mesma altura da chama). Estão sentindo alguma coisa? (Está ficando quente o arame que tem a cortiça). Que mistério será esse então? Ambos os arames são de cobre, têm o mesmo comprimento e o mesmo diametro! Porquê então estão sentindo quente somente em uma das mãos? (É que um dos arames está enfiado na cortiça).

Então, o que é que os impede de sentirem o calor na outra mão? (É a cortiça).

Que conclusão tiram vocês relativamente ao cobre e á cortiça?

A cortiça é um corpo... (mau conductor de calor) e o cobre é... (bom conductor).

c) Aqueçam uma das extremidades da tirinha de borracha. Que observam? Estão sentindo quente? (Não). Então a borracha é um corpo...

d) Ponham água nos tubos de ensaio (quase cheios). Segurem o tubo pelo fundo e o aqueçam como eu faço. Deixem que a água fêrva. Estão sentindo quente? (Não). Então a água é também um corpo...

e) Segurem um pedaço de arame de ferro e coloquem uma de suas extremidades na châma. A mesma distancia em que ficou a mão que segura o arame, ponham a outra mão espalmada.

Esperem um pouco e digam qual das duas mãos sentem aquecer-se primeiro? (É a que está em comunicação com a châma por meio do arame).

Entre a outra mão e a châma o que existe? (Ar). Então o ar é um corpo...

Apaguem suas lampadas e escrevam em seus cadernos os corpos bons conductores e os maus conductores de calor. A esses corpos maus conductores dêem também o nome de "isoladores de calor".

V — ASSOCIAÇÃO

a) No espaço — A crôsta da Terra é desigualmente aquecida, não somente em virtude da distancia maior ou menor em que ficam seus pontos em relação ao Sol, como também em consequencia de ser constituída por substancias diversas, umas conduzindo melhor e outras conduzindo pior o calor que recebem na superficie.

O ar desempenha um papel importante em nossa vida. Máu conductor do calor, isolante térmico, como vimos, ele nos protêge, durante o dia contra o calor excessivo que nos vem do Sol.

E' ainda ele que, como isolante, evita o resfriamento completo da Terra durante a noite, enquanto o Sol aquece o hemisfério opôsto.

Os habitantes dos países de clima quente, são mais indolentes, preguiçosos, pois que a natureza como que lhes ensina que, trabalhando mais, movimentam-se mais, o movimento produz mais calor.

Ao contrario, os povos que habitam regiões de clima frio, são mais activos, dão preferencia a alimentos gordurosos.

Suas roupas são também substancias isoladoras (pele, borracha, couro). Essas substancias porém são isolantes, não do calor solar (que nessas regiões é diminuto), mas do calor interno que se produz em seu próprio organismo.

b) No tempo — As roupas que usamos variam conforme as estações.

Durante a estação quente, são preferiveis as roupas frouxas, de tecidos léves e de côres claras.

Durante a estação fria, as vestes são sempre mais ajustadas, de tecidos grossos e pesados e de côres escuras.

E' também durante a estação quente que, instinctivamente, aborrecemos os alimentos gordurosos, que nos sentimos mais dispostos ao trabalho e que procuramos as praias.

VI — EXPRESSÃO

a) abstracta — Linguagem — Façam uma composição sobre corpos bons conductores e corpos máus conductores de calor.

Gramatica — Considerem tres corpos taes como o ferro, a cortiça e o ar e, de acôrdo com a sua conductibilidade térmica, formem sentença em que haja comparativos...

b) concreta — Desenhem alguns objectos em que se empreguem substancias isoladoras e substancias que conduzam bem o calor.

Desenhem um habitante de região fria e um de país quente.

Desenhem um cão de Terra Nova e outro proprio de nosso país.

Pintem uma paisagem polar e outra tropical.

VII — INVESTIGAÇÕES

Procurem, em toda parte, applicações de corpos bons conductores e de corpos máus conductores de calor.

Desenhem tudo e descubram a razão porque ora se applica um bom conductor, ora um máu conductor.

Procurem vêr, no natural ou em estampa ou ao través de leitura em que principio se baseia a construcção da lampada dos mineiros (Lampada de Davy) e descubram a vantagem da applicação da tela metálica.

 Quem, para dar, espera que lhe peçam, vende; e quem pede que lhe dêem, compra e pelo preço mais caro e muito custoso.

Regulamento do Circulo de Collaboração Educacional "D. Pedro II"

DOS FINS

Art. 1º. — O *Circulo de Collaboração Educacional D. Pedro II*, fundado em 22 de março de 1931, nesta cidade de Maceió, tem por objectivo estabelecer a collaboração dos paes e professores na educação dos alumnos do Grupo Escolar D. Pedro II, de modo que a actuação educativa do lar esteja sempre em uniformidade com a da escola.

Art. 2º. — Para realização desse objectivo o Circulo se obriga a:

- 1º. — interessar as familias dos socios na vida diaria da escola;
- 2º. — promover a aproximação dos paes e professores, chamando aquelles a uma inspecção directa do movimento escolar;
- 3º. — promover torneos de cultura physica, instituindo premios aos vencedores;
- 4º. — contribuir para a educação moral, civica e hygienica dos socios por meio de palestras mensaes, circulares e inqueritos;
- 5º. — concorrer para a educação esthetica da familia, despertando e desenvolvendo o sentimento do conforto do lar;
- 6º. — contribuir para o desenvolvimento da matricula escolar e augmento da frequencia, auxiliando os alumnos reconhecidamente pobres com roupas, calcados, material didactico e medicamentos, quando enfermos;
- 7º. — interessar-se, pelo ex-alumno, encaminhando-o ás escolas profissionais, nocturnas, estabelecimentos fabris ou commerciaes;
- 8º. — manter, para uso dos socios, uma bibliotheca em que figurem, de preferencia, obras sobre educação e hygiene;
- 9º. — velar pela saude do associado e sua familia, encaminhando-o quando preciso, aos postos de prophylaxia, dispensarios, etc.

DA ADMINISTRAÇÃO E DOS SOCIOS

Art. 3º. — A administração do Circulo ficará a cargo de um Conselho, eleito no dia 1º de março, empossado no dia 22 do mesmo mês.

§ unico. — O Conselho será composto de tres paes e dois professores, que entre si escolherão um presidente, um secretario e um thesoureiro.

Art. 4º. — O numero de socios é illimitado, sendo considerados como taes todos os paes, ou responsaveis pelos alumnos, e os professores da escola.

§ unico. — Poderão ser tambem admittidos como socios, por deliberação do Conselho, os ex-alumnos e as pessoas que o desejarem, mediante requerimento.

Art. 5º. — Haverá tambem a classe dos Benfeitores, que será composta de pessoas que fizerem donativos ao Circulo.

Art. 6º. — Cada socio contribuirá com a importancia de 1\$000 mensalmente, excepto aquelles reconhecidamente pobres.

Art. 7º. — Os socios obrigam-se a:

- 1º. — attender ás instrucções do Circulo e fornecer-lhe informações quando solicitadas;
- 2º. — manter a hygiene no seu lar;
- 3º. — zelar pela assiduidade e pontualidade dos alumnos, cooperando com a escola na obra da educação;
- 4º. — fazer a propaganda do Circulo e da Escola;
- 5º. — comparecer, independente de convite, ás festas escolares;

7.º — aproximar-se o mais possível dos professores, mantendo com elles relações cordiaes.

DO CONSELHO

Art. 8.º — Compete ao Presidente: presidir ás sessões, tomar parte nas discussões dos assumptos propostos, designar commissões auxiliares, despachar o expediente, assignar as actas, organizar o relatorio annual, que será lido no dia 31 de março de cada anno, convocar sessões extraordinarias e ser o interprete, junto á directoria da escola, das suggestões do Circulo.

Art. 9.º — Compete ao Secretario: fazer a correspondencia social, redigir as actas, ter sob sua guarda o archivo, redigir circulares e organizar o questionario dos inqueritos.

Art. 10.º — Obriga-se o Thesoureiro: a ter sob sua guarda os bens e valores do Circulo e os livros da bibliotheca, receber donativos e effectuar os pagamentos autorizados pelo Conselho, dar informações sobre as finanças sociaes e apresentar, na sessão de eleição do Conselho, o balancete geral da receita e despesa do anno administrativo.

Art. 11.º — O Conselho fará uma reunião ordinaria no dia 15 de cada mês e reunir-se-á extraordinariamente sempre que fór convocado pelo Presidente.

Art. 12.º — O Conselho será eleito pela assembléa geral dos socios, que para esse fim se reunirá no dia 1.º de março de cada anno.

DOS FUNDOS SOCIAES

Art. 13.º — Destinam-se os fundos sociaes:

1.º — a auxiliar os alumnos reconhecidamente pobres, fornecendo-lhes o que fór necessario á frequencia escolar e proporcionando-lhes soccorros medicos, quando enfermos.

2.º — a criar um serviço de assistencia dentaria para todos os alumnos da escola;

3.º — a concorrer para a aquisição de material escolar, ajudando, deste modo, a acção dos poderes publicos.

Art. 14.º — Além dos recursos provenientes da contribuição mensal dos socios e dos donativos que se fizerem, o Conselho promoverá festas escolares, nas quaes serão vendidos trabalhos dos alumnos e outros que forem offerecidos para esse fim.

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 15.º — Os casos omissos deste regulamento serão decididos pelo Conselho.

Art. 16.º — Os membros componentes do primeiro Conselho serão de livre escolha da direcção da escola.

E' mais difficil impedir um homem de crer, do que fazê-lo crer.

JOÃO LYRA

COMO ENTREI NA INTIMIDADE DAQUELLA FIGURA SEM PAR
NO AMBIENTE CONTABIL DO BRASIL

Bernardes Junior

(da Academia de Sciencias Commerciaes de Alagoas)

Não, eu não posso esquecer as minucias daquella entrevista. Tenho-as vivas na memoria, tão vivas, como se eu tivesse estado, ha poucos momentos, naquelle gabinete de trabalho, onde os livros, os jornaes e os papeis tumultavam.

João Lyra, quando eu entrei, mantinha, entre os dedos, o meu cartão que lhe levava um rapazelho de pupilas de azeitona e cabelleira baça, mal cuidada, jogada para traz.

Olhou-me, de cima a baixo, desconfiado, como se olha para um candidato a emprego, quando não ha vaga, ou se procura fixar, na figura defrontada, qualquer reminiscencia.

Apertou-me, sem entusiasmo, a mão que lhe estendi e apontou-me uma cadeira a seu lado.

— Que deseja o sr. ?

— Visitar a V. Excia.

Olhou-me outra vez.

Olhei-o tambem, de frente, atonito. E, por um instante, quase cheguei a maldizer, mentalmente, a minha despreocupação pelos ultimos figurinos, o habito de não fazer a barba diariamente, nem usar certos recursos physico-chimicos que poderiam alterar um pouco o meu aspecto, dando-me um ar de elegancia. Nem ao menos, até agora, me lembrei de comprar um frasco de negrita para besuntar os cabellos.

João Lyra retomou a palavra para confirmar a minha supposição:

— O sr. não imagina como estão ruins as cousas por aqui.

— Felizmente, sanador, ainda não notei.

— E' porque chegou ha poucos, certamente.

— Ha cerca de um mês e meio.

Baixou a vista.

As minhas calças estavam sem vinco e os meus sapatos por engraxar.

Decididamente, João Lyra via em mim um forasteiro á cata de qualquer collocação.

Eu não contava com aquella recepção tão fria, quase hostil.

Lá fóra, um diluvio de luz jorrava do alto sobre a cidade trepidante.

Fiz um signal de quem queria fugir áquella situação embaraçosa, era melhor ir confundir-me no vae e vem da multidão que enchia a rua.

Notou-o e inqueriu:

— O sr. é do norte? Leio no seu cartão.

— Sou, como V. Excia., do nordeste. Sou de Alagoas.

Sorriu.

— E' da terra do Costa Rego e do Fernandes Lima. E' da terra do sururú. E já está aqui ha um mês e meio, conforme disse.

— Mas, fui a S. Paulo, donde regresssei hontem á noite. Foi este o motivo por que não compareci ao banquete com que os contabilistas celebraram o seu dia e para o qual tive a honra de receber um convite.

— Ah, o sr. é contabilista?

— Não tanto como V. Excia. que é, muito justamente, considerado o

Sorriu outra vez. Agora era um sorriso claro, a illuminar-lhe toda a face.

— Obrigado. De ha muito, porem, por força dos mandatos politicos que venho exercendo, não passo de um "dilettante", em questões de contabilidade.

— Um "dilettante" que merece as mais commovedoras demonstrações de apreço dos nossos confrades nacionaes e internacionaes.

— De facto, tenho sido alvo do carinho e da sympathia dos nossos collegas...

— Muito merecidamente. V. Excia. é, realmente, no conceito de quantos apreciam a sua obra de publicista e parlamentar, o expoente maximo da classe dos contabilistas brasileiros.

Fitou-me com uma expressão de delicadeza indefinivel.

— Muito obrigado. Deixe, porém, que lhe diga: Depois que morreu o Carlos de Carvalho, — sem offensa ao Berlinck, ao Emilio de Figueiredo, ao Antonio Miguel Pinto, ao Joaquim Telles, ao João Luis dos Santos, ao Raymundo Marchi e a tantos outros, — só um dos nossos collegas merece o titulo de mestre official e officioso da contabilidade nacional. E' o d'Auria. Ponha de parte as obras que elle tem publicado, nas quaes se revela um conhecedor profundo da sciencia e da arte que professamos, e olhe para o trabalho formidavel que elle vinha prestando ao pais, como contador geral da Republica.

— A questão dos saldos forçicados pelo sr. Washington Luis, afastou-o, porém, da collaboração que vinha dando á administração publica.

— Foi um grande erro. Serviu, entretanto, para pôr á prova o criterio do d'Auria. Preferiu immolar-se ao arbitrio do chefe do governo, a consentir na mistificação das regras immutaveis que presidem ao nosso apostolado.

Os numeros não mentem. Elles podem ser habilidosamente dispostos para encobrir certas situações. Pode-se errar propositadamente, na representação numerica de alguns factos. Mas, a verdade apparece sempre, principalmente quando ella tem a seu serviço um homem de character como Francisco d'Auria.

João Lyra falava com enthusiasmo, abordando varios assumptos. Desappareceram, como por encanto, as prevenções com que me recebera.

Cabia-me, entretanto, dar por terminada a palestra.

Levantei-me:

— Senador, é tempo de deixá-lo entregue aos seus multiplos afazeres. Devo, porém, aproveitar este momento para agradecer-lhe as expressões generosas que teve a meu respeito na entrevista que concedeu á *A Noite*, quando ambos fomos escolhidos para representar o Brasil no Congresso Internacional de Contabilidade, reunido na Belgica. Infelizmente, lá não fui.

Levantou-se tambem. E enlaçou-me num abraço fraternal.

— Espere. Demore mais um pouco.

Fez-me sentar novamente. E reapanhando o meu cartão:

— Olhe, desde que li este nome, venho a rebuscar na memoria qualquer facto a que elle andou ligado. O sr. não notou o meu embaraço?

E antes que eu pudesse responder:

— Eu já o conhecia. Não me lembrava donde, nem como. A verdade é que eu tinha a certeza de que já o conhecia.

— Effectivamente, os nossos confrades da Sociedade Academica de Contabilidade da Belgica puseram-nos em contacto espirital. Foi tão rapido e tao á distancia aquelle contacto que V. Excia. não podia recorda-lo.

Com effeito, já o rapaz de pupilas de azeitona e cabelleira baça, mal cuidada, jogada para traz, tinha ido e vindo conduzindo cartões ou annunciando nomes, varias vezes.

Ao despedir-me, apertou-me a mão calorosamente, dizendo-me:

— A provincia, — não sei de quem é esta phrase, — é o cemiterio das intelligencias. Se o sr. não conseguir collocar-se logo no commercio, é provavel que eu obtenha qualquer cousa ahi pelos ministerios. Tenha um pouquinho de paciencia. Não convem voltar desanimado.

Via em mim, outra vez, o candidato a qualquer emprego.

Tranquillizei-o:

— Desculpe-me, senador. Eu não posso ficar aqui. Sou negociante em Maceió.

Mas, pensando que elle poderia esquecer esta declaração, ao ir levar-lhe, dahi ha dias, o meu abraço de despedidas, tive antes o cuidado de vestir uma roupa nova, mirar-me ao espelho para verificar se o laço da gravata estava impecavel e engraxar os sapatos.

Imaginem como o humanitario autor da Tabella Lyra, aquella figura brilhante de financista que o Brasil perdeu ha pouco mais de um mês, vivia assediado pelos sem trabalho.



O Ensino Agrícola Doméstico na Belgica

Desde a escola primaria, escreve Mme. Bussard, na *La Vie Agricole*, a menina belga começa a interessar-se pela agricultura. Na escola primaria ella recebe as primeiras lições de agronomia e é constantemente incitada a proseguir nos estudos agricolas.

O ensino da agricultura domestica obedece a uma orientação essencialmente pratica, nos differentes cursos existentes em todo o pais e serviram de base a quase todos paises da Europa e ao Estados Unidos.

Na escala pedagogica agricola da Belgica a *Escola Temporaria Ambulante* é o typo mais vulgarizado e o que maiores serviços tem prestado ás meninas.

Data a sua fundação de 1890, quando foi inaugurada em Sumague, provincia de Liège, a primeira escola desse genero. Actualmente ellas se espalham por todo o pais. O governo dota cada escola com 2.000 francos para tres meses, mantem um corpo de professores especializados e fornece abundante e apropriado material rodante. Essas escolas se locomovem, segundo os pedidos das municipalidades.

Ha para as Escolas Temporarias Ambulantes uma direcção tecnico-pedagogica especial, encarregada da organização e execução integral dos programmas. Os cursos compreendem todo o ensino domestico, especialmente o que diz respeito á leitaria e á quejaria.

Absolutamente gratuita, ora aqui, ora alli, admittem meninas de 14 á 15 annos, até o numero maximo de 20 educandas. A vantagem do ensino reside na sua adaptabilidade ás necessidades de cada zona, offerecendo ainda outra vantagem, que os belgas tem como primordial — não desarraigam as raparigas do seu meio.

Outro typo modelar do ensino agricola domestico é o da escola de Virton, na provincia de Luxemburgo. É dirigida pelas religiosas da Doutrina Christã e occupa-se da educação domestica em geral e, em particular, do ensino agricola. Tem esse estabelecimento cursos technicos de primeira ordem, dados numa leitaria cooperativa das immediações e numa escola de agricultura que lhe fica proxima.

Essa escola tem espalhado pelo pais uma immensidade de mestras e tem servido de modelo a estabelecimentos congêneres na Belgica e no estrangeiro.

Ha ainda a *Escola Profissional Agricola*, que tem na de Bouchont o seu typo modelar. A escola de Bouchont é particular, porém subvencionada e reconhecida pelo governo. Está esplendidamente installada numa propriedade de 8 hectares, possui uma secção estabular completa, uma installação de apicultura, outra de avicultura, hortas, pomares e jardins. As alumnas fazem diariamente o proprio alimento, lavam, engommam, arranjam as roupas e a casa. Ha, além disso, um curso perfeito de contabilidade domestica.

Nesse genero de escolas profissionaes femininas, de typo domestico, a Belgica conta numerosos estabelecimentos officiaes e particulares. A *Quejaria de Obverrysche* offerece um modelo perfeito de instrucção technica de lacticinios. Essa escola tem concorrido para o desenvolvimento da fabricação racional do queijo, pois quase todas as communes enviam-lhe constantemente professores para se especializarem, pondo-os depois á frente de estabelecimentos analogos.

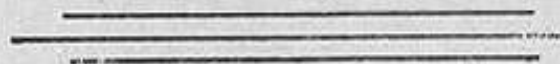
Outra organização modelar é o *Instituto Profissional de Ensino Do-*

programma da Escola de Virton, havendo, porém, um curso domestico muito mais desenvolvido.

A *Escola Superior de Agricultura* é a cupola do edificio educacional da mulher belga. Ella proporciona ás suas alumnas um curso completo de agricultura pratica e theorica. E' nesse estabelecimento que se fórnam as *casas scientificas*, que têm feito a prosperidade rural da Belgica, e as mestras de cooperativas de leite e queijo. O curso dura 3 annos e é dado pelos melhores professores do pais. Ao sair da escola a alumna recebe um diploma de ensino agricola superior.

Nas industrias nacionaes a mulher belga representa um papel preponderante, devido á sua educação agricola domestica.

Quando teremos isso no Brasil?



Regulamento do Instituto "Gabino Bezouro"

Com o Decreto n. 1428, de 1 de dezembro de 1930, o Governo Revolucionário do Estado, sabiamente, criou o Instituto "Gabino Bezouro", em Penedo, destinado ao ensino tecnico-profissional, de accordo com o plano das actuaes Escolas de Aprendizizes Artifices.

Para ganhar tempo, o Decreto não se fez acompanhar do Regulamento respectivo, cuja leitura iria demorar a publicação do acto, e era de absoluto interesse e urgencia que se lhe desse realidade positiva, official e publica.

Damos agora o seu Regulamento, tal qual foi apresentado ao Sr. Director do Departamento Geral da Instrucção Publica pelo Sr. Prof. Luis Cerqueira, 2º Secretario da S. A. E., na sessão dessa Sociedade, em que foi discutido o assumpto.

Esse Regulamento, com ligeiras modificações, exigidas pelas necessidades locais, é o mesmo que o Governo Federal mandou adoptar nos seus estabelecimentos congeneres. Essa correlação leva o proposito de fazer o Governo da Republica auxiliar o Instituto, a exemplo do que faz com estabelecimentos da mesma natureza. Apenas a Instituto "Gabino Bezouro" tem uma finalidade mais ampla que todos os outros estabelecimentos fundados com o mesmo modelo que lhe serviu.

Art. 1º. — O Instituto "Gabino Bezouro" installado na cidade de Penedo destina-se a ministrar a alumnos de ambos os sexos o ensino primario, secundario, profissional publico e gratuito.

Art. 2º. — O ensino profissional é formado pelas diversas secções de officinas, na ordem seguinte:

a) — *Secção de mecanica pratica:*

1º. anno— a) Materiaes da technica, ferramentas, medidas e unidades, especialmente as usadas na agricultura. Trabalhos mecanicos manuaes: limpar, forjar, caldear, rebitar etc., ajustar, serrar, temperar ferramentas. Montagem, desmontagem e ajustagem de aparelhos mecanicos simples (vehiculos, arados, machinas agricolas, moinhos simples, talhas, sarilhos etc.)

b) Português, arithmetica, geometria, rudimentos de physica, instrucção moral e civica.

c) Desenho ornamental e de escala.

2º. anno— a) Continuação dos trabalhos mecanicos manuaes, trabalhos nas machinas, ferramentas (plainas, torno etc.) Montagem, desmontagem e ajustagem de machinas de transmissão diversa. Estudo de desenhos e plantas.

b) Português, arithmetica, geometria, rudimentos de physica, instrucção moral e civica, mecanica geral elementar: elementos e orgãos de transmissão (eixos, mancaes, polias, engrenagens, correias, cabos, etc.)

c) Desenho ornamental e de escala, desenho industrial e technologia.

3º. anno— a) Montagem, desmontagem e ajustagem de motores a vapor, de explosão, hydraulicos e bombas arietes. Funcionamento normal e funcionamento defeituoso. Estudos de desenhos e plantas.

b) Português, geometria applicada e noções de algebra e trigonometria, physica experimental e noções de chimica,

noções de história natural, mecânica elementar applicada, primeira parte: noções de thermo-dynamica, e segunda parte: noções de hydraulica e hydro-dynamica, geradores de vapor, motores a vapor, motores hydraulicos e bombas arietes, motores de explosão (applicação a vehiculos, tracção, lavoura e industrias connexas), aparelhos para verificação e funcionamento. (Manometro etc.) Apparelhos e machinas electricas. Noções de electro-technica. Funcionamento de motores e geradores electricos, demonstrações praticas.

c) Desenho de machinas, desenho industrial e tecnologia.

4º. anno— a) Officina mecanica e de machinas: construcção, reforma, conserto e ajustamento de diversos motores thermicos. Ensaios. Assentamento. Construcção, reforma, conserto e ajustamento em connexão com machinas electricas. Ensaios. Assentamento. Visitas ás installações industriais de motores thermicos e ás installações hydro-mecanicas e hydro-electricas.

b) Correspondencia e escripturação de officinas, algebra e trigonometria elementares, noções de physica, chimica applicada, historia natural, mecânica: motores thermicos, machinas a vapor especiaes, locomotivas, motores a oleo, kerozone, alcool etc. Motores a gás, motores de automovel e de machinas agricolas, motores hydraulicos e bombas diversas, motores hydraulicos e bombas especiaes, methodos para verificação de potencia, gasto de combustivel, rendimentos de machinas hydraulicas, aparelhagem electrica de usinas geradoras, funcionamento, machinas especiaes diversas de beneficiamento, de productos agricolas: assentamento, funcionamento, produção, custo das machinas, processos de fundição de ferro, bronze, etc., processos de soldagem, demonstração pratica.

c) Desenho industrial, desenho de machinas, tecnologia.

b) — *Secção de trabalhos de madeira:*

1º. anno— a) Trabalhos de vime, empalhação, carpintaria e marcenaria.

b) O primeiro anno do Curso Geral.

c) Desenho ornamental e de escala.

2º. anno— a) Beneficiamento mecanico da madeira e tornoaria.

b) O segundo anno do Curso Geral.

c) Desenho ornamental e de escala. Desenho industrial e tecnologia.

3º. anno— a) Construcção de madeira em geral, de accordo com as industrias locais.

b) O terceiro anno do Curso Geral.

c) Desenho industrial e tecnologia.

4º. anno— a) Especialização do officio.

b) O quarto anno do Curso Geral.

c) Desenho industrial e tecnologia.

c) — *Secção de artes texteis:*

1º. anno— a) Fiação.

b) O primeiro anno do Curso Geral.

c) Desenho ornamental e de escala.

2º. anno— a) Tesselagem.

b) O primeiro anno do Curso Geral.

- c) Desenho ornamental e de escala. Desenho industrial e tecnologia.
- 2º. anno— a) Phototechnia ou lithographia.
b) O terceiro anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- 4º. anno— a) Especialização.
b) Quarto anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- d) — *Secção de fabrico de calçados:*
- 1º. anno— a) Sapataria commum.
b) Primeiro anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 2º. anno— a) Manipulação de machinas.
b) Segundo anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- 3º. anno— a) Fabrico mecanico do calçado.
b) Terceiro anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- 4º. anno— a) Especialização.
b) Quarto anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- e) — *Secção de artes decorativas:*
- 1º. anno— a) Modelagem (inclusive entalhação e pintura decorativa).
b) O primeiro anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 2º. anno— a) Estucagem, entalhação e formação de ornatos em gesso e cimento.
b) O segundo anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- 3º. anno— a) Construção em alvenaria e ceramica, conforme a industria local.
b) O terceiro anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- 4º. anno— a) Especialização.
b) O quarto anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- f) — *Secção de feitura de vestuario masculino:*
- 1º. anno— a) Costura a mão.
b) O primeiro anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 2º. anno— a) Feitura e acabamento.
b) O segundo anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 3º. anno— a) Moldes e cortes.
b) O terceiro anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- 4º. anno— a) Especialização.
b) O quarto anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e tecnologia.
- g) — *Secção de Vestuario feminino:*
- 1º. anno— a) Confecção, costura e corte.
b) O primeiro anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 2º. anno— a) Rendas e bordados.
b) O segundo anno do Curso Geral.

- c) Desenho ornamental e de escala.
- 3º. anno— a) Flores, chapéus, tessidos de malha.
b) O segundo anno do Curso Geral, correspondencia e escripturação de officinas.
c) Desenho ornamental e de escala. Technologia.
- 4º. anno— a) Especialização.
b) O terceiro anno do Curso Geral e correspondencia e escripturação de officinas.
c) Desenho ornamental e de escala. Technologia.
- h) — *Secção de actividades commerciaes:*
- 1º. anno— a) Dactylo-estenographia.
b) O primeiro anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 2º. anno— a) Arte do reclamo e pratica de contabilidade.
b) O segundo anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 3º. anno— a) Escripuração mercantil e industrial.
b) O terceiro anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala. Desenho industrial e technologia.
- 4º. anno— a) Especialização.
b) O quarto anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e technologia.
- i) — *Secção de actividades domesticas:*
- 1º. anno— a) Cozinha. Lavado.
b) O primeiro anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 2º. anno— a) Cozinha. Copa.
b) O segundo anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 3º. anno— a) Cozinha. Commado.
b) O terceiro anno do Curso Geral. Hygiene e puericultura.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 4º. anno— a) Especialização.
b) O terceiro anno do Curso Geral. Hygiene e puericultura.
c) Desenho ornamental e de escala.
- j) — *Secção de artes graphicas:*
- 1º. anno— a) Typographia (composição manual e mecanica).
b) O primeiro anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 2º. anno— a) Impressão, encadernação e photographia.
b) O segundo anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala.
- 3º. anno— a) Phototechnica ou lithographia.
b) O terceiro anno do Curso Geral.
c) Desenho ornamental e de escala. Desenho industrial e technologia.
- 4º. anno— a) Especialização.
b) O quarto anno do Curso Geral.
c) Desenho industrial e technologia.

§ Unico — A banda de musica ensaiará á noite sem prejuizo das aulas e das officinas.

Art. 4º. — Os alumnos matriculados nessas secções estudarão:

- a) com professores do Curso Geral;

b) com professor especial de desenho industrial e tecnologia (mestre da officina ou sub-director tecnico);

c) nas officinas.

Art. 5º. — O curso infantil será ministrado em dois annos, adoptados os mesmos programmas do curso preescolar e dos grupos escolares; e o curso primario, ministrado em quatro annos, constará das seguintes disciplinas: leitura e escripta, lingua materna, arithmetica, geographia, chorographia geral, cosmographia, chorographia do Brasil e de Alagoas, cartographia, educação moral e civica, historia do Brasil e de Alagoas, lições de cousas, sciencias physicas e naturaes, hygiene, geometria, gymnastica, canto e jogos escolares.

§ Unico. — O programma e distribuição das disciplinas serão os mesmos adoptados nos Grupos.

Art. 5º. — O Curso de desenho e trabalhos manuaes será ministrado parallelamente ao curso infantil e primario, adoptados os mesmos programmas das escolas federaes de aprendizes artifices.

Art. 7º. — O Curso Geral será ministrado em quatro annos, constando do seguinte:

1º. anno—Português, arithmetica, geometria, geographia, historia do Brasil e de Alagoas, instrucção moral e civica.

2º. anno—Português, arithmetica, geometria, rudimentos de physica, instrucção moral e civica.

3º. anno—Português, geometria applicada e noções de algebra e trigonometria, physica experimental, noções de chimica e noções de historia natural.

4º. anno—Correspondencia e escripturação de officinas, algebra e trigonometria elementares, noções de physica, chimica applicada, mechanica, historia natural e hygiene industrial.

§ Primeiro. — Os alumnos matriculados na secção de officinas frequentarão as aulas do Curso Geral, de accordo com o artigo terceiro.

§ Segundo. — A aprendizagem de officinas de que trata o citado artigo terceiro será feita pelos programmas adoptados nas Escolas Federaes de Aprendizes Artifices.

§ Terceiro. — Haverá um professor em cada anno do Curso Geral, indicado pelo Director.

Art. 8º. — Haverá tambem o Curso de Aperfeiçoamento que funcionará á noite e constará do ensino primario e do de desenho, em quatro annos, com o mesmo programma do curso diurno e destinado, principalmente, a ministrar aos operarios de ambos os sexos conhecimentos que concorram para torná-los mais aptos aos seus officios.

§ Unico. — Nesse curso será admittida a matricula verbal a qualquer pessoa de qualquer sexo, que tenha mais de dezeseis (16) annos de idade.

Art. 9º. — O Curso de Aperfeiçoamento é ministrado pelos professores do Curso Geral dos respectivos annos e pelo de desenho, sendo admittido adjuncto quando a frequencia media diaria der trinta e cinco (35) alumnos ou fracção.

§ Primeiro. — Esse curso durará duas horas, funcionando das 18 ás 20 horas.

§ Segundo. — Sempre que fôr possivel, o sub-director tecnico ou a inspectora de ensino dará a esses alumnos um curso pratico de tecnologia, conforme se trate de officios destinados do sexo masculino ou feminino.

Art. 10º.—Além dos cursos de que tratam os Arts. 2 e 3, que são a principal finalidade deste Instituto, serão mantidos tambem:

a) Curso Rural, em dois annos, para a formação de professores ruraes;

b) Curso de Praticantes de Marinha Mercante: a) praticante de piloto;

b) praticante de machinista; e) praticante-commissario (de-acordo com as instrucções em vigor, do Ministerio da Marinha;

c) Curso de Preparatorios equiparado ao Curso Annero á Escola Normal; d) Curso de Admissão ao Collegio Pedro II.

§ Unico. — O Director do Departamento Geral da Instrucção Publica baixará instrucções regulamentando o funcionamento de todos os cursos mencionados neste artigo e poderá desdobra-los, amplia-los, ou suprimi-los, conforme as exigencias locais.

Art. 11º. — O Instituto terá o regimen de externato, e o aprendizado das officinas durará quatro annos.

§ Unico. — O alumno que não concluir o curso nesse tempo só poderá permanecer no Instituto por mais dois annos.

Art. 12º. — O Instituto manterá um internato, para recolhimento de menores masculinos, logo que permittam as condições financeiras do Estado.

Art. 13º. — Será criado, quando opportuno, um Curso de Especialização Didactica de officio, para os alumnos que hajam obtido grande aproveitamento na aprendizagem e que se candidatem a mestres.

§ Unico. — Se em virtude do desdobramento de um curso for necessario um professor especializado em determinada disciplina, será, por indicação do Director do Departamento Geral da Instrucção Publica, nomeado pelo governo em commissão para essa disciplina um professor, percebendo a gratificação de 100\$000, enquanto houver alumnos matriculados.

Art. 14º. — O anno lectivo abrangerá o espaço de dez (10) meses; do dia 20 de janeiro a 20 de junho; e de 1 de junho a 1 de dezembro, respeitadas os feriados municipaes, estaduais e federaes.

§ Unico. — Os trabalhos de officinas e manuaes não poderão exceder de quatro horas por dia, para o Curso Primario; e de seis para os do Curso de officios.

Art. 15º. — As aulas do Curso Infantil e as do Curso Primario, se houver excesso de matricula, poderão funcionar em dois turnos, funcionando á tarde as de desenho e trabalhos manuaes; as do Curso Geral e de desenho profissional funcionarão á tarde, frequentando os alumnos as officinas pela manhã.

Art. 16º. — O Instituto funcionará das 8 ás 18 horas, fornecendo uma merenda ás 12 horas aos alumnos que cursarem as officinas.

Art. 17º. — O Curso Rural será installado de accordo com o Decreto n. 1429 de 1 de Dezembro de 1930.

Art. 18º. — O Curso de Admissão ao exame de Praticante de Marinha Mercante constará do mesmo programma mandado adoptar pelo Ministerio da Marinha, e será feito em dois annos.

Art. 19º. — O Curso de Preparatorios equiparado ao Annexo á Escola Normal constará do mesmo programma adoptado nessa Escola.

Art. 20º. — O Curso de Admissão ao Collegio Pedro II constará do mesmo programma adoptado naquelle Collegio.

Art. 21º. — Para a matricula nos cursos de que tratam os artigos 17, 18, 19 e 20, será preciso que o alumno tenha o quarto anno do curso primario, na forma dos regulamentos da Instrucção Publica, em vigor.

Art. 22º. — A' matricula desse Instituto serão admittidos os alumnos cujos paes, tutores ou responsaveis a requererem dentro do prazo marcado e que possuirem os seguintes requisitos:

a) idade minima de cinco annos para o curso infantil;

b) minima de sete annos e maxima de dezeseis para o curso primario;

c) minima de 14 para os demais cursos;

d) não soffrerem de molestia infecto-contagiosa.

§ Primeiro. — Haverá duas epochas de matricula: a primeira de 5 a 20 de Janeiro, e a segunda, de 15 a 20 de Junho de cada anno.

§ Segundo. — A matricula poderá ser feita mediante requerimento verbal.

§ Terceiro. — Da recusa da matricula haverá recurso para o Director do Departamento Geral da Instrução Publica.

§ Quarto. — Os alumnos que tiverem defeitos physicos que os inhabilitem para o apprendizado do officio, serão matriculados apenas no curso literario e no de desenho.

Art. 23º. — A cada alumno será apenas facultada aprendizagem de um officio, consultada a respectiva tendencia e aptidão. Dentro do primeiro anno de aprendizagem poderá ser transferido para outra officina mediante consentimento do sub-director técnico.

Art. 24º. — Alem das officinas contidas no artigo 3º. poderá ainda o governo criar outras, sob proposta do Director, quando houver, pelo menos, 20 candidatos á aprendizagem do novo officio.

Art. 25º. — O Instituto terá um director, um sub-director tecnico, um inspector de ensino, um secretario, um professor em cada anno do curso infantil, do curso primario e do curso geral, um professor do Curso Rural, dois do Curso de Preparatorios annexo á Escola Normal, um professor de desenho, e de trabalhos manuaes, um mestre para cada anno de officio, um fiscal de alumnos para o sexo masculino, um fiscal para o sexo feminino, um almoxarife auxiliar da escripturação, um porteiro e dois serventes.

§ Unico. — Desde que a frequencia media de qualquer curso: infantil, primario, geral e de desenho e trabalhos manuaes, exceda o numero de trinta e cinco alumnos, e de cada officina exceda o numero de vinte, serão respectivamente admittidos tantos adjunctos ou contra-mestres quantos forem os grupos desses numeros ou fracções, sendo dispensados esses mesmos adjunctos ou contra-mestres quando a media de seis meses seguidos houver baixado de modo que não sejam necessarios os seus serviços.

Art. 26º. — Compete ao Director:

1 — Promover o desenvolvimento profissional, economico e moral do Instituto;

2 — Contractar as encommendas feitas ao estabelecimento, sem prejuizo dos trabalhos educativos e de accordo com o orçamento e planta apresentados pelo sub-director tecnico;

3 — Observar as aulas e dar providencias necessarias á regularidade e efficacia do ensino.

4 — Admoestar ou repreender os alumnos conforme a gravidade da falta commettida, e até mesmo exclui-los do Instituto, se assim for necessario á disciplina, dando immediatamente, neste caso, conhecimento ao Director do Departamento Geral da Instrução Publica.

5 — Remetter trimestralmente ao Director do Departamento Geral da Instrução Publica um balancete do movimento geral das officinas do Instituto.

6 — Organizar e remetter á Secretaria da Fazenda as folhas de pagamento do pessoal, por intermedio do Departamento Geral da Instrução Publica;

7 — Justificar faltas do pessoal docente, administrativo e profissional, até quatro por mês;

8 — Enviar annualmente ao Director do Departamento Geral da Instrução e á Directoria Geral do Ministerio de Educação e Saude Publica, e á Remodelação do Ensino Profissional Technico, do citado Ministerio, um mappa da matricula dos alumnos com referencias feitas a cada um em relação á sua frequencia, comportamento e gráo de aproveitamento obtido;

9 — Adquirir material necessario ás officinas, mediante concorrência publica semestral ou, na falta, adquirir directamente;

10 — Organizar exposições dos trabalhos escolares;

11 — Distribuir entre os alumnos as diarias que lhes couberem;

12 — Apresentar ao Director do Departamento Geral da Instrução Publica até fins de dezembro, não só o balanço da receita e despesa do anno findo e orçamento da receita e despesa para o anno seguinte, mas tambem o relatório minucioso do estado do Instituto, em relação ao pessoal e material, expondo os principaes factos occorridos, dando conta dos trabalhos executados e preparando o que julgar conveniente para maior desenvolvimento e boa marcha do Instituto no anno seguinte, remettendo igualmente um exemplar desse relatório á Directoria Geral do Ministerio de Educação e outro ao encarregado da Remodelação do Ensino Profissional Technico do Ministerio da Educação;

13 — Franquear ao publico, sem perturbação dos trabalhos, a visita ao Instituto e suas dependencias;

14 — Fazer conferencias sobre as vantagens economicas e sociaes das associações cooperativas e de mutualidade;

15 — Permanecer no estabelecimento durante as horas de trabalho diurno e nocturno, afim de melhor zelar pelo cumprimento de suas ordens e manter a disciplina indispensavel no ensino e a boa ordem da administração;

16 — Promover diversões e exercicios physicos e procurar desenvolver nos alumnos os sentimentos moraes e civicos;

17 — Verificar a exigencia de objectos estragados, mandando aproveitar os consertaveis e promovendo a baixa dos inserviveis;

18 — Autorizar de accordo com os recursos das competentes verbas as despesas do Instituto;

19 — Aplicar penas de accordo com o Regulamento da Instrução Publica.

Art. 27º. — Compete ao Sub-Director Technico:

1 — Substituir o Director em suas faltas e impedimentos;

2 — Superintender o ensino de desenho e trabalhos manuaes, ministrando nos cursos infantil e primario;

3 — Ensinar desenho profissional;

4 — Superintender o ensino das officinas;

5 — Distribuir os trabalhos das officinas, de accordo com os mestres;

6 — Organizar a tabella das porcentagens que devem ser cobradas sobre o valor do material empregado na feitura das obras ou artefactos produzidos nas officinas, apresentando-a ao Director do Instituto para sujeita-la á approvação do Director do Departamento Geral da Instrução Publica que poderá altera-la, quando julgar conveniente;

7 — Promover o desenvolvimento dos serviços das officinas, accetando encomendas que satisfaçam as condições do presente regulamento;

8 — Permanecer no Instituto durante as horas do ensino do curso de desenho e trabalhos manuaes e do funcionamento das officinas;

9 — Pôr o visto nos orçamentos e projectos feitos pelos mestres.

Art. 28º. — Ao Inspector do Ensino compete:

7 — Justificar faltas do pessoal docente, administrativo e profissional, até quatro por mês;

8 — Enviar annualmente ao Director do Departamento Geral da Instrução e á Directoria Geral do Ministerio de Educação e Saude Publica, e á Remodelação do Ensino Profissional Technico, do citado Ministerio, um mappa da matricula dos alumnos com referencias feitas a cada um em relação á sua frequencia, comportamento e gráo de aproveitamento obtido;

9 — Adquirir material necessario ás officinas, mediante concorrência publica semestral ou, na falta, adquirir directamente;

10 — Organizar exposições dos trabalhos escolares;

11 — Distribuir entre os alumnos as diarias que lhes couberem;

12 — Apresentar ao Director do Departamento Geral da Instrução Publica até fins de dezembro, não só o balanço da receita e despesa do anno findo e orçamento da receita e despesa para o anno seguinte, mas tambem o relatório minucioso do estado do Instituto, em relação ao pessoal e material, expondo os principaes factos occorridos, dando conta dos trabalhos executados e preparando o que julgar conveniente para maior desenvolvimento e boa marcha do Instituto no anno seguinte, remettendo igualmente um exemplar desse relatório á Directoria Geral do Ministerio de Educação e outro ao encarregado da Remodelação do Ensino Profissional Technico do Ministerio da Educação;

13 — Franquear ao publico, sem perturbação dos trabalhos, a visita ao Instituto e suas dependencias;

14 — Fazer conferencias sobre as vantagens economicas e sociaes das associações cooperativas e de mutualidade;

15 — Permanecer no estabelecimento durante as horas de trabalho diurno e nocturno, afim de melhor zelar pelo cumprimento de suas ordens e manter a disciplina indispensavel no ensino e a boa ordem da administração;

16 — Promover diversões e exercicios physicos e procurar desenvolver nos alumnos os sentimentos moraes e civicos;

17 — Verificar a exigencia de objectos estragados, mandando aproveitar os consertaveis e promovendo a baixa dos inserviveis;

18 — Autorizar de accordo com os recursos das competentes verbas as despesas do Instituto;

19 — Aplicar penas de accordo com o Regulamento da Instrução Publica.

Art. 27º. — Compete ao Sub-Director Technico:

1 — Substituir o Director em suas faltas e impedimentos;

2 — Superintender o ensino de desenho e trabalhos manuaes, ministrado nos cursos infantil e primario;

3 — Ensinar desenho profissional;

4 — Superintender o ensino das officinas;

5 — Distribuir os trabalhos das officinas, de accordo com os mestres;

6 — Organizar a tabella das porcentagens que devem ser cobradas sobre o valor do material empregado na feitura das obras ou artefactos produzidos nas officinas, apresentando-a ao Director do Instituto para sujeita-la á approvação do Director do Departamento Geral da Instrução Publica que poderá altera-la, quando julgar conveniente;

7 — Promover o desenvolvimento dos serviços das officinas, acceitando encomendas que satisfaçam as condições do presente regulamento;

8 — Permanecer no Instituto durante as horas do ensino do curso de desenho e trabalhos manuaes e do funcionamento das officinas;

9 — Pôr o visto nos orçamentos e projectos feitos pelos mestres.

Art. 28º. — Ao Inspector do Ensino compete:

1 — Superintender todo o ensino literario, designar as professoras para os diversos annos dos cursos e applicar os methodos modernos de ensino nos programmas adoptados;

2 — Examinar ou mandar examinar os alumnos na occasião da matricula e classificá-los pelos seus adiantamentos;

3 — Prestar ao Director ou qualquer autoridade escolar, ou paes de alumnos, ou visitantes, quaesquer informações que a respeito do ensino lhe forem pedidas;

4 — Recolher diariamente das classes o boletim de frequencia, para fornecer ao Director, com a nota das merendas por distribuir;

5 — Requisitar todo o material de expediente escolar necessario;

6 — Permanecer no Instituto durante todo o tempo de expediente das classes de ensino literario;

7 — Fornecer á Secretaria os mappas parciaes das classes com o calculo de frequencia media, para a confecção do mappa geral que deve ser feito semestralmente;

8 — Designar substitutos para os professores que faltarem e propor a substituição aos que se licenciarem;

9 — Fazer lições em cada classe uma vez, ao menos, por mês, para melhor verificação do adiantamento dos alumnos;

10 — Organizar bancas examinadoras no fim do anno, que deverão funciõnar sob a presidencia do Director ou Sub-Director Technico;

Art. 29°. — Compete ao Escripturario:

1 — Ter em bõa ordem e sempre em dia a escripturação dos seguintes livros:

a) — Registro de prestação de contas;

b) — Caixa;

c) — Registro da dotação Escolar;

d) — Registro da Produccão e seu Destino;

e) — Registro das Merendas Fornecidas diariamente;

f) — Registro das Notas de Fornecimento;

g) — Registro de Facturas;

h) Registro do Material Manufacturado Existente em Deposito;

i) Registro do Balanço do Material das officinas;

2 — Ter sempre o Archivo em bõa ordem e asseio;

3 — Escrever e registrar toda a correspondencia;

4 — Tomar apontamentos de todas as occurrencias que tiverem de ser mencionadas no Relatorio do Director e apresenta-las a este, quando lhe forem pedidas, juntando todos os esclarecimentos necessarios;

5 — Escripturar todos os livros constantes do Art. 43 e os mappas, folhas de pagamentos e mais papeis relativos á contabilidade e á escripturação;

6 — Colligir e archivar em ordem todos os regulamentos, instrucções e portarias relativas ao Instituto;

7 — Archivar toda a correspondencia recebida e formar o respectivo indice;

8 — Organizar por ordem chronologica e archivar as minutas originaes do expediente;

9 — Comparecer ao Instituto á hora regimentar e não se retirar antes de preenchido o tempo do expediente diurno e nocturno;

10 — Processar e conferir as contas que tenham de ser pagas;

11 — Formar semestralmente o mappa geral de frequencia e aproveitamento dos alumnos, que será enviado ao Director do Departamento Ge-

e ao Encarregado da Remodelação do Ensino Profissional Technico, do Ministerio da Agricultura, e á Prefeitura Municipal de Penedo.

Art. 30º. — Aos professores e mestres de officina compete:

Comparecer á hora marcada para o começo das aulas e officinas e não se retirar antes de preencher o tempo que deve durar as lições ou aprendizagem, a cargo de cada um;

2 — Trabalhar diariamente seis horas, na conta da renda ordinaria do Instituto;

3 — Manter a disciplina na classe e na officina;

4 — Prestar ao professor de ensino literario e ao Sub-Director Technico de Ensino todas as informações necessarias á boa ordem do serviço de sua attribuição;

5 — Organizar no ultimo dia de cada mês um mappa contendo o numero de alumnos matriculados em sua classe ou officina, o numero de dias lectivos, o total dos comparecimentos e das faltas, e a frequencia media, para ser entregue á Secretaria;

6 — Organizar nos meses de junho e novembro uma relação nominal dos alumnos, com apreciação do comportamento, applicação e aproveitamento de cada um, de sua classe ou officina para ser entregue á Secretaria;

7 — Requisitar o material indispensavel ao ensino ou aprendizagem;

8 — Fazer parte das commissões examinadoras, ou exercer outra função qualquer determinada pelo Director.

Art. 31º. — Os Mestres Geraes de Officina deverão ensinar a arte ou officio da secção a seu cargo em todos os seus detalhes, de modo que os aprendizes fiquem habilitados a executa-los não só na officina como fora della.

Art. 32º. — Compete ainda aos Mestres Geraes:

1 — Organizar os projectos e orçamentos dos trabalhos escolares e das encommendas, sujeitando-os á apreciação do Sub-Director Technico;

2 — Distribuir os serviços pelos mestres, contra-mestres e alumnos, de accordo com a capacidade destes, ouvido o Sub-Director Technico;

3 — Requisitar mediante pedido assignado o material necessario para os trabalhos das suas officinas, conservando-os sob sua guarda e exclusiva responsabilidade;

4 — Fiscalizar o ensino ministrado pelos mestres e contra-mestres e ministrá-lo directamente, ficando a seu cargo especialmente a tecnologia e o desenho industrial de sua secção;

5 — Escripturar, em livro especial, todos os nomes dos alumnos, com a indicação dos exercicios e trabalhos que realizarem, mencionando as respectivas datas, as notas merecidas, alem de referencias aos projectos e orçamentos por elles elaborados;

6 — Cooperar com os Mestres e Contra-Mestres na execução dos trabalhos escolares e na dos industriaes;

7 — Escripturar em dia, methodicamente, o livro dos trabalhos da officina.

Art. 33º. — Compete aos Adjuntos de Professor auxiliar os respectivos professores, tomando conta da classe que lhes for designada; aos Contra-Mestres compete auxiliar os respectivos Mestres nos seus trabalhos, de accordo com as instruções recebidas.

Art. 34º. — Compete ao Fiscal masculino ou feminino manter a disciplina nos recreios e fora das aulas ou officinas.

Art. 35º. — Compete ao Almojarife Auxiliar da Escripta:

1 — Ter sob sua guarda, devidamente escripturado, todo o material

2 — Distribuir artigos de expediente, material e materia prima pelas aulas e officinas; de accordo com as requisições devidamente autorizadas;

3 — Auxiliar o secretario no expediente da secretaria.

Art. 36°. — Ao Porteiro compete:

1 — Abrir e fechar o estabelecimento ás horas convenientes, zelar pela conservação do edificio e dar execução a todas as ordens que receber do Director;

2 — Receber e protocollar a correspondencia e demais papeis dirigidos á Directoria;

3 — Expedir a correspondencia official, por meio de protocollo em que se possa verificar o respectivo recebimento;

4 — Distribuir a merenda escolar ás 12 horas de accordo com as instruções recebidas da Directoria;

5 — Auxiliar os fiscaes na manutenção da disciplina escolar;

6 — Determinar aos serventes os serviços de asseio do edificio, em todas as suas dependencias, com excepção das officinas que serão cuidadas pelos proprios aprendizes.

Art. 37°. — O provimento do cargo de Director do Instituto será de livre escolha do Governador, podendo ser escolhido dentro ou fóra do Magisterio, por contracto ou em commissão.

Art. 38°. — O governo contractará no pais ou no estrangeiro, pelo tempo que julgar conveniente, profissional de reconhecida competencia para exercer as funções de Sub-Director Technico do Instituto.

Art. 39°. — O provimento dos cargos de Inspector de Ensino, de Professor do Curso Infantil e Primario será feito por indicação do Director do Departamento Geral da Instrução Publica, designados em commissão pelo governo, principalmente dentre os professores que já tenham servido nos Grupos, com aproveitamento.

Art. 40°. — O provimento dos cargos de Professor Adjuncto do Curso de Desenho e Trabalhos Manuaes, além das condições do artigo anterior, poderá ser feito por contracto com pessoas estranhas ao magisterio publico do Estado, indicados ao governo pela Directoria do Departamento Geral da Instrução Publica.

§ Unico. — Enquanto não houver alumno-mestre diplomado pelo Regulamento n. 1.412 de 20 de dezembro de 1930, poderão ser nomeadas pessoas idoneas e de comprovada capacidade para adjunctos dos cursos infantil ou primario do Instituto, por proposta do Director do Departamento Geral da Instrução Publica.

Art. 41°. — Os cargos de Mestre e Contra-Mestre serão providos mediante contracto por um anno, pelo governo, por indicação do Director do Departamento Geral da Instrução Publica, ouvido o Sub-Director Technico do Instituto.

§ Primeiro. — Tres annos depois do funcionamento regular de cada secção, será aberto concurso para o aproveitamento effectivo dos cargos de Mestres e Contra-Mestres, observadas as mesmas disposições para igual cargo nas escolas federaes de Aprendizes Artifices.

§ Segundo. — São validos para o Instituto os concursos feitos nas Escolas Federaes de Apendizes Artifices.

Art. 42°. — O provimento dos demais cargos é de livre escolha do governo.

Art. 43°. — Além dos livros adoptados na parte industrial do Instituto, haverá mais os seguintes:

a) Um livro de matricula;

b) Um de ponto diario para chamada dos alumnos em classes, e con-

- e De ponto diario do pessoal docente e administrativo;
- d) Um de acta de exames e promoções;
- c) Um de visitas;
- f) Um de inventario do material;
- g) Um para correspondencia;
- h) Um para elogios e penas;
- i) Um para termos de inspecção de delegados da Directoria do Departamento Geral da Instrucção Publica, de delegado do Ministerio de Educação ou de alguma autoridade em materia de ensino profissional;
- j) Um de assentamentos do pessoal, com indicação do nome, idade, estado, categoria, data de nomeação, posse, exercicios, licenças, suspensões, elogios e tudo mais que possa affectar ou interessar sua carreira publica;
- k) Um de termos de posse dos funcionarios.

Art. 44º. — As faltas dos alumnos serão justificadas pelo Director, ouvidos o Inspector de Ensino e o Sub-Director Technico.

§ Unico. — O aprendiz que der por anno 30 faltas não justificadas nas officinas perderá direito de ser promovido nesse anno no curso de artes, ainda que tenha desenvolvimento sufficiente ao curso literario.

Art. 45º. — No fim de cada anno lectivo proceder-se-á aos exames dos alumnos que tiverem frequentado assiduamente as aulas e officinas, sendo para tal fim organizada uma mesa julgadora, composta do Sub-Director Technico ou do Inspector do Ensino, do professor ou Mestre da respectiva materia, e nos exames finais, sempre que for possivel de outro profissional estranho ao Instituto, convidado pelo Director.

Art. 46º. — O alumno que houver concluido o seu apprendizado de uma secção receberá um certificado do gráo de aproveitamento obtido.

§ Primeiro. — A entrega desse certificado será solenne e terá logar no dia 1º de maio.

§ Segundo. — Juntamente com o certificado de aproveitamento o aprendiz receberá uma collecção de ferramentas e utensilios proprios para o seu officio, de custo arbitrado pelo Director do Departamento Geral da Instrucção Publica.

Art. 47º. — Aos tres alumnos que mais se distinguiram no curso de mecanica pratica e trabalhos em madeira, o governo dará uma pensão de 250\$000 mensaes, por 4 annos, para o aperfeicoamento desses estudos na Escola Normal de Artes e Officios "Wenceslau Braz", no Districto Federal, mantida pelo Ministerio de Educação ou em outro qualquer estabelecimento de ensino profissional technico.

§ Unico. — O Director do Departamento Geral da Instrucção Publica dará instrucções para matricula, fiscalização do comportamento e aproveitamento do alumno pensionista.

Art. 48º. — Será organizada no Instituto uma Bibliotheca, um Museu destinados á leitura e a falicitar aos alumnos o estudo de lições de cousas e desenvolver-lhes a faculdade de observação.

Art. 49º. — Em suas faltas e impedimentos, o director será substituido pelo Sub-Director Technico, e na falta deste, pelo Inspector do Ensino; o Sub-Director Technico por um Mestre da officina, á escolha do Director; o Inspector de Ensino por um Professor; o Secretario por um Almojarife; o Professor e o Mestre por um Adjuncto e Contra-Mestre respectivamente; o Almojarife pelo Porteiro, e este por um Contra-Mestre ou Servente, á escolha do Director.

Art. 50º. — O Instituto aceitará encomendas para confecção ou conserto, em suas officinas, sem preoccupação de concorrência commercial ou industrial, nas seguintes condições:

ção do preço, mediante orçamento feito, nas condições do presente regulamento.

§ Segundo — Cada orçamento será organizado com especificação da materia prima e accessorios que devem ser entregues, em especie e quantidade, as horas de trabalho ou a tarefa de alumnos e diaristas, bem assim a porcentagem que será abonada aos mestres e contra-mestres, como remuneração de trabalho fora das horas regulamentares:

§ Terceiro — Ao orçamento será feito um augmento de:

- a) — 3 % para compensação de uso das machinas e utensilios;
- b) — 2 % para o Director do Instituto;
- c) — 2 % para o Sub-Director Technico;
- d) — 1 % para o Mestre geral;
- e) — 1 % para os Mestres da secção do officio;
- f) — 1 % para os respectivos Contra-Mestres.

§ Quarto — Quando a encommenda comportar um lucro maior ao de que trata o § anterior, esse excesso será levado ao Caixa de Mutualidade.

§ Quinto — As quotas ou as importancias que sobrarem, como a porcentagem do Mestre geral, Contra-Mestre, etc. da officina, quando não houver taes funcionarios e a parte dos mestres, contra-mestres, das horas do trabalho ordinario, constituirão renda do Caixa Mutualidade.

Art. 51º. — As encommendas serão feitas nas seguintes condições:

a) — A parte fornecerá a materia prima, accessorios e o dinheiro orçado para a mão de obra;

b) — A parte fornecerá em dinheiro apenas 30 % do orçamento feito.

Art. 52º. — Nenhum trabalho será executado nas officinas sem permissoa do Director e sem que seja devidamente escripturado.

Art. 53º. — Poderá ser executada encommenda para os empregados do Instituto, mediante pagamento em prestações, que deverão ser liquidadas dentro do anno financeiro em que for executada a obra.

Art. 54º. — A proporção que forem sendo executadas encommendas e pagas, serão recolhidos a Recebedoria de Penedo 80 % do custo da materia prima empregada, quando fornecida pelo Instituto.

§ Primeiro — A verba destinada á materia prima será restituída ao Estado na razão de 80 %; — 20 % para desperdicios na aprendizagem das officinas.

§ Segundo — A quota de 3 % cobrados nos orçamentos das encommendas será recolhida a um Banco, em conta do Instituto, para renovação da ferramenta e machinas das officinas.

Art. 55º. — Quando o vulto ou a urgencia da encommenda exigir o emprego de diaristas ou tarefeiros estranhos ao Instituto, elles poderão ser admittidos sob responsabilidades do Sub-Director Technico e do Mestre da respectiva officina, correndo o pagamento pelas quotas de mão de obra constantes do orçamento.

§ Primeiro — Em cada orçamento será annexada uma folha de pagamento para lançamento das quotas pertencentes aos trabalhos extraordinarios dos Mestres e Contra-Mestres, bem como das diarias dos aprendizes que nella tomarem parte.

§ Segundo — O pagamento da parte das encommendas pertencente a cada alumno será feita em acto continuo ao dessas encommendas, sendo depositados 50 % num Banco, em conta pessoal.

§ Terceiro — Essas importancias só poderão ser levantadas de uma só vez, por occasião do termino do Curso do depositario.

§ Quarto — Os alumnos e ex-alumnos terão sempre preferencia nas empreitadas por tarefa para que tenham aptidão especial.

Art. 56º. — Independente de encommendas o Director poderá man

dar que sejam executadas, dentro das 6 horas do trabalho ordinario, obras industriaes a conta das sobras da verba destinada ao material, recolhendo este producto ao Caixa de Mutualidade.

Art. 57º. — No mês de dezembro (1) das ferias escolares concluir-se-ão, nas officinas, os trabalhos encomendados, reservando-se os dias finais desse mês para limpeza das machinas. Alem dos Mestres e Contra-Mestres, deverão servir nas officinas, durante o mês, os alumnos que se tenham comprometido espontaneamente a cooperar nos trabalhos industriaes.

Art. 58º. — No segundo mês das ferias (20 dias de janeiro) não haverá trabalho no Instituto, quer para alumnos, quer para Mestres e Contra-mestres.

Art. 59º. — Haverá, annualmente, uma exposição de artefactos das officinas, para o julgamento do gráo de adiantamento dos aprendizes e distribuição de premios aos mesmos.

§ Unico — A commissão julgadora para distribuição dos premios a que se refere este artigo será formada pelo Director, pelo Sub-Director Technico e pelos Mestres das officinas.

Art. 60º. — Os Mestres serão responsaveis pelos valores e utensilios existentes nas officinas.

Art. 61º. — No fim de cada mês o Mestre Geral, ou quem chefiar a officina, apresentará um balancete da materia prima que houver sobrado.

Art. 62º. — Aos alumnos que frequentarem as officinas será distribuida nos dias de aula uma merenda nutritiva e sadia, a criterio do Director, e do valor fixado pela lei orçamentaria.

Art. 63º. — A merenda é fornecida por igual a todos os aprendizes que estiverem nas officinas á hora fixada pelo director para a respectiva distribuição, independente de notas de applicação ou de comportamento.

Art. 64º. — O director fará adiantamento para as despesas de merendas ao Porteiro para ser por elle adquirida directamente e preparada na coziha do proprio Instituto.

Art. 65º. — Antes da distribuição a merenda será inspeccionada pelo Director.

Art. 66º. — Para determinar diariamente a quantidade da merenda, o Secretario entregará ao Porteiro, na 1ª hora do expediente, a nota do numero de alumnos que tiverem comparecido.

§ Primeiro — A nota de que trata este artigo servirá para conferencia, na prestação de contas mensal do fornecimento, a qual mencionará dia por dia a quantidade de merenda fornecida.

§ Segundo — Depois de feita a chamada das classes, cada Professor fornecerá um boletim de frequencia diaria, mencionando dentre os alumnos presentes quantos frequentam as officinas.

Art. 67º. — Ao ser installado o Instituto, será instituida a Associação Cooperativa e de Mutualidade.

Art. 68º. — A Associação compor-se-á de socios aspirantes, effectivos, protectores e honorarios.

§ Primeiro — São socios aspirantes os alumnos do curso infantil e primario e contribuirão com 200 réis por mês;

§ Segundo — São socios effectivos os alumnos do curso geral, que frequentarem ou não as officinas, contribuindo com 300 réis por mês.

§ Terceiro — São protectores os que trabalharem pelo engrandecimento da Mutualidade e lhe fizerem donativos de valor superior a 500\$000.

§ Quarto — São honorarios as pessoas notaveis e que se tornarem,

Art. 69°. — Os socios protectores e honorarios não participarão das vantagens concedidas pela Associação.

Art. 70°. — A Associação será administrada por uma directoria, composta de um presidente, um vice-presidente, um secretario e um thesoureiro.

§ Unico — O vice-presidente só funcionará nas faltas ou impedimentos do presidente.

Art. 71°. — Haverá um conselho fiscal composto de tres membros, eleitos em assembléa geral.

Art. 72°. — O lugar de presidente da Associação será designado pelo director do Departamento Geral da Instrução Publica, o de vice-presidente, secretario e thesoureiro por qualquer professor ou mestre, escolhido pelo presidente.

Art. 73°. — Para a constituição do Conselho Fiscal, o director do Instituto convocará no fim de cada anno lectivo a assembléa geral, para reunir-se sob sua presidencia, afim de eleger os tres membros de que elle se compoe.

Art. 74°. — Os cargos da directoria e do Conselho Fiscal não darão direito a remuneração alguma.

Art. 75°. — As assembléas geraes serão constituídas pelos representantes legais dos alumnos associados.

Art. 76°. — No fim de cada anno lectivo haverá reunião da assembléa geral, para verificação de contas, leitura de relatorio, que o presidente deve apresentar ao Director do Departamento Geral da Instrução Publica, e eleição dos membros do Conselho Fiscal para o anno seguinte.

§ Unico — O Director do Departamento Geral da Instrução Publica mandará um representante assistir ás assembléas.

Art. 77°. — Os alumnos poderão assistir ás assembléas geraes, sendo-lhes vedado tomar parte em qualquer discussão ou deliberação.

Art. 78°. — Todas as resoluções da directoria da Mutualidade e da Assembléa Geral constarão de actas, cujas copias authenticadas pelo presidente e membros do Conselho Fiscal, serão remetidas á directoria do Departamento Geral da Instrução Publica.

Art. 79°. — São fins da Associação:

a) — promover e auxiliar todas as medidas tendentes a facilitar a produção das officinas e augmentar-lhes a renda, sem prejuizo do ensino;

b) — promover o aperfeiçoamento dos productos;

c) — promover a defesa dos direitos e interesses dos alumnos do Instituto;

d) — desenvolver, por todos os modos, os pendores altruisticos dos alumnos, estimulando-lhes o sentimento de solidariedade;

e) — socorrer os alumnos nos casos de accidentes e molestias, até seis meses em cada anno, fornecendo-lhes medico, dentista e pharmacia;

f) — prover as despesas de enterramentos modestos, mas decentes, dos alumnos que fallecerem;

g) — fornecer roupa e calçado aos alumnos reconhecidamente pobres.

Art. 80°. — Constituirão os fundos da Associação:

a) — as mensalidades dos socios aspirantes e effectivos;

b) — a porcentagem sobre a renda liquida das officinas;

c) — os juros produzidos pelos depositos dos seus saldos nos Bancos;

d) — donativos de particulares;

e) — producto liquido de kermesses e diversões publicas;

f) — subvenção do municipio;

g) — juros de importancia emprestada ao Instituto para desenvolver a industrialização das officinas;

h) — verbas destinadas pelo orçamento do Estado;

i) — producto das vendas dos artigos feitos com quota dos 20 % do material da aprendizagem;

j) donativos e outras verbas não especificadas.

Art. 81º. — Os fundos sociaes constituem patrimonio inalienavel da Associação.

Art. 82º. — Aos Socios compete:

a) — pagar regularmente suas contribuições;

b) — auxiliar-se mutuamente em qualquer emergencia;

c) — cooperar, na medida de sua capacidade, para o progresso da Associação;

d) — comportar-se honestamente no Instituto e fora d'elle.

Art. 83º. — Compete ao presidente:

a) — presidir ás reuniões da directoria e ás assembléas geraes;

b) — resolver provisoriamente as questões que se sussitarem sobre a interpretação deste regulamento, submettendo-as immediatamente ao conhecimento do Director do Departamento Geral da Instrução Publica;

c) — convocar as assembléas geraes previstas neste Regulamento, sempre que julgar necessaria, ou quando forem requeridas por qualquer membro da directoria ou do Conselho Fiscal;

d) — representar a Associação em todos os seus actos com terceiros;

e) — assignar os documentos e recibos relativos a depositos nos Bancos, retiradas e applicação de fundos da Associação;

f) — fiscalizar a caixa da Associação;

g) — transmittir á Directoria do Departamento Geral da Instrução Publica todos os factos importantes que occorrerem na Associação;

Art. 84º. — Compete ao secretario:

a) — lavrar as actas das assembléas geraes e das deliberações da directoria;

b) — fazer a escripturação e a correspondencia da Associação;

c) — organizar os dados estatísticos da Associação e os balancetes trimestraes de que constam as verbas da receita e despesa da Associação.

Art. 85º. — Ao thesoureiro compete:

a) — receber e escripturar as quantias que constituem os fundos sociaes;

b) — recolher aos Bancos as quantias recebidas, devendo faze-lo mensalmente, ou sempre que tenha em seu poder importancia superior a 50\$000.

c) — receber e assignar os documentos necessarios para todos os depositos, retiradas e applicação dos fundos sociaes;

d) — fornecer ao secretario todos os documentos necessarios para os fins das letras b e c do art. anterior.

Art. 86º. — Compete ao Conselho Fiscal:

a) — visar os balancetes trimestraes e annuaes da Associação;

b) — apresentar á Assembléa Geral parecer sobre as contas prestadas pelo thesoureiro;

c) — dar parecer sobre a legitimidade das retiradas e applicação dos fundos sociaes.

Art. 87º. — A escripturação da Associação será feita por partidas dobradas.

Art. 88º. — O livro Contas Correntes, Diário e Razão ficarão a cargo do secretario; o Caixa, Borrador e talões de recibos, com os respectivos balancetes e contas de

Art. 89º. — Quando julgar conveniente e tendo em vista os fundos da Associação, a directoria adquirirá ou facilitará a aquisição, por meio de ajustes com casa fornecedora, de vestuários, livros e outros objectos uteis aos socios, facultando-lhes o pagamento em prestações.

Art. 90º. — Todas as despesas da Associação serão pagas a vista.

Art. 91º. — Nos casos omissos, quaesquer duvidas serão resolvidas pelo Director do Departamento Geral da Instrução Publica.

Art. 92º. — Quando for possível, o Director do Departamento Geral da Instrução dará organização escoteira ao Instituto.

Art. 93º. — O Instituto fornecerá aos alumnos pobres todo o expediente escolar necessario.

Art. 94º. — A Inspectoria medico-escolar será exercida pelo medico delegado de hygiene de Penedo, pela professora de Educação Physica e pelo pelotão de saude.

§ Primeiro — Ao medico compete:

1 — Organizar a ficha sanitaria de cada alumno, procedendo ao exame clinico necessario.

2 — Distribuir na medida do possível as crianças em Grupos para recreios compatíveis com os defeitos physicos ou taras nervosas que por acaso apresentem.

3 — Visitar o Instituto tres vezes por semana e sempre que para isto for solicitado pelo Director do estabelecimento.

4 — Examinar cada alumno apontado doente pela professora ou pelo pelotão de saude, prescrever a medicação necessaria ou orientar o internamento em estabelecimento adequado no caso de carencia de recursos.

5 — Afastar até a cura radical todo alumno portador de doença contagiosa.

6 — Vaccinar e revaccinar contra variola todos os alumnos do Instituto.

7 — Solicitar, em emergencia de epidemia, da Saude Publica e da Directoria Geral da Instrução Publica as providencias hygienicas necessarias.

8 — Providenciar sobre medidas prophylaticas justificadas por qualquer caso clinico verificado no Instituto, participando immediatamente a Directoria da Saude Publica ou a quem a represente.

9 — Divulgar por meio de palestras quinzenaes, em linguagem accessivel á mentalidade dos alumnos, noções de hygiene, no sentido de evitar doenças que pela sua frequencia ou pela sua gravidade, quanto ao individuo ou quanto á collectividade, diminuïrem as possibilidades de trabalho e de economia particular e nacional.

10 — Examinar no inicio de cada anno escolar o corpo docente, providenciando para que sejam afastados os que possam constituir perigo á commuidade ou os que tenham sua capacidade de trabalho diminuida, de modo que o exercicio das funções ou seja prejudicado, ou no caso de esforço, seja prejudicial ao individuo.

11 — Dispensar, justificando por escripto ao Director do Estabelecimento, qualquer criança de suas obrigações escolares.

12 — Fazer voltar o alumno ás suas actividades, logo que esse esteja nas condições necessarias.

13 — Fazer constar de livro proprio todas as occorrencias do serviço clinico.

14 — Assignalar sua presença no Instituto por sua assignatura em livro especial para visitas medicas.

15 — Orientar o serviço do pelotão de saude consoante os casos que necessitarem cuidados especiaes.

16 — Determinar a especie e o tempo de gymnastica que um alumno pode fazer.

17 — Fazer assignalar na ficha de cada alumno, na parte *Observações*, os motivos medicos de qualquer suspensão de actividade escolar.

18 — Apresentar um relatorio no fim de cada periodo lectivo, sobre o seu trabalho com a justificativa de todos os seus actos.

§ Segundo — Cabe á Professora de Educação Physica:

1 — Fazer diariamente os exercicios de gymnastica, com as diversas turmas de alumnos.

2 — Auxiliar o medico escolar na organização da ficha sanitaria e em outros serviços de sua especialidade.

3 — Apresentar ao medico a criança cuja resistencia physica não seja compativel com o exercicio diario, solicitando instrucções especiaes para cada caso digno de cuidado.

4 — Afastar e enviar ao medico toda criança que, embora venha tendo resistencia normal, se apresente alguma vez com o organismo deprimido.

5 — Orientar a attitude dos alumnos que constituem o pelotão de saude, receber os seus informes e transmitti-los ao medico escolar.

6 — Chamar a attenção do medico sobre factos extraordinarios que fujam á percepção do pelotão de saude ou que necessitem discrição pela sua natureza.

§ Terceiro — O Pelotão de Saude será organizado pela professora de Educação Physica e será constituído por tantos alumnos quantos forem necessarios ao fim a que se destina, sendo suas attribuições:

1 — Communicar á professora de gymnastica todo accidente occorrido com qualquer alumno e transmittir-lhe a informação verbal ou por escripto colhida junto aos paes das crianças que se ausentem das obrigações normaes do Instituto.

2 — Transmittir aos alumnos doentes as instrucções que lhe derem a professora ou o medico.

Art. 95º. — Os professores de entrancia com exercicio no Instituto "Gabino Bezouro" farão estagio para promoção, na forma do Art. 189, letra *a* (primeira parte), *b*, *c*, *d* e *e*; Arts. 191, 192, 193 e 195 do Decreto n. 1140 de 19 de setembro de 1925, continuando esses professores a servir no mesmo Instituto, quando promovidos.

§ Unico — A professora que for encarregada da Educação Physica dos alumnos do Instituto, exercendo essas funcções sem remuneração especial, terá direito á promoção de entrancia, com dois annos de effectivo exercicio, independente de concurso.

Art. 96º. — Os diversos cargos constantes do presente Regulamento, ainda vagos e não incluídos na tabella annexa, só serão preenchidos quando houver verba orçamentaria para occorrer ás despesas respectivas.

Art. 97º. — O alumno matriculado no curso de Mecanica Pratica, que já tiver conhecimento desse officio, poderá fazer semestralmente, em exames especiaes, o exame do fim do anno, sendo promovido immediatamente, se obtiver approvação, ao anno seguinte.

§ Unico — Esse exame poderá ser feito na ultima quinzena de junho.

Art. 98º. — Revogam-se as disposições em contrario.

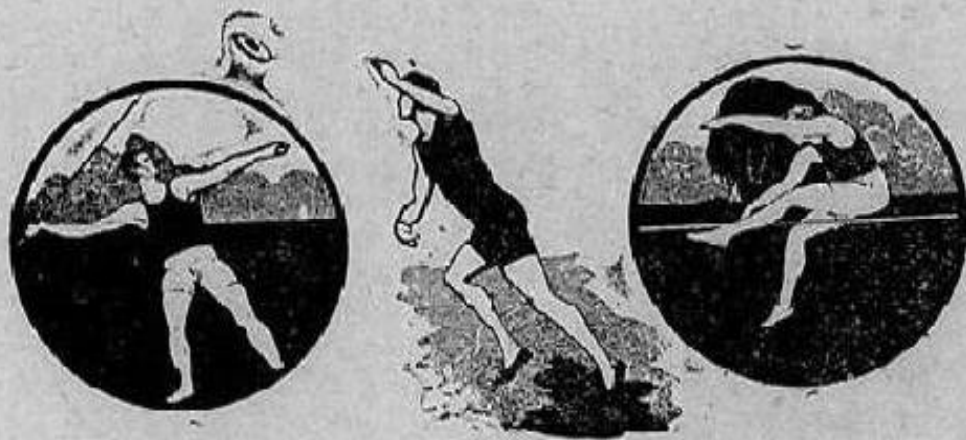
PROPOSTA DE TABELLA DE VENCIMENTOS PARA SERVIR AO INSTITUTO PROFISSIONAL "GABINO BEZOURO"

Director (gratificação)	1:200\$000
Inspector medico-escolar	3:000\$000
Professor de 1ª. entrancia	3:360\$000

Professor de 2. ^a entrada	3:980\$000
Professor de 3. ^a entrada	4:280\$000
Professor profissional: Costura e Corte; Desenho e Trabalhos Manuaes	2:400\$000
Adjuncto de professor	1:920\$000
Contra-Mestre de officinas	3:000\$000
Contra-Mestre de mecanica pratica servindo de motorista	3:600\$000
Gratificação a professor do Curso Rural	1:200\$000
Gratificação a professor do Curso Anexo a Escola Normal	1:200\$000
Gratificação a professor do curso nocturno (Curso de Aperfeiçoamento)	1:200\$000
Porteiro (servindo de Almojarife)	3:000\$000
Servente	1:200\$000

NOTA — Essa Tabella acompanhou o Regulamento atrás publicado. Uma e outro foram discutidos em sessão da S. A. E. e entregues ao Sr. Director da Instrução Publica, juntamente com o Projecto que o Governo Revolucionario do Estado adoptou pelo Decreto n. 1.423 de 1 de dezembro p. p. que criou o Instituto.

Com uma despesa inicial de menos de 30 contos, ainda paga pela duodecima, o Governo se apparelharia para pleitear da União uma subvenção nunca inferior a 50 contos, com a qual manteria folgadoamente e sem outras despesas um educandario de primeira ordem, e que, só elle, bastaria para perpetuar através do futuro o nome do seu fundador.



O GOVERNO REVOLUCIONARIO E O ENSINO TECHINICO PROFISSIONAL

Oswaldo Maranhão

(da Escola Technico Profissional Masculina — Recife)

Já tivemos ensejo de mostrar que, só por meio da verdadeira educação profissional, conquistaremos o merecido conceito, que a nossa nacionalidade deve ter entre os povos cultos.

Convencido pela experiencia adquirida em 18 annos de tirocinio profissional vimos hoje affirmar que o ensino tecnico profissional não pode ser ministrado por professores que só conhecem o lado theorico da profissão.

A verdadeira didactica deste ensino exige, para a sua eficiencia, discriminar, combinar e executar toda a materia ensinada baseada na arithmetica e na geometria relacionadas ás artes.

Um professor puramente theorico, que não está apto a fazer discriminações nem combinações sobre calculos geometricos e arithmeticos applicados ás artes, que a technica profissional reclama, não pode ter eficiencia no ensino. Tambem não poderá ser este ensino ministrado por profissionaes, que apenas tenham a pratica e desconheçam a mathematica e a didactica do ensino tecnico-profissional.

O ensino dado empiricamente sem discriminações e sem base scientifica, como se ha feito até agora em nossas officinas, além de não alcançar a sua verdadeira finalidade, é injurioso numa escola profissional dos nossos dias.

Faz vergonha dar-se essa instrucção barbara e tão deficiente, que depois de 6 a 8 annos de aprendizagem apenas consegue um operario automatico, só se movendo guiado pela mentalidade alheia, incapaz de resolver de motu-proprio os problemas da sua arte.

Conclue-se destas observações que nem o professor de theorias sem o conhecimento do labyrintho das regras d'arte; nem o profissional sem o conhecimento mathematico, e didactico, que se prende á sua profissão, conseguirão o exito esperado numa escola modernamente criada segundo os processos da pedagogia.

Portanto o melhor caminho é prepararmos profissionaes em cursos de aperfeçoamento, fornecendo-lhes conhecimentos pedagogicos, de modo que possam elles habilitar-se theorica e praticamente nas suas profissões, sem o que o ensino profissional em nossas escolas será sempre deficientissimo.

No terreno das artes podemos dizer com o sociologo C. Colson: *O mais precioso patrimonio da humanidade é o conjuncto de conhecimentos theorico-praticos das profissões.*

Na "Escola Technica P. Masculina", deste Estado, onde ensinamos a technica da marcenaria e artes correlatas, applicamos durante este primeiro anno de ensino o systema theorico-pratico de ensinar as profissões, baseado na geometria e na arithmetica destas artes, com tão feliz resultado, que os alumnos apenas com oito meses de aprendizagem executaram grande numero de artefactos em madeira, expostos na referida secção á disposição de quem os queira examinar. O mais interessante é apreciar-se nos cadernos destes discentes o desenho constructivo de todas as peças confeccionadas, representando os seus principaes detalhes, as convenções das linhas e a cóta das escalas.

Já é alguma coisa conseguir isto numa escola ainda em formação; mas esta é a prova da eficiencia do ensino theorico-pratico das profissões.

O mestre da technica profissional, que quizer cingir em sua fronte os louros da victoria, terá de conduzir os seus alumnos pelo caminho theorico-pratico das profissões, ensinando a preparação e applicação systematica das ferramentas manuaes e mecanicas, bem como a empregar e graphar todas as medidas metricas, a fazer ampliações e reduções por escalas, a conhecer a analogia da materia prima, a executar series educativas dos primeiros exercicios dos trabalhos de arte, a empregar a arithmetica applicada aos calculos e mecanica das artes, a fazer a perfeita representação geometrica de todos os traçados da arte ensinada, e finalmente fazer o desenho constructivo, que os alumnos têm de executar para todos os trabalhos por elles confeccionados, em cadernos apropriados a este fim.





NOTICIÁRIO

Bibliotheca dos Profes-
sores Alagoanos

Num dos numeros anteriores desta Revista tratamos da formação da Bibliotheca dos Professores Alagoanos, na qual os elementos do nosso magisterio primario e secundario, incontestavelmente brilhantes, teriam oportunidade de firmar os seus creditos de representantes authenticos da nossa elite intellectual.

Accentuámos que, não nos faltando, graças a Deus, capacidades criadoras, vivíamos a ensinar pelos livros de S. Paulo, do Rio, de Minas, do Paraná, de Pernambuco, de Portugal, da Italia, dos Estados Unidos, da França, e só não ensinávamos pelos livros de Alagoas.

Noutro lugar, fizemos ainda referencia ao *Coração de Amicis*, que anda adoptado nas escolas brasileiras, como livro de leitura adelantada, com visível injuria ao espirito de brasilidade que não podia estar no escriptor italiano. Quando muito humanidade, de que, aliás, o livro é abundante.

É um livro italiano, cheio de nomes italianos, de logares italianos, de heroes italianos.

O governo de S. Paulo, antes da Revolução, havia posto a premio um livro escolar excellente para o Brasil e para S. Paulo, que substituísse aquelle livro — excellente para a Italia.

As nossas palavras eram de março e abril de ha dous annos passados, e o concurso paulista foi aberto em maio de 1930. (Cfr. *Educação* — N. de maio de 1930 — p. 246).

Andavamos, portanto, bem avisados.

Com a criação da Inspectoria Technica de Ensino a idéa da Bibliotheca dos Professores Alagoanos criou nova força de propulsão, porque os nossos professores primarios vão ser por ella orientados no sentido de prepararem as suas lições em cadernos especiaes, de modo que possam ser aproveitadas para publicação systematica. Os programmas do Curso Primario actualmente em vigor, os publicados no n. 20 desta *Revista*, supportam, pelo menos, um estagio de 5 annos, dentro do qual o autor poderá compensar-se francamente da canseira de sua elaboração.

Feitos com inspiração de estalona-gem, esses programmas têm pontos pouco accessiveis a professores do Interior, para quem um compendio tão barato quanto orientador seria um auxiliar indispensavel e até imprescindivel.

Com a attenuante de evitar o maior ou menor afastamento da sua execução por parte de algum professor por acaso ainda não integralizado nos assumptos da escola viva.

Tambem os professores do Curso Normal, cujos programmas publicaremos na proxima edição, vão entregar á Directoria do Departamento Geral da Instrução Publica as suas lições previamente preparadas, afim de serem publicadas em volumes especiaes, sob os cuidados desta "*Revista*", resalvado naturalmente o direito dos autores.

Temos a satisfação de registrar esse movimento tão sympathico ás boas letras patricias, quanto ás necessidades espirituaes do nosso professorado sempre a braços com a carestia verdadeiramente prohibitiva

dos livros nacionaes de orientação technica.

—<X>—

Uma das primeiras iniciativas da Sociedade Alagoana de Educação foi a criação, com caracter official, do Curso de Aperfeiçoamento para Professores, cujas bases foram approvadas numa de suas sessões e publicadas no n. 20 desta Revista — p. 86 a 90.

Agora, na reforma do Curso Normal do Estado de S. Paulo, o Dr. Lourenço Filho, director da Instrução Publica do grande Estado, criou o Curso de Aperfeiçoamento Pedagogico em 2 annos com 4 cadeiras:

- 1 — Physiologia applicada á hygiene e ao trabalho.
- 2 — Pedagogia geral e historia da educação.
- 3 — Psychologia e suas applicações á educação.
- 4 — Sociologia.

O nosso Curso de Aperfeiçoamento para Professores foi tambem de dous annos, com as seguintes cadeiras:

- 1 — Philologia e Literatura Brasileira.
- 2 — Pedagogia, Pedologia e Methodologia.
- 3 — Zoologia (anatomia e physiologia humanas).
- 4 — Psychologia.
- 5 — Hygiene geral e escolar.
- 6 — Sociologia.
- 7 — Direito Publico e Privado.

Essas 7 cadeiras podiam ser ainda modificadas, ou melhor, umas incorporadas a outras, no sentido da maior economia e melhor distribuição do trabalho didactico:

- 1 — Philologia e Literatura Brasileira.
- 2 — Pedagogia geral.
- 3 — Psychologia applicada á Educação.
- 4 — Sciencias naturaes applicadas.
- 5 — Didactica.
- 6 — Biologia geral — anatomia e physiologia humanas.
- 7 — Sociologia e Direito Usual.

O nosso Curso tem 2 cadeiras que o de S. Paulo não tem:

- a) — Philologia e Literatura.
- b) — Direito Publico e Privado, chamado tambem *direito usual*.

Entretanto, achamos que, pelo menos, direito usual deve fazer parte do Curso de Aperfeiçoamento, como estudo complementar de *instrucção moral e civica*.

Em vista da situação precaria que o Estado atravessa, obrigado a economias de toda a sorte, não podemos agora esperar a adopção e funcionamento *official* do nosso Curso de Aperfeiçoamento para Professores, que já devia ter sido installado em começos de 1930. A Sociedade Alagoana de Educação vae executá-lo por sua conta, certa de que faz ao professorado patricio um serviço do mais alto prestimo. E para isso o prestigio e o entusiasmo do Sr. Dr. Miguel Baptista, director do Departamento Geral da Instrucção Publica, cedendo á S. A. E. os salões da Escola Normal devidamente illuminados, porque o Curso só se poderá fazer á noite, são dos estimulos preciosos e imprescindiveis, cuja oportunidade nos vem salvar de um impasse quase irremovivel.

Para o mês, em abril, serão abertas as matriculas do Curso, e ainda nos principios de maio as suas aulas serão inauguradas, de accordo com a alteração do plano primitivo das materias, aconselhada pelo espirito de standardização que se deve observar sob o modelo paulista, e que será meio caminho andado para a necessaria federalização do Curso Normal, como ensino superior.

—<X>—

A Festa do Livro Realizou-se no dia 22 de março, domingo, ás 8 horas da manhã a *festa do livro*, levada a effeito pelo sr. Craveiro Costa, director do Grupo Escolar D. Pedro II, com um successo magnifico.

A festa obedeceu ao seguinte programma:

- I — Uma lição no Curso Pre-Escolar, pela professora Maria Ambrozio;

II — Uma lição de Leitura Analytica, pela professora Analia Leite, para entrega da *Cartilha dos Pequenininos*, do Prof. José Scaramelli;

III — Fundação do *Circulo de Colaboração Educacional D. Pedro II*, discurso do Prof. Auryno Maciel;

IV — Hymno de Alagoas, pelos alumnos do 4º. anno;

V — Jogos Infantis, pelos alumnos do 1º. anno, sob a direcção da professora Hermelinda Fazzio.

Os nossos confrades do "Jornal de Alagoas", registrando, na sua edição de 27, essa solennidade, fizeram-no nos termos que trascrevemos:

" A FESTA DO LIVRO

No ultimo domingo, nas nossas rodas pedagogicas registrou-se um acontecimento digno das mais vivas alviçaras.

O sr. Craveiro Costa, brilhante homem de letras e director do Grupo Escolar "D. Pedro II", levou a effeito uma festa escolar de grande significação patriótica, com a entrega das cartilhas de leitura aos meninos do primeiro anno do seu Grupo.

A essa solennidade chamou elle a *festa do livro*, pela primeira vez realzada no nosso meio. Em S. Paulo, onde se sabe que a instrução chegou á mais alta perfeição, faz-se essa festa com grande apparato, como convem a uma ephemeride que deve ser dominadora e perduravel na vida dos escolares.

A *festa do livro* do Grupo D. Pedro II estiveram presentes, na sua maior parte, os paes das crianças matriculadas naquelle estabelecimento, senhoras e senhorinhas da nossa *élite*, sem contar com o professorado primario e secundario que para lá affluu em numero desmedido.

Entre as pessoas do mundo official, além de outras, notamos o exmo. sr. dr. Amando Sampaio Costa, secretario do Interior, dr. Miguel Baptista, director da Instrução Publica, cel. Luis de França Albuquerque, commandante da Força Policial Militar, varios officiaes do 20º Batalhão de Caçadores e da Policia.

Do programma constou e foi executada irrepreensivelmente uma lição de cousas, sobre *pequenos* pela sta. Maria Rosalia di Ambrozio, competente montessorista do Grupo e que honra o nosso magisterio primario.

Depois a sta. Analia Leite, professora do primeiro anno, cujos alumnos iam receber a cartilha, fez uma demonstração analytica, a qual agradeu unanimemente.

Findos esses trabalhos, o sr. prof. Auryno Maciel, da nossa Escola Normal, falou sobre a criação do Circulo de Colaboração de Paes e Mestres que, por iniciativa do sr. Craveiro Costa, pela primeira vez tambem a nossa capital ia conhecer, como associação protectora e estimuladora da propaganda da educação e do ensino entre nós.

E' certo que já tinhamos a Sociedade Alagoana de Educação, constituída dos amigos da instrução de Alagoas, com os mesmos propositos; mas a instituição criada pelo sr. Craveiro Costa terá projecção mais directa sobre a vida e os interesses dos escolares, proporcionando-lhes festas, auxilios que nem sempre o Governo tem possibilidades de dar-lhes.

A idéa do illustre e infatigavel director do Grupo D. Pedro II é das que se podem chamar necessarias e utilissimas, e por isso a sua realização abriu margem a unanimes applausos da enorme assistencia.

Em seguida a srta. Hermelinda Fazzio, professora de gymnastica, fez, com uma turma de alumnos, varios jogos, encerrando alegremente o interessantissimo programma.

O sr. Craveiro Costa mereceu indiscutivelmente os calorosos parabens que lhe foram dados por todos os presentes, em cujo numero se achou um dos redactores do *Jornal de Alagoas*, honrando com especial sympathia o convite que esta redacção recebera.

A solennidade foi abrilhantada pela correcta banda de musica da F. P. M., graças á gentileza do seu illustre commandante."

Tambem *A Noticia* de 23 de mar-

co deu a esse respeito a seguinte local:

"NO GRUPO ESCOLAR D.
PEDRO II

A Festa do livro

Realizou-se hontem, segundo foi noticiado pela imprensa, a festa do livro, levada a effeito pelo Grupo Escolar D. Pedro II.

Esse grupo que é um dos mais bem organizados desta capital, fez uma festa por todos os aspectos encantadora e que deixou no espirito da numerosa assistencia uma impressão agradabilissima.

Estiverem presentes o exmo. sr. dr. Amando Sampaio Costa, secretario do Interior, o sr. dr. Miguel Baptista, director da Instrucção Publica, o sr. cel. Luis de França e Albuquerque, commandante da Força Policial Militar, o sr. prof. Luis Cerqueira, inspector tecnico de Ensino, além de muitos professores da Escola Normal, do Lyceu Alagoano da Academia de Sciencias Commercias de Alagoas, do Gymnasio de Maceió, dos demais Grupos Escolares, alumnas do curso normal, inumeros paes de familia, constituindo um auditorio que encheu literalmente os pateos internos do Grupo.

O programma que constou da festa do livro e da fundação do *Circulo de Paes e Professores*, foi cumprido a risca.

A prof. srta. Maria Rosalia di Ambrozzio deu uma lição curiosissima sobre peixes aos meninos do Curso Pre-escolar.

Tambem a profa. srta. Analia Leite deu uma prova de leitura analytica aos meninos do 1º anno que muito agradou.

Em seguida o sr. prof. Auryno Maciel falou sobre o Circulo de Paes e Professores que se fundava naquela solennidade, a primeira fundação no genero que Maceió possuia.

Em proxima edição publicaremos esse trabalho.

Tocou durante a festa a irrepreensivel banda da Força Policial Mi-

litar, offerecida gentilmente pelo seu illustre commandante.

Encerrou as festas uma turma de crianças sob a direcção da srta. Hermelinda Fazio, professora de Gymnastica, que fizeram interessantissimos jogos.

O nosso brilhante confrade sr. Craveiro Costa, incansavel director daquelle importante estabelecimento de educação e ensino primario, esta de grandes parabens, pela sua festa altamente instructiva e digna da mais larga emulação."

Depois do discurso do programma, o sr. dr. Miguel Baptista leu os nomes dos professores e paes que constituiram a 1ª Directoria do *Circulo*. Aclamados pela assistencia, elegeram elles entre si: Presidente, prof. Bernardes Junior; 1º secretaria, prof. Analia Leite; thesoureira, prof. Elisabeth Carrascosa; vogaes, sr. Helvecio Auto e prof. Auryno Maciel.

—<X>—

Campanha educativa
no Chile

Os trabalhos iniciados pela Directoria Geral de Educação Primaria para ampliar a preparação pedagogica dos professores, com a organização de cursos de aperfeiçoamento, intensificaram-se ultimamente no Chile com a distribuição de grande numero de livros e folhetos destinados á formação de bibliothecas populares.

Como serviço complementar dessas bibliothecas, foi criada uma exposição ambulante, transportada para os diversos nucleos, de trabalhos executados pelas escolas de onde se fundou uma bibliotheca desse genero.

Essa exposição está a cargo de um grupo de professores especializados em diversas materias, os quaes fazem uma serie de preleções nos diversos nucleos em que se exhibe a exposição.

—<X>—

Contra o analfabetismo no Alagoas

Para obrigar todas as crianças em idade escolar a frequentarem as aulas, as autoridades escolares da Republica de Alagoas...

tribuiram cartões de identificação a todos os alumnos de escolas federaes, municipaes e particulares.

Os menores que forem encontrados sem o cartão de identidade escolar serão presos, e seus paes soffrerão penalidades.

—<X>—

Instrução Profissional
para Prisioneiros no
Panamá

Na prisão de Penonomé, capital da Provincia de Coclé, foi organizada recentemente uma aula para ensinar os detentos a fazerem chapéus de palha.

E' a primeira vez que, nas prisões do interior da pequena Republica, se adopta o regime de proporcionar aos presidiarios o ensejo de aprenderem um officio durante o seu estagio de inutilidade e parasitismo.

—<X>—

As reformas revolu-
cionarias da nossa In-
strução

Com os decretos n. 1409 (5-11-30), 1428 (1º-12-30), n. 1429 (1º-12-30) e n. 1442 (20-12-30) o Governo Revolucionario de Alagoas satisfaz plenamente a necessidade da reorganização do nosso aparelho pedagogico.

Foram por esses actos de grande alcance administrativo respectivamente:

— criada a Inspectoria Technica de Ensino;

— criado o Instituto Profissional "Gabino Bezouro";

— reformado o Curso Normal do Estado,

— e criado o Curso Rural annexo a cada um dos Grupos Escolares dos Municipios.

A Directoria do Departamento Geral da Instrução Publica, encaminhando ao Sr. Dr. Orlando Araujo, então Secretario do Interior e cujas sympathias a todas essas realizações consagraram nelle o illustre e bom cidadão daquelle momento historico, justificou do modo seguinte a substituição das antigas Juntas Escolares pela nova Inspectoria:

"Um plano de ensino, por mais bem delineado que seja, deixa de ter a eficiencia desejada, se não encontrar quem o execute ou oriente como é preciso.

O actual Regulamento da Instrução Publica (Dec. n. 1.140 de 19 de setembro de 1925) criou nas sedes dos Municipios Juntas Escolares com a funcção de "propagar o desenvolvimento do ensino primario e fiscaliza-lo efficientemente". (Art. 310).

Essas Juntas são remuneradas e absorvem ao Estado annualmente 31.500\$000.

São exercidas conjuntamente por Promotores publicos, Delegados de Policia e Administradores de Recebedoria.

O Promotor, nem sempre é formado; e que o seja, não tem obrigação de entender de methodos de ensino.

Os Delegados de Policia e Administradores de Recebedoria são, em geral muito pouco letrados, e assim ainda mais compromettem a finalidade das elevadas funcções de que estão investidos.

Como poderá essa gente satisfazer as necessidades de tão arduo serviço?

As Juntas Escolares têm até hoje exercido funcções meramente policiacs, criando sempre difficuldades á Direcção Geral da Instrução Publica.

Essas Juntas, por serem constituídas de pessoas leigas em Pedagogia, quando tomam attitudes e providencias, sussitam incidentes irritantes, de resultados desastrosos e sobretudo humilhantes para o professorado, cuja moral desse modo abattida faz perder o entusiasmo da sua missão.

Dentro dos Regulamentos e da disciplina os chefes de serviço publico bem orientados encontram sempre meios de dar aos seus auxiliares a consideração necessaria, o prestigio indispensavel ao bom e regular exercicio da profissão.

Não tem acontecido o mesmo com os membros das Juntas Escolares.

varios Presidentes das quaes — naturalmente os mais illustres dos outros 2 membros — se tem feito prova de haverem mandado prender escolares e conduzi-los á Escola por soldados de policia e de mandarem ficar de braços abertos na calçada da Escola meninos de 8 a 12 annos de idade, expostos ao sol e á irrisão publica.

Essas deliberações e attitudes de funcionarios que não podem ter capacidade para exercer funcções pedagogicas, devem ser abolidas na hora presente, com a extincção dessas Juntas, onde não ha ainda direitos adquiridos.

Com a manutenção burocratica dessas Juntas o Estado dispende inutilmente uma verba orçamentaria de 31:500\$000, que poderá ser applicada numa perfeita fiscalização didactica, por profissionaes competentes, que fazem honra ao magisterio patricio, com melhor proveito para o ensino publico do Estado que precisa urgentemente de uma orientação assidua e vigilante, pondo o nosso apparatus pedagogico ao lado do de Minas Geraes e do de Pernambuco, especialmente contando nós com elementos da mais alta capacidade de trabalho neste particular, segundo se depreende do exito brilhante da "Cruzada Pedagogica de Alagoas" que o Departamento Geral da Instrucção Publica realizou.

E' preciso acabar-se com a lenda de que não possuímos os elementos necessarios ao nosso proprio progresso.

O que nos tem faltado é a intelligencia patriótica e a boa vontade capaz de realizar o controle de todo o ensino, como obra de verdadeira politica.

O serviço actual de fiscalização do ensino e expediente connexo dá ao Estado um onus de 82:500\$000.

Esses serviços, feitos com a devida orientação pedagogica, economizariam no Orçamento a apreciavel verba de 25:300\$000.

Para isso a Directoria do Departamento Geral da Instrucção Publica

damente o assumpto, e com a experiencia do longo tirocinio escolar, propõe a substituição das Juntas Escolares pela Inspectoria Technica de Ensino na conformidade do seguinte...

Seguia-se o projecto talqualmente foi adoptado pelo Governo.

O Governo Revolucionario compreendeu essa orientação e deu os passos iniciaes para o ataque do nosso maximo problema.

O Instituto "Gabino Bezouro" e o Curso de Professores Ruraes foram criações decisivas para a obra de libertação economica de Alagoas, que os governos passados quiseram resolver fóra da solução pedagogica.

O Grupo "Gabino Bezouro" está destinado a exercer uma influencia formidavel na zona sanfranciscana.

Não só nas margens aquem, como além, do Rio de S. Francisco, através de Sergipe, através dos sertões da Bahia, através dos sertões de Pernambuco. Com o seu Curso de Professores Ruraes — que pode ser adoptado por todos os Estados do Nordeste, porque a sua orientação satisfaz as necessidades do magisterio primario do septentrião — dentro em breve poderão estar matriculados lá meninos dos tres Estados vizinhos, uma vez que o professorato que se faz nas capitães não se consegue tão facilmente, por mais longe, como se pode fazer em Penedo.

E o Curso Anexo á Escola Normal de Maceió, que lá se criou, reflecte sobre o Instituto a mesma e mais larga projecção, que reclama do Governo a sympathia carinhosa e a solicitude abnegada de não lhe cohibir os surtos, endereçados ao engrandecimento espirital e politico de Alagoas.

A reforma da Escola Normal veio apenas como remate da serie de actos bem avisados que a Directoria da Instrucção Publica e a Sociedade Alagoana de Educação levaram ao estudo do Governo e os viram integralmente realizados.

Essa reforma deu azo a calorosos

meio e por parte de espiritos systematicos tolerados pela imprensa.

Mas a reforma, nas suas linhas geraes, estava certa. O Governo podia conservá-la integralmente.

Os principios nella expostos não desmentiam a capacidade e o espirito seguro dos que a elaboraram e a defenderam.

Veiu em seguida a reforma do Curso Normal de Pernambuco, e depois a reforma de S. Paulo. Do confronto das tres, pelo quadro seguinte, vê-se como andavamos bem inspirados, e que os oppugnadores atacavam o novo Curso apenas por semostração ou por perversidade.

CONFRONTO DO ENSINO NORMAL RECENTEMENTE REFORMADO NOS TADOS DE ALAGOAS, PERNAMBUCO E S. PAULO

<i>Alagoas</i> 20 de dezembro de 1930	<i>S. Paulo</i> 8 de fevereiro de 1931	<i>Pernambuco</i> 28 de fevereiro de 1931
<i>Curso Preparatorio Anexo em 1 anno</i>	<i>Curso Complementar em 3 annos</i>	<i>Curso Complementar em 2 annos</i>
Português e Calliphasia Francês Arithmetica e logicidade Geometria Pratica Geographia, cartographia e Cosmographia Historia Patria Noções de sciencias physicas e naturaes Desenho Musica Gymnastica Calligraphia	Português Francês Mathematica Geographia e Cosmographia Historia Geral e do Brasil Physica e Chimica, Sciencias naturaes com suas applicações Musica Trabalhos manuaes e desenho applicado Gymnastica	Português Francês Mathematica Geographia do Brasil Corographia do Brasil Historia especialmente do Brasil Sciencias physicas e naturaes Desenho Modelagem Musica e canto Trabalhos manuaes Educação physica

CURSO NORMAL

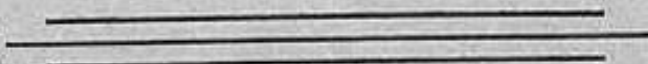
<i>Em 5 annos</i>	<i>Em 4 annos</i>	<i>Em 5 annos</i>
Português e Literatura Francês Arithmetica, Algebra e Geometria Geographia geral, Corographia do Brasil, Cartographia e Cosmographia Historia da Civilização e do Brasil Physica e Chimica Educação physica: hygiens geral e escolar, puericultura; biologia, anatomia	Português e Literatura Francês INGLÊS Mathematica Geographia e Cosmographia Historia Geral e do Brasil Physica e Chimica Biologia, Hygiene e Puericultura	Português Francês Inglês Mathematica Geographia (estudo geral e especial) Historia da Civilização e do Brasil Physica e Chimica Sciencias Naturaes: biologia geral, noções de mineralogia e geologia; es-

.....	mentar de anatomia e physiologia humanas
Pedagogia e Psychologia	Psychologia e Pedagogia	Hygiene Geral
.....	Instrucção Moral e Civica
.....	Psychologia e Pedologia
.....	Hygiene Escolar e Pueri- cultura
Modelagem, cartonagem, cordonagem, moldagem, decupagem, trabalho em metal e desenho appli- cado	Trabalhos manuaes e de- senho applicado	Cosmographia
Musica	Musica	Desenho e Modelagem
Gymnastica	Gymnastica
.....
Costura e Corte e Traba- lhos de Agulha para classes femininas	Musica
.....	Educação Physica
.....	Sociologia Educacional
.....	Trabalhos Manuaes
.....
Didactica	Organização escolar e Di- dactica	Canto Coral (Orpheão)
.....	Psychologia applicada a educação
.....	Pedagogia geral
.....	Didactica
.....	Trabalhos Manuaes e Eco- nomia Domestica
Pratica Escolar	Pratica Escolar	Pratica Pedagogica
Historia Natural	Sciencias Naturaes e suas applicações
Desenho	Desenho Pedagogico

Quem anda pelos caminhos rectos da lealdade e do bom-senso, se encontra quem o contrarie e desacoração, tambem encontra quem lhe louve os

actos dignos e a preocupação honesta de ser util.

Não pode ser outro o premio dos que se dedicam aos trabalhos sagrados do bem publico e do patriotismo.



INDICE

	PAG.
<i>Circulo de Collaboração Educacional</i>	Auryno Maciel 3
<i>A Escola Activa</i>	José Ribeiro Escobar 11
<i>A Escola e seu governo</i>	Julia Alves 19
<i>Treze de Maio (verso)</i>	D. Pedro II 21
<i>Noite Historica</i>	A. G. S. D. 22
<i>Apostillas ao estudo das apposições</i>	J. L. de Campos 26
<i>Licções de cousas</i>	Arnaldo Carneiro Leão 32
<i>Regulamento do Circulo de Collaboração Educacional</i> 46
<i>João Lyra</i>	Bernardes Junior 48
<i>O Ensino Agricola Domestico na Belgica</i> 51
<i>Regulamento do Instituto "Gabino Bezouro"</i> 53
<i>O Governo Revolucionario e o Ensino Technico Profissio-</i>
<i>sional</i>	Oswaldo Maranhão 72
NOTICIARIO :	
<i>Bibliotheca dos Professores Alagoanos</i> 74
<i>Curso de Aperfeiçoamento para Professores</i> 75
<i>A Festa do Livro</i> 75
<i>Campanha Educacional no Chile</i> 77
<i>Contra o analphabetismo no Equador</i> 77
<i>Instrucção Profissional para Prisioneiros no Panamá</i> 78
<i>A Reforma Revolucionaria da nossa Instrucção</i> 78

INDICE

	PAG.
<i>Circulo de Collaboração Educacional</i>	Auryno Maciel 3
<i>A Escola Activa</i>	José Ribeiro Escobar.. 11
<i>A Escola e seu governo</i>	Julia Alves 19
<i>Treze de Maio (verso)</i>	D. Pedro II 21
<i>Noite Historica</i>	A. G. S. D. 22
<i>Apostillas ao estudo das apposições</i>	J. L. de Campos 26
<i>Lições de cousas</i>	Arnaldo Carneiro Leão 32
<i>Regulamento do Circulo de Collaboração Educacional</i>	46
<i>João Lyra</i>	Bernardes Junior 48
<i>O Ensino Agricola Domestico na Belgica</i>	51
<i>Regulamento do Instituto "Gabino Bezouro"</i>	53
<i>O Governo Revolucionario e o Ensino Technico Profis-</i>	
<i>sional</i>	Oswaldo Maranhão .. 72
NOTICIARIO:	
<i>Bibliotheca dos Professores Alagoanos</i>	74
<i>Curso de Aperfeiçoamento para Professores</i>	75
<i>A Festa do Livro</i>	75
<i>Campanha Educacional no Chile</i>	77
<i>Contra o analphabetismo no Equador</i>	77
<i>Instrucção Frofissional para Prisioneiros no Panamá</i>	78
<i>A Reforma Revolucionaria da nossa Instrucção</i>	78

MEMÓRIA DOS PROFESSORES ALAGOANOS

**ANTOLOGIA DE PROSADORES E
POETAS DE ALAGOAS**

Anotações biographicas de LUIS
CERQUEIRA

e grammaticas de AURYNO
MACIEL

BREVEMENTE

Edição da REVISTA DE ENSINO